



PORTUGAL ASSINA O PONTO E NÃO DEIXA SAUDADES

FISCHER



O CAMPEÃO

Bobby Fischer realizou o seu sonho de infância, ao conquistar o título de campeão mundial de xadrez, devido à desistência de Boris Spassky, no vigésimo primeiro dos vinte e quatro jogos.

O novo campeão chegou atrasado para a sua própria coroação. Spassky analisou a partida durante toda a noite, em busca de um caminho que salvasse o empate e o seu título, mas telefonou para o árbitro Lothar Schmid, pouco depois do meio-dia, a anunciar a sua desistência, sem sequer retomar o jogo.

Spassky saiu do hotel algum tempo depois e um admirador aproximou-se, a fim de lhe desejar boa sorte.

«Obrigado, mas não preciso dela — replicou

Por
JIM WARD
ANI/UPI/DL.

Spassky, envergonhado e prosseguiu: — «Não continuarei a jogar hoje. Não, não é triste. É um acontecimento desportivo e Bobby é o novo campeão mundial».

Continua na pág. 4

MUNIQUE 72

Pelo
nosso enviado
NEVES DE SOUSA



Estamos a um passo do costume: bem cumprir a divisa do senhor de Coubertin, chegando aos Jogos apenas para marcar mais um risquinho na parede. Como fazem os garotos quando colecionam bonecos ou as miúdas em idade namoradeira. Chegar, ver e partir: sem deixar saudades. Chegar, não ver e partir: mais exactamente, porque em lugar de terem vindo aos jogos mestres e pedagogos que muito poderiam auxiliar ao volta-face que se impõe em todo o desporto português, vieram (por conta alheia ou por desembolso pessoal) famílias de gente amiga que, de 4 em 4 anos, se reúne à lareira olímpica para ver os melhores atletas de um mundo diferente.

Aqui ao meu lado, positivamente esmagado (e ele já viu muito sobre o planeta) está o Eduardo Gajeiro, que me acompanhou a uma manifestação contestatária de evangelistas, passou nas ruínas de Dachau e recebeu ordem de Lisboa para focar atentamente os portugueses em competição. A pergunta do bom do Gajeiro pode ser endereçada à Direcção-Geral dos Desportos: quem deu o seu beneplácito para esta descolorida insónsa embaixada? Quem autorizará que ela se prolongue nos (futuros) jogos do Canadá? Porque, amigos, é triste assistirmos diariamente a colocações no sopé de todas as tabelas: e, depois disso, escutarmos de ouvimos «distráidos» tudo o que sublinha o nome de Portugal na compita, com a citação de outros países.

Continua na pág. 16



Foi assim que o russo Borzov venceu Taylor nos 100 metros.



RESUMO

1) Vai ser estudado um projecto de portaria destinada a rever a tabela de trabalhos proibidos às mulheres, de acordo com o solicitado todas as Corporações pelo secretário de Estado do Trabalho e Previdência em despacho recente. Salienta o novo diploma que os progressos da técnica e a gradual mecanização do trabalho, aliados à melhoria das condições de higiene e segurança nas empresas, tornaram obsoletas as restrições vigentes sobre o trabalho feminino.

2) Mantém-se os preços dos adubos químicos na campanha agrícola de 1972/73, de acordo com uma portaria do secretário de Estado do Comércio, hoje publicada. O apelo do Estado, neste campo, sofre um aumento considerável, sendo de destacar a uniformização de preços entre o Continente e as Ilhas Adjacentes. 3) Surpresa completa na Casa Branca: Hanoi decidiu libertar três prisioneiros de guerra norte-americanos. Kennedy foi o primeiro a saber. Reacção do pai de um dos militares libertados: «É bom de mais para ser verdade».

HOJE: 32 PÁGINAS

O Chefe do Governo volta a visitar o Brasil

A Secretaria de Estado da Informação e Turismo comunica que, correspondendo ao convite formulado pelo Governo brasileiro, o sr. Presidente do Conselho desloca-se, no dia 6, à cidade de São Paulo, a fim de assistir ao encerramento das Comemorações do 150.º aniversário da independência do Brasil. O Prof. Marcello Caetano estará em São Paulo nos dias 6 e 7 e regressará no dia 8 com paragem de algumas horas no Rio de Janeiro onde receberá homenagens para que foi solicitado. (A íntegra do programa está na página 2)



No «podium»: Miller (Jamaica), Borzov e Taylor.

DL VIDA NACIONAL

O professor Marcello Caetano vai ao Brasil

A Secretaria de Estado da Informação e Turismo comunica:

Correspondendo ao convite formulado pelo Governo brasileiro, o sr. Presidente do Conselho desloca-se, no dia 6, à cidade de S. Paulo, a fim de assistir ao encerramento das comemorações do 150º aniversário da independência do Brasil.

O chefe do Governo estará em S. Paulo nos dias 6 e 7 e regressará no dia 8, com paragem de algumas horas no Rio de Janeiro, onde receberá homenagens para que foi solicitado.

Acompanham o sr. presidente do Conselho o ministro dos Negócios Estrangeiros, o director-geral dos Negócios Políticos, embaixador Caldeira Coelho e dois membros do seu gabinete.

PROGRAMA DA VISITA

RIO DE JANEIRO, 2 — (ANI) — É o seguinte o programa da visita do presidente

do Conselho português, prof. Marcello Caetano, ao Brasil: Dia 6 (quarta-feira) — De manhã: chegada ao Rio de Janeiro, em voo da TAP (escala técnica) e partida para São Paulo em avião da Força Aérea uraleira.

A chegada a São Paulo, o presidente do Conselho será recebido pelo presidente Emílio Garrastazu Médici e pelo Governo brasileiro, no aeroporto de Congonhas.

Ao chegar ao hotel São Paulo Hilton, o prof. Marcello Caetano receberá os cumprimentos da colónia portuguesa.

À tarde — cerimónia de inauguração dos restos mortais de D. Pedro I, na cripta do monumento à independência, na colina do Ipiranga. Visita, no palácio dos Bandeirantes, ao presidente da República do Brasil, que

entrega ao presidente do Conselho as insígnias da Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito.

Dia 7 (quinta-feira) — Manhã: parada militar comemorativa do sesquicentário, com a presença do presidente da República do Brasil.

À tarde: espectáculo de som e luz «Quatro Séculos de Brasil», nos jardins da colina do Ipiranga.

À noite: recepção oferecida pelo presidente Emílio Garrastazu Médici, no Palácio dos Bandeirantes.

Durante a sua permanência em S. Paulo, o presidente do Conselho oferecerá um almoço íntimo aos representantes da colónia portuguesa e assistirá à estreia da encenação inspirada nos «Lusiadas», no teatro da companhia Ruth Escobar.

Dia 8 (sexta-feira) — De manhã: partida para o Rio de Janeiro, em voo especial da Força Aérea brasileira. Chegada ao Rio, Cerimónia para outorga, ao prof. Marcello Caetano, do título de doutor «Honoris Causa» pela Universidade do Estado da Guanabara.

Visita ao Instituto Histórico e Geográfico brasileiro, durante a qual receberá o título de vice-presidente de honra.

À tarde: cerimónia de posse, como membro correspondente da Academia Brasileira de Letras.

Cerimónia de formatura da «Turma D. Pedro I», da faculdade brasileira de ciências jurídicas, no Teatro Municipal.

Cerimónia de entrega, ao prof. Marcello Caetano, do palácio de São Clemente, da Grã-Viz da Ordem de Mérito Educativo pelo ministro de Estado da Educação e Cultura.

À noite: partida para Lisboa, em voo TAP.

O funeral do dr. Vieira Machado

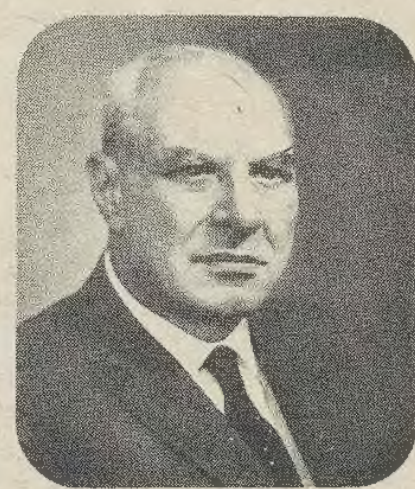
Com a participação de numerosas individualidades de relevo na vida política portuguesa, algumas em representação do Chefe de Estado e do Governo, realizou-se, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João, o funeral do dr. Francisco Vieira Machado, antigo membro do Governo e governador do Banco Nacional Ultramarino.

O dr. Vieira Machado, que contava 74 anos de idade, era casado com a sr.ª D. Maria do Carmo Conreiras Machado, pai da sr.ª D. Maria do Carmo Machado de Melo e sogro do eng.º Francisco Vasconcelos de Melo. Licenciado em Direito na Universidade de Lisboa, curso também Ciências Económicas, em Paris. Após ter exercido a advocacia, abandonou o foro para entrar ao serviço do Banco Nacional Ultramarino, em 1926.

Além da sua actividade de banqueiro, o dr. Francisco Vieira Machado foi deputado à Assembleia Nacional, procurador à Câmara Corporativa, sendo nomeado subsecretário de Estado das Colónias em 1934, funções em que se manteve até Fevereiro de 1935. De 1936, De 1936 a 1944 foi ministro das Colónias.

Foi vogal do Conselho Superior do Ultramar e, na qualidade de vice-presidente da I Conferência Económica do Império Colonial, interveio na discussão das propostas de lei sobre a criação do Conselho do Império e no projecto de alteração ao Acto Colonial.

Foi presidente do conselho de administração da Banque Franco-Portugaise d'Outre-Mer, de 1930 a 1963, director-presidente



te do Anglo-Portuguese Bank, de 1930 a 1963, administrador da Companhia de Seguros «A Mundial», de 1943 a 1968.

Era membro da Comissão Portuguesa do Atlântico, desde a sua fundação (1960) e pertenceu à comissão central da União Nacional, tendo sido, também, vogal do Conselho do Império Colonial Português.

De 1955 a 1965 foi chanceler da Ordem do Império, da qual possuía a Grã-Cruz. Entre muitas outras distinções honoríficas que possuía, salientam-se as Grã-Cruzes de Cristo (Portugal), do Cruzeiro do Sul (Brasil), do Mérito Naval (Espanha), do Império Britânico, da La Couronne (Bélgica), de S. Sislvestre (papal) e do Santo Sepulcro.

Era cidadão honorário das cidades da Beira, Benguela, Lobito, Sã da Bandeira e Rio de Janeiro.

O dr. Francisco Vieira Machado era autor de diversas obras, entre as quais se destacavam as seguintes publicações: «Grandes Empréstimos de Guerra», «Degredo para África», «Projectos de Decretos», «Alguns Discursos Proferidos em África...», «O Doutor Manuel Rodrigues — o Estadista e o Homem», «Cultura do Arroz em Moçambique — no 1.º Centenário do B. N. U.», «Os Cem Anos do B. N. U.» (discursos proferidos na Sociedade de Geografia).

Fernando Santos não toureia em Vila Franca

Em virtude duma cornada que lhe atingiu a mão direita, quando treinava na ganaderia de Artur Alves em Coruche, o matador Fernando dos Santos contraiu um hematoma que lhe não permite actuar amanhã no espectáculo de homenagem a um bandarilheiro em Vila Franca.

O médico que o assistiu só lhe permite retomar a actividade dentro de uma semana.

Termina o simpósio de transformação bacteriana

Termina ao fim da tarde de hoje o Simpósio Europeu de Transformação Bacteriana que há três dias está reunido no Instituto Gulbenkian de Ciências, em Oeiras.

Setenta cientistas de onze países apresentaram diversas comunicações, tendentes a melhorar a investigação dos mecanismos moleculares da transformação genética de bactérias pela ADN.

O Simpósio termina com um banquete oferecido a todos os congressistas. Alguns começam esta tarde a regressar aos respectivos países. Os trabalhos têm sido coordenados pelo prof. Luis Archer.

Rank Filmes de Portugal, Lda. nomeia para o cargo de Chefe de Vendas Augusto Franco Rodrigues

Depois de, durante 31 anos, exercer a sua actividade numa das primeiras companhias africanas, o senhor Augusto Franco Rodrigues foi chamado para exercer as funções de Chefe de Vendas da Rank Filmes de Portugal, Lda.

A estima e a consideração que este profissional de cinema granjeou ao longo duma brilhante carreira na Distribuição em Portugal, culmina, agora, com a nomeação para um cargo de elevada responsabilidade numa das mais importantes Campanhas Cinematográficas do nosso País.



Opinião

AS VIRTUDES DA "MEGALOMANIA"

Contrariamente ao que fora noticiado pela imprensa, não morreram de febre aftosa os suínos lançados às valas de irrigação do Baixo Mondego. Foi essa a conclusão do inquérito epizootológico ordenado pelos Serviços Pecuários, que presumem ter sido a peste clássica ou africana a causa da morte. Também se informa que «foram tomadas as medidas ou providências que o caso requeria», ainda que, por nossa parte, leigos que somos na matéria, custe a entender que se possa garantir que os suínos não se encontravam atacados de febre aftosa, ao mesmo tempo que apenas se admite que possivelmente a causa da morte teria sido antes a peste clássica... se se desse a inversa, também se garantiria que não fora a febre clássica, mas que seria, possivelmente, a febre aftosa? Será mais fácil determinar a «causa mortis» no segundo caso do que no primeiro?

Este reparo não pretende minimizar os serviços prestados pela Pecuária nem pôr em dúvida as conclusões do inquérito, mas tão-somente recordar a importância de uma informação completa, sem ambiguidades que obscureçam a clareza da verdade que se pretende comunicar. No caso presente, o público ficou a saber que não há febre aftosa em Portugal, mas continua na ignorância em que estava sobre as causas da morte de suínos no Baixo Mondego. Quanto a isto, ainda não se saiu do domínio da possibilidade...

Referem também os Serviços Pecuários, na nota distribuída à Imprensa, as extraordinárias dificuldades com que as entidades oficiais lutam no campo da erradicação das doenças contagiosas dos animais, declaração que, por outro viés, vem ao encontro de uma observação por nós feita no editorial que, no dia 24 do mês passado, dedicámos a este assunto. Escrevemos então: Importa saber se os Serviços Pecuários estão a exercer, efectivamente, a dupla acção que lhes incumbe, e se lhes foram atribuídos meios e poderes suficientes para a exercer. Muitas vezes, só a falta desses meios e desses poderes cerceia o trabalho dos organismos competentes. Aproveitando a oportunidade desta comunicação à Imprensa, os Serviços Pecuários indicam os níveis em que se tem desdobrado a sua acção a qual, se apresenta amplitude bastante, permite, no entanto, algumas dúvidas quanto à profundidade em que se desenvolve. Há algo de rotineiro no seu esquema de trabalho, ou então, para não offendermos sequer ao de leve a justiça, diremos que preferiríamos uma expressão mais dinâmica dele.

Aliás (e era mais precisamente este aspecto que nos propúnhamos focar), parecia-nos excelente para o bem-estar da colectividade nacional que cada serviço público sofresse de um pouco de «megalomania» isto é, se considerasse «mais importante» que todos os outros serviços e actuasse, tanto no plano dos seus direitos como no plano dos seus deveres em conformidade com essa maneira de ser... Claro que não nos referíamos à tendência muitas vezes verificada, para a sobrecarga burocrática, razão de queixa clássica do contribuinte: a «megalomania» que preconizamos obedece a motivos mais nobres que dariam à designação «serviço público» o seu verdadeiro e profundo sentido...

Nesse estado de espírito, todos e cada um dos nossos serviços públicos estariam igualmente atentos à reivindicação de poderes e meios de trabalho e à aplicação rigorosa sistemática, dinâmica desses meios e desses poderes, precisamente, num caso como outro caso, o contrário da rotina e do espírito fechado da burocracia. E aqui está como, não o tendo previsto antes, fechámos o círculo iniciado no editorial de 24 de Agosto...

ANDREI SAKHAROV

CARTA ABERTA A BREJNEV



Pai da bomba H russa, membro da Academia das Ciências, co-fundador de uma comissão oficial para a defesa dos direitos do Homem, o professor Andrei Sakharov, de 51 anos, é o crítico mais ilustre do regime soviético. A sua notoriedade, a exemplo do que ocorre com o romancista Soljenitsin, tem-no deixado, até agora, imune às represálias. Já «anotado» em 1968 por ter difundido clandestinamente um manuscrito intitulado Reflexões sobre o progresso, a coexistência pacífica e a liberdade individual, Sakharov mandou, em 5 de Março de 1971, a Leonidas Brejnev, um memorial em que propunha um vasto programa de reformas. «Ninguém me respondeu», diz. «Nada mais me restava fazer do que torná-lo público, acrescentando um «post-scriptum». Este «post-scriptum», chegou ao Ocidente com data de Junho de 1972. Ei-lo a seguir.

A nossa sociedade está doente de apatia, de hipocrisia, de egoísmo miúdo, de crueldade escondida. A maior parte daqueles que estão no alto — aparelho administrativo do partido e do governo, intelectuais gratos ao regime — não, mostrando-se completamente indiferentes às violações dos direitos do Homem, à necessidade de progresso, à segurança da Humanidade futura.

Outros, nas profundezas da sua alma, preocupam-se com isso. Mas não podem permitir-se a mínima liberdade de pensamento, nada mais lhes resta do que torturar o cérebro. A embriaguez é já uma calamidade nacional. É um dos sintomas da degradação moral de uma sociedade que se afunda cada vez mais no alcoolismo crónico.

Para que o país reencontre a sua alma, precisa eliminar estas condições, que impelem a gente ao conformismo e à hipocrisia, que criam a insatisfação, a desilusão, a impotência. É preciso assegurar a cada um, com factos e não com palavras, iguais possibilidades de trabalho, de educação, de cultura. É preciso eliminar o sistema dos privilégios em todos os sectores do consumo. É essencial uma total liberdade assim como uma radical reforma da educação e a abolição de toda e qualquer perseguição ideológica, sob toda e qualquer forma. Sobre estes pontos se fundamentam muitas das propostas por mim indicadas no memorial que envié a Leonidas Brejnev.

Um dos problemas fundamentais por mim postos é o melhoramento das condições materiais e da independência dos dois grupos mais numerosos e importantes da «intelligentia»: os professores e os médicos. As condições carídeas da instrução e da sanidade públicas são cuidadosamente escondidas dos estrangeiros, mas não podem permanecer ocultas a quem as quiser ver. Hospitais e escolas gratuitas são apenas uma ilusão económica numa sociedade em que o governo absorve e reparte todo o proveito.

A sanidade e a educação reflectem, de uma maneira particularmente perniciosa, a estrutura hierárquica das nossas classes sociais e o sistema dos privilégios. Ao povo estão reservados hospitais obsoletos, escolas em que o professor, também ele pobre e oprimido, ministra um ensino pleno de hipocrisia convencional,

difundido entre as jovens gerações uma mentalidade indiferente aos valores artísticos, científicos e morais.

Para curar esta sociedade é preciso, antes do mais, acabar com as perseguições políticas sob as suas várias formas judiciárias e psiquiátricas, com os favores concedidos a uma burocracia beata e com a intervenção de um governo totalitário na vida dos cidadãos: excoerções, exclusões do ensino superior, recusa de licença de residência atrasos nas promoções, etc.

Os dirigentes não têm correspondido a este renascimento moral do povo e da «intelligentia», que parecia iniciado quando se pôs um freio às manifestações mais extremas do cego terrorismo de Estaline. Não houve nenhuma mudança fundamental das estruturas de base, sociais e ideológicas da U.R.S.S.

Inquietação e dor impelem, também, a sublinhar novas restrições à liberdade das ideias e da informação, um constante multiplicar-se das perseguições políticas e ideológicas, um exacerbar-se dos problemas das minorias nacionais, etc.

Nos 15 meses decorridos desde que apresentei o meu memorial, deram-se novas e inquietantes provas do agravamento destas tendências.

Particularmente alarmante a onda de prisões verificada durante os primeiros meses de 1972. O uso que se faz da psiquiatria para fins políticos é absolutamente intolerável e comporta para a sociedade consequências extremamente perigosas. Abundam, a este propósito, protestos e declarações. Mas o general Piotr Grigorenko, Vladimir Gershuni e tantos outros estão ainda internados em clínicas psiquiátricas. De Victor Feinberg e Vladimir Borisov não se sabe nada. (Numa carta aberta do dia 1 de Agosto ao ministro da Saúde, Petrovski, Sakharov anunciou que Feinberg e Borisov estão «às portas da morte» no hospital psiquiátrico de Leninegrado, onde se encontram internados há mais de três anos. Feinberg, crítico de arte, foi preso em 25 de Agosto de 1968 por ter manifestado, na Praça Vermelha, a sua opinião contra a invasão da Checoslováquia. Borisov, engenheiro, havia assinado uma petição às Nações Unidas para protestar contra as prisões por motivos políticos na U.R.S.S. Segundo Sakharov, uma comissão médica reconheceu os seus problemas. Porém, uma decisão judiciária mantém-nos ainda internados.

(N. da R.). Há, ainda, outros casos, como o do poeta Luponov, na Ucrânia.

A perseguição, o aniquilamento da religião continuam há décadas com crueldade obstinada. Trata-se de um atentado aos direitos do Homem, particularmente preme de consequências. A liberdade de religião é parte integrante da liberdade intelectual. Infelizmente, os últimos meses têm assistido a outras perseguições, especialmente dos mísseis antimísseis e dos mísseis estratégicos. Muito se desejava acreditar que os chefes políticos e os dirigentes dos complexos militares-industriais soviéticos e americanos se sentem responsáveis perante a Humanidade. Muitos se desejaria acreditar que estes acordos não tenham apenas valor simbólico, mas que travarão eficazmente a corrida aos armamentos e conduzirão a providências capazes de suavizar o clima político de um mundo esgotado pelo sofrimento.

Faço apelo não só aos meus leitores soviéticos mas, também, a quantos me lerem no estrangeiro, na esperança de que contribuam activamente para esta luta pelos direitos do Homem. Espero, ainda, que a minha voz, que vem do mundo socialista, ajude a compreender melhor as lições da história das últimas décadas.



Yuri Tiltov, o pintor internado num hospital psiquiátrico de Moscovo pelas suas críticas ao regime. A foto foi obtida em Março passado.

LICEU
E CICLO PREPARATÓRIO
DIURNO — NOCTURNO
Sá de Miranda
RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 — LISBOA
TELEF.: SECRETARIA 4 53 10 — DIRECÇÃO 53 75 32

externato
AMADIS
DIURNO E NOCTURNO

• PREPARATÓRIO • LICEAL
• COMERCIAL • SALAS DE ESTUDO
ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, LOTE 2
(Em frente do posto da Saeor) — Telef. 70 69 74/5
NA AMADORA

IPAVIL
CURSOS AUDIO-VISUAIS DE LÍNGUAS
(prof. nacionalidade) (máx. 9 alunos sessão)
CURSO LICEAL NOCTURNO
(Máx. de 25 alunos turma)
SALAS DE ESTUDO
EXPLICAÇÕES INDIVIDUAIS
(orientados por professores do Liceu Francês Charles Lepierre)
ABERTAS AS INSCRIÇÕES
Inf.: Av. Almirante Reis, 63-Lº (junto est. do Metro Anjos) Telef. 45293

Externatos AV. DA REPÚBLICA, 83-52
TEL. 77 90 47 - 76 96 20

CRISFAL
LICEU — CICLO PREPARATÓRIO
MANHÃ — TARDE — NOITE

DI/GERAL

Fischer, o campeão

Continuação da pag. 1

Schmid é o presidente da Federação Mundial de Xadrez. Ma Euwe — o último não-russo a deter o título — arranjaram apressadamente a cerimónia da coroação, na sala dos jogos.

Partiram para o hotel de Fischer, a fim de o informar que era o novo campeão. E o jogador norte-americano pediu uma declaração por escrito de Spassky.

Com as peças ainda sobre o tabuleiro, onde continuavam desde ontem à noite, altura em que foi adiado o vigésimo primeiro jogo, Schmid sentou-se à sua secretária, à espera. Fischer, fiel à sua atitude caprichosa, chegou dezasseis minutos atrasado.

Centenas de pessoas, que compareceram convencidas que iam assistir a uma partida de xadrez, romperam num estrondoso aplauso e gritaram «Bobby, Bobby».

O novo campeão, que aprendeu o jogo quando contava apenas seis anos e fez fotos de que seria campeão mundial aos nove, manteve-se calmamente, a brincar com a sua cuneta e parecendo pela primeira

vez envergonhado.

Schmid, então, aproximou-se da beira do palco e anunciou: «Senhoras e senhores, Spassky desistiu do vigésimo primeiro jogo, através de um telefonema que me fez às 24 horas e cinquenta. Esta é uma forma legal de desistir. Fischer ganhou a vigésima primeira partida e é o vencedor do campeonato mundial de xadrez».

A multidão mais uma vez aplaudiu, subindo para os assentos, gritando, saudando, batendo com os pés no chão. Fischer olhou para a multidão, depois para os pés, avançou para assinar a sua folha de pontos e saiu quase a correr.

Euwe lembrou que pela segunda vez um campeãoato foi decidido através do telefone. «Quando José Raúl Capablanca desistiu do seu último jogo, em Buenos Aires, no ano de 1927, a favor de Alexander Alekhine, também o fez pelo telefone» — salientou.

E afirmou que Spassky viu que o jogo estava perdido, porque errara no 41/0 lance, ontem à noite.

«Tudo estava perdido para Spassky, devido àquele lance errado» — afirmou Euwe.

Afirma-se em círculos russos afectos ao jogo que o antigo

campeão avançava o bispo para o quadrado sete da rainha.

«Devia ter jogado o rei para o quadrado três da torre e teria um fácil empate» — observou Euwe.

«Fischer é digno campeão mundial, mas espero que dará a Spassky a partida da desforra, que ele merece».

O jogador norte-americano, que começa o seu «sabbath» de 24 horas ao pôr do sol de hoje, regressou ao seu hotel e encerrou-se no seu quarto.

Diz-se nos círculos russos que Spassky não estava nem triste nem transtornado. «Saiu em companhia de Geller e de Nikolai Krogus» — acentua-se.

Schmid sorriu francamente e declarou, depois de breve cerimónia: «Bem, graças a Deus que tudo terminou. Tinha a impressão de que hoje Spassky me ia fazer o telefonema».

E continuou: «Visitou-me depois pessoalmente e confessou que queria desistir, o que foi uma maneira correcta de o fazer» — sublinhou e acrescentou:

«Penso que a sua posição era de poucas esperanças, mas havia um tom na sua voz que indicava que estava deprimido».



Perfil dos dois concorrentes

Fischer um fenómeno

REYKJAVIK (F.P.) — Robert Fischer, que acaba de conquistar o título mundial, é, sem dúvida nenhuma, um dos maiores jogadores de xadrez de todos os tempos.

Menino prodígio, nascido em 9 de Março de 1943 em Chicago, num meio modesto, obteve o título de grande-mestre aos 15 anos, consagração única em toda a história do xadrez. I. auro de torneios internacionais importantes e oito vezes campeão dos Estados Unidos, Fischer é essencialmente um clássico pelo seu jogo, caracterizado sobretudo pela sua concepção estratégica, clareza dos seus planos e seu estilo racionalista, preciso e harmonioso. A sua força principal reside na rapidez fulgurante com que julga as posições nas situações mais complicadas.

Mas, o grande mestre americano é também, como o demonstrou espectacularmente, um fenómeno. E voluntariamente «um homem só» que só confia em si próprio. Fischer é igualmente solitário na vida. Tem poucos amigos e não deseja aumentar o seu número. Faz alarde duma certa misoginia. «As mulheres — diz — jogam mal xadrez».

Quando tem uma ideia, nada o demove. E cabeçudo, obstinado até.

Muito supersticioso, atribui grande importância a pormenores que podem parecer fúteis. Em Reykjavik viu-se quanto é sensível ao ambiente exterior: luz, ruídos, etc., o que explica o encarniçamento com que perseguiu os organizadores do campeonato para conseguir ver as suas exigências totalmente satisfeitas.

Desportista completo, Fischer pratica natação, ténis, patinagem e hóquei. Dotado de considerável energia, animado por feroz vontade de vencer o americano varreu literalmente os seus adversários antes de se tornar campeão do mundo.

Nos últimos cinco anos venceu oito grandes torneios internacionais e das 120 partidas que disputou ganhou 101.

Toda a sua personalidade se resume no objectivo que ostensivamente apregoa: «Não basta vencer o adversário, é preciso esmagá-lo».

A vitória de Bobby Fischer sobre Boris Spassky foi anunciada em boletins especiais em

todas as emissoras de rádio e de televisão dos Estados Unidos logo que o resultado foi conhecido. Todos salientaram que Fischer tornou-se o primeiro americano da história a ser consagrado campeão do mundo de xadrez.

Entrevistado poucos instantes depois do anúncio do resultado, o coronel Edmund Edmondson, presidente da Federação de Xadrez dos Estados Unidos, declarou: «Contávamos todos com a vitória de Fischer. A maior parte dos peritos da federação tinham mesmo predito o resultado de 1/25 contra 8/5 baseado-se no palmarés dos dois jogadores».

No programa da televisão educativa, que desde o primeiro dia tinha acompanhado jogada após jogada o torneio vêm-se os peritos, reunidos para comentarem o torneio, com grandes sorrisos nos pequenos «ecrãs». Não ocultaram contudo a sua surpresa por verem o campeonato terminar tão brutalmente.

Spassky: um "gentleman"

REYKJAVIK, 2 (ANI) — Boris Vasilievich Spassky comportou-se com a dignidade de um nobre russo das páginas de uma peça de Tchekov ou de um romance de Tolstói, que também jogou xadrez — e até agora jogava melhor do que qualquer outro.

Todos os seus movimentos são airoso e os seus gestos dignos de um «gentleman».

«Para mim, ser campeão mundial não é tudo» — afirmou Spassky numa recente entrevista, em Moscovo. «Gosto de jogar por prazer, não para ser famoso».

«Para mim, passar uma noite agradável é compartilhá-la com boa comida e vinho, junto de amigos e a jogar xadrez».

Nascido em Leningrado em 1937, Spassky licenciou-se em jornalismo, profissão que nunca exerceu, excepto para escrever um livro sobre xadrez. Judeu por nascimento, não é praticante e casou com uma arménia, da qual se divorciou para desposar a engenheira de refrigeração Larissa. Do seu primeiro casamento tem uma filha de doze anos e do segundo outra filha, agora com cinco.

E um homem amável, de fala suave. Cada vez que Fischer ex-

plodia, Spassky levantava a cabeça, surpreendido, e olhava fixamente para os protestos gesticulantes do seu adversário. Parecia não acreditar no que os seus olhos viam, mas não dizia nada.

Recusa-se a pronunciar-se sobre Fischer e as suas atitudes. «O xadrez seria uma sensaboria sem ele» — foi tudo o que disse durante uma conferência de imprensa realizada em Moscovo antes do campeonato. Igualmente recusou as sugestões de Moscovo de regressar à Rússia como protesto contra o comportamento de Fischer antes do jogo principal. Ao Kremlin disse que isso seria pouco desportivo.

Quando Fischer triunfou na sexta partida, com inegável brilho, Spassky levantou-se e foi o primeiro a aplaudir o seu adversário. Mais tarde Fischer chorou e chamou-lhe «um belo gesto».

Contudo, Spassky manteve também as suas posições. Calma mas firmemente, recusou dois pedidos de Fischer para que a luz fosse alterada e, para que o tabuleiro de madeira fosse substituído.

Quando o árbitro I. othar Schmid pediu o consentimento de Spassky, ele simplesmente disse: «Não».

Homem simpático de cabelo negro e olhos azuis, Spassky apreciava outras coisas além do xadrez, gostando de pescar e de jogar ténis.

A tensão dos jogos, porém, produziu os seus efeitos. Nas últimas partidas, Spassky parecia cansado, de cara macilenta e com as rugas mais vincadas. Em certas alturas, parecia indeciso e jogava demasiadamente depressa. Na vigésima primeira partida entornou café e, embora fosse ele a jogar e devesse encontrar-se profundamente concentrado, levantou-se e foi buscar uma toalha para limpar a mancha.

O momento melhor da sua carreira registou-se na décima primeira partida. Fischer desistiu, enquanto Spassky estava fora da sala e a assistência começou a aplaudir entusiasticamente. Spassky voltou para ver o que se passava e, quando as 2.000 pessoas se puseram a gritar «bravo Spassky», levantou as mãos para as fazer calar.

Os movimentos mais tristes de Spassky, depois de uma derrota, eram o passar as mãos pelos cabelos. Pegava numa peça e movia-a para um quadrado diferente.

«Errei» — murmurava para Schmid, que arrumava as peças.

DI/ESPECTACULOS



Teatro de Branca-Flor: «A menina da fonte e a sua varinha»

O Teatro de Branca-Flor no Festival de "Marionettes"

Na cidade de Charleville-Mézières, situada nas Ardenas francesas, realiza-se de 22 a 28 de Setembro corrente, um Festival Mundial de Teatro de Marionetes enquadrado no XI Congresso da União Internacional de Marionettes (Unima), que também ali se realiza na mesma ocasião.

Durante aquele período de tempo toda a cidade estará em festa, pois são 30 nações que ali acorrem com os seus teatros de marionetes em número de 50, entra as quais se conta Portugal, representado pelo Teatro de Branca-Flor.

Este encontro de marionetas de todo o mundo constitui uma afirmação de vitalidade deste género de teatro e dá oportunidade a que se possam ver marionetes tradicionais de países longínquos, como sejam o do Japão, o célebre Karagheus, da Turquia, Ramayana (sombas coloridas da Índia), assim como o folclore de Marrocos, a par das mais modernas experiências dos países europeus, que contam grandes

artistas de animação como sejam Yves Joly, um Albrecht Roser, um André Tahon, um Serguei Obraztsov.

Naturalmente que também se exhibirão Guignol, o marionete tradicional francês, Kasper, alemão, Pulcinella, italiano e Punch inglês, ao mesmo tempo que as ruas serão teatro de vários espectáculos ambulantes como o do conhecido «Théâtre de Jean-Paul Hubert» e os filmes de animação preencherão todo um ciclo de arte com ponto de partida nos marionetes.

O Teatro de Branca-Flor, dirigido por Lídia da Fonseca, já som largo trabalho apresentado no campo do teatro infantil e levando no seu repertório temas de nosso folclore, exibir-se-á não só em Charleville-Mézières, mas também em Paris, para os filhos dos emigrantes portugueses ali residentes.

O Teatro de Branca-Flor vai subsidiado pela Secretaria de Estado e pela Fundação Gulbenkian.



em breve ireis ver victor espadinha e isabel de castro NoTeatro abc ...e eu não posso lá ir

CENTRO DE ESTUDOS GREGORIANOS ABRE INSCRIÇÕES PARA CRIANÇAS

Na Secretaria do Centro de Estudos Gregorianos estão abertas as matrículas para os diversos graus das classes infantis de formação e iniciação musical.

Há quatro graus de educação musical pelo método Ward destinados a crianças de idade escolar, dos 6 aos 10 anos e uma classe de iniciação musical pelo método Helden que é baseado nos princípios técnicos e pedagógicos do método Ward, destinada a crianças de idade pré-escolar, dos 4 aos 6 anos.

O ensino pelo método Ward dá à criança uma sólida formação musical. No primeiro ano trabalham-se os modos maiores, modernos e antigos; no segundo ano os modos menores; no terceiro ano trabalha-se especialmente a polifonia e no quarto ano tratam-se todos os géneros musicais desde o folclore ao canto erudito, polifónico, melódico e canto religioso. No fim dos quatro anos de ensino as crianças estão aptas a fazer parte de qualquer grupo coral. A partir do

segundo ano a criança pode começar a trabalhar a sério um instrumento.

É de notar que estes cursos de destinam às crianças que a par das actividades escolares usuais queiram dedicar algum tempo à aprendizagem da música. O tempo necessário por semana é perfeitamente compatível com as outras actividades escolares da criança.

Informações na Secretaria do Centro de Estudos Gregorianos, Campo dos Mártires da Pátria, 96-2.º, T. 58228.

UNICA/72 termina amanhã

Realiza-se esta noite um banquete para distribuição dos prémios do 34.º Concurso da UNICA, que hoje terminou. Amanhã termina o 31.º Congresso Mundial de cinema de Amadores, que decorreu paralelamente com o concurso. Assim, serão exibidos, pelas 15 horas, os filmes premiados e os extra-concurso.

COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI

CONCESSIONÁRIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES VIA RÁDIO E CABOS SUBMARINOS

Sede — Praça Marquês de Pombal. 15-4.º a 8.º — LISBOA

AUMENTO DE CAPITAL DE 150.000 PARA 230.000 CONTOS

Emissão de 400.000 acções, autorizada por portaria de 22 de Julho de 1972, publicada no Diário do Governo, III Série, n.º 177 de 31 de Julho de 1972,

nas seguintes condições:

ACCIONISTAS

- 1 — 150.000 acções por incorporação de reservas na proporção de 1 acção nova por cada 5 que possuírem, contra o pagamento de Esc. 10500 relativo ao imposto de mais-valias e apresentação dos títulos para serem carimbados.
- 2 — 187.500 acções com reserva de preferência para os actuais accionistas, na proporção de 1 acção nova por cada 4 que possuírem, ao preço de Esc. 1.100500 por acção, acrescido do imposto de mais-valias no valor de Esc. 25575 por acção, e mediante apresentação dos títulos para serem carimbados. As acções não subscritas serão rateadas pelos accionistas que, no Boletim de Subscrição, tenham declarado estar interessados naquele rateio.

PÚBLICO

- 3 — 62.500 acções, todas ao portador, ao preço de Esc. 1.300500, para o público em geral, das quais 12.500 reservadas prioritariamente ao Pessoal da Companhia. A subscrição fica sujeita a rateio.

ACÇÕES NOMINATIVAS E ACÇÕES AO PORTADOR

Das acções referidas nos n.ºs 1 e 2 a Companhia reserva-se o direito de omitir as acções nominativas necessárias para dar cumprimento ao disposto nos art.ºs 5.º e 6.º dos Estatutos. Os títulos definitivos serão entregues num prazo não superior a seis meses após o pagamento da terceira prestação.

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

O pagamento das acções subscritas poderá ser feito integralmente no acto da subscrição, ou em 3 prestações, sendo a primeira de 40 % no acto da subscrição acrescida da totalidade do imposto de mais-valia, a segunda também de 40 % em Outubro deste ano e a terceira em 20 % em Janeiro de 1973. As importâncias relativas a acções subscritas e não atribuídas serão devolvidas, após rateio, no prazo de cerca de um mês após a subscrição nos balcões dos estabelecimentos de crédito onde as subscrições forem efectuadas.

DIVIDENDOS

As acções representativas deste aumento de capital darão direito ao dividendo relativo ao exercício de 1972 nas seguintes percentagens: as acções referidas em 1 à totalidade do dividendo; as acções referidas em 2 e 3 a 50 % se forem pagas integralmente no acto da subscrição e 30 % se forem pagas em 3 prestações.

PRAZOS E LOCAIS DE SUBSCRIÇÃO

A subscrição está aberta de 4 a 6 de Setembro de 1972: — Para o Pessoal da Companhia na Sede e Estações da Empresa. — Para os actuais accionistas e para o público nas Sedes, Agências e Dependências das seguintes instituições de crédito que tomam firme a emissão e onde pode ser obtido o prospecto circunstanciado referente a este aumento de capital:

Banco Nacional Ultramarino, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Fonsecas & Burnay, Banco Pinto & Sotto Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Totta & Açores e Pancada Moraes & C.º. Aos subscritores residentes nas Províncias Ultramarinas de Cabo Verde, Angola e Moçambique, onde a Companhia tem estações, é facultada a liberação de acções subscritas e atribuídas, em moeda local, ficando as acções atribuídas sujeitas aos condicionamentos legais.

Lisboa, 1 de Setembro de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

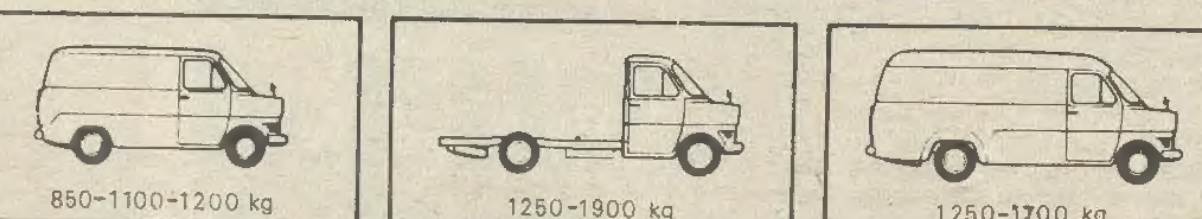
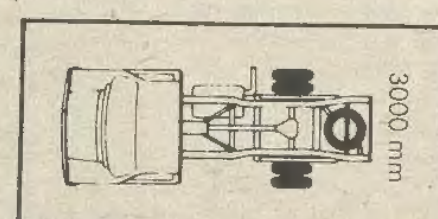
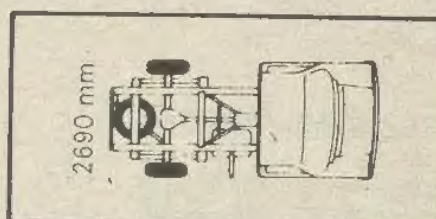
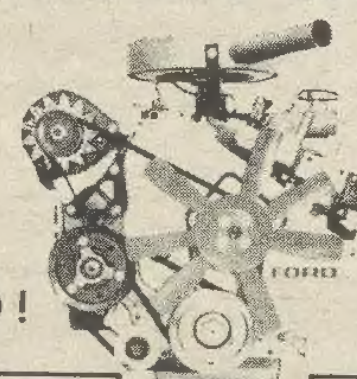
J. MENDES COELHO, LDA

APRESENTA A NOVA FORD TRANSIT

SEMPRE NA VANGUARDA A MAIS VASTA GAMA GASOLINA E DIESEL NOVO MOTOR FORD DIESEL AQUECIMENTO E SERVO-FREIO

- + POTENTE 75-100-115 Potência (DIN PS) 51 às 3600 r.p.m.
- + SILENCIOSO 130-175 Potência (DIN PS) 62 às 3600 r.p.m.
- + ELÁSTICO

EXPERIMENTE-O!



R, ALEXANDRE HERCULANO, 6A * R, GOMES FREIRE, 7C

ESTORIL — CACÉM

CONTINUAM BOMBÁSTICOS SALDOS

NOS ARMAZÉNS DO MINHO

RUA DR. ANTÓNIO MARTINS, 27 - ESTORIL — PRACETA DA FAMÍLIA CAMBOURNAC, 2 - CACÉM

LICENCIADOS

ORGANISMO PÚBLICO SELECIONA PARA O LUGAR DE TÉCNICO DE 1.ª E 2.ª CLASSES LICENCIADOS EM ECONOMIA, FINANÇAS OU ENGENHARIA — ENTRADA IMEDIATA. RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 624 ACOMPANHADA DO «CURRICULUM VITAE».

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES - SALA DE JOGOS
ACESSO LIVRE A MAIORES DE 21 ANOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS



THE BAKER TWINS
VEGETAS DA RADIO E DA TV INGLESA



LÚCIA RIBEIRO
com RAUL SILVA
e NOBRE COSTA



ERNEST MONTEGO
Famosa atracção mundial



BLUEBELL GIRLS' SHOW

JIRINA'S COMBO
"OS MOZAMBEAT'S"
FERRER TRINDADE e sua orquestra

BAMBI BROWN

SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23.30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR À 1.ª H. Maiores de 21 anos

Externato Sebastião da Gama

CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL
ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO
Av. Almirante Reis, 108, 1.ª — Tels. 822776/823531
(Em frente da Carvejaria Portuguesa)

Professores categorizados nos cursos da Costa do Sol

A Junta de Turismo da Costa do Sol está a promover mais um Curso Musical Internacional de Férias, uma iniciativa com projecção além fronteiras não só pelo prestígio dos seus frequentadores mas também pelo significado que encerra ao nível da música. Este ano estão presentes nos XI Cursos Musicais duas professoras consideradas, nos meios artísticos, como professoras consideradas, nos meios artísticos, como professoras competentes. São Ivone Lefebvre, de Paris, responsável por uma classe de piano e Helena Moreira Sá da Costa, que tem desenvolvido a tripla actividade de solista, professora e executante de música de câmara. Esta notável artista portuguesa dirigirá um curso de análise, em colaboração com David Epstein. Os restantes professores dos XI Cursos Internacionais são Sander Veg, de Zurique, nas classes de violino e de música de câmara; Paul Von Schilhawsky, de Salzburgo, no curso de Lied; Maurice Eisenberg de Juilliard School, de Nova Iorque, na classe de violoncelo e Raul Sanchez, de Montreux, na classe de guitarra clássica.



Maria de Lourdes Resende

Integrado no «festival» no qual se procederá à escolha da Rainha do Sado/72, haverá um espectáculo na esplanada Cine-Variedades que conta com a presença de Maria de Lourdes Resende, Dino Rodrigues, Rosita Afonso e Jorge Baião. Os acompanhamentos estão a cargo de um conjunto dirigido por José Mesquita e a apresentação será feita por Leite Pereira.

Chibanga: novo triunfo

BARCELONA, 1 — O «espada» português Ricardo Chibanga foi o triunfador da corrida de ontem, na Monumental de Barcelona. Cortou uma orelha em cada toiro e saiu em ombros pela porta grande. Alternou com Sebastian Martin «Chanito» (assobio-volta) e Rafael Torres (ovação-volta) com seis toiros de Carlos Sanchez.

DL / ESPECTACULOS

A estreia de hoje: "Sua excelência, o pendura"

«Sua Excelência o Pendura», um original de Giulio Scarnali e Renzo Tarabuzi com José Viana no protagonista, estreia-se hoje no Villaret. A direcção de cena é de Paulo Renato e o elenco é constituído, além de José Viana, por Dora Leal, Henrique Viana, Guida Maria, Vasco Morgado Júnior, Victor de Sousa, Manuela Cassola, Luis Pinhão, Maria Otília, Candido Mota, Carlos Rosa, Luis Santos, Joaquim Miranda, Jorge Nascimento e tem, ainda, a participação de Maria Paula. As cenas são de Octávio Clérigo.



José Viana numa das cenas da peça

Espectáculo em Setúbal

"MESSIAS SELVAGEM": Ken Russel em Veneza

Ken Russel escandalizou e agitou o institucionalizado (com tudo o que isso implica) Festival de Veneza com a apresentação de um filme intimista sobre a criação artística. Depois de «Os Diabos» versando um tema de histeria religiosa, o mais controverso dos realizadores do cinema inglês, descreve a vida de Henri Gautier, jovem pintor e escultor francês do primeiro século morto na guerra de 1915 com a idade de 23 anos. Russel, que já tinha filmado uma biografia sobre Tchaikowski no delirante «Music Lovers», faz no «Messias Selvagem» uma reflexão acerca da inspiração, da criação, da beleza e do papel do artista na sociedade. Não quiz mostrar um artista isolado numa torre de marfim mas um homem que trabalha despendendo uma energia comparável à de um mineiro ou à de um cavador», diz o enfant terrible do cinema britânico que nos transmite, também, neste filme, um fascinante auto-retrato na sua procura incessante da inspiração criativa.

CINEMA NO MUNDO

Roma. — O produtor cinematográfico italiano Perugi Torri, preso, em Munique a pedido da Interpol e extraditado para a Itália, recolheu à prisão central de Roma onde aguardará julgamento sob a acusação de tráfico com drogas.

Torri tinha sido preso a 16 de Agosto a bordo do seu iate em Monte Carlo onde a Polícia encontrou 50 milhões de liras em notas falsas e 100 gramas de cocaína.

A prisão de Torri está relacionada com a rusga efectuada ao clube nocturno de Roma «Número Um» o qual foi, entretanto, encerrado ao serem ali encontrados 50 gramas de cocaína.

A Polícia também encontrou drogas num automóvel pertencente ao gerente do clube nocturno, Paolo Vassallo, que foi preso.

Vassallo acusou Torri de ter colocado as drogas propositalmente para o incriminar.

Milão. — A projecção dos filmes «António das Mortes», «O Leão das Sete Testas» e «Terra em transe» de Glauber Rocha, está programada para a «Mostra» do «Cinema Político Latino-Americano» integrada na temporada de cinema de ensaio, a decorrer em Milão até ao dia 20 de Setembro. Serão ainda incluídas obras inéditas da cinematografia argentina, nomeadamente «A Hora dos Fornos», de Fernando Solanas, e «O Caminho para a Morte do Velho Reales», de Gerardo Vallejo.

Nova Iorque. — James Curn, Rachel Welch, James Mason, Richard Benjamin e Dyan Cannon desempenham os principais papéis no filme «The Last of Sheila», cujo argumento foi escrito por Stephen Sondheim e Tony Perkins, e que será rodado em França, sob a direcção de Herbert Ross.

LUSACA. — Chegou a Lusaca o realizador italiano Marino Marzano, que procura na Zâmbia os lugares mais pitorescos para a filmagem dos exteriores da sua película «A Fuga Desesperada», um filme policial de grande «suspense». Além disso, Marzano procura também uma jovem africana para um dos principais papéis.

DL / NACIONAL

KARTING no Autódromo do Estoril

Desde o início que o extraordinário turístico-desportivo que o Autódromo do Estoril constitui, aliás o maior do país, tem vindo a distinguir-se pelo seu rápido e dinâmico desenvolvimento. E é na continuidade dessa linha de acção que se está terminando já a segunda fase de construção, da qual faz parte a pista de Karting.

Fica deste modo o desporto automóvel nacional a contar com uma nova unidade, para uma modalidade cujo interesse cresce de dia para dia.

No próximo mês irão realizar-se as seguintes corridas. Em 16 de Setembro, o Circuito do Estoril. Em 30 de Setembro e 1 de Outubro, o Troféu dos Países Latinos.

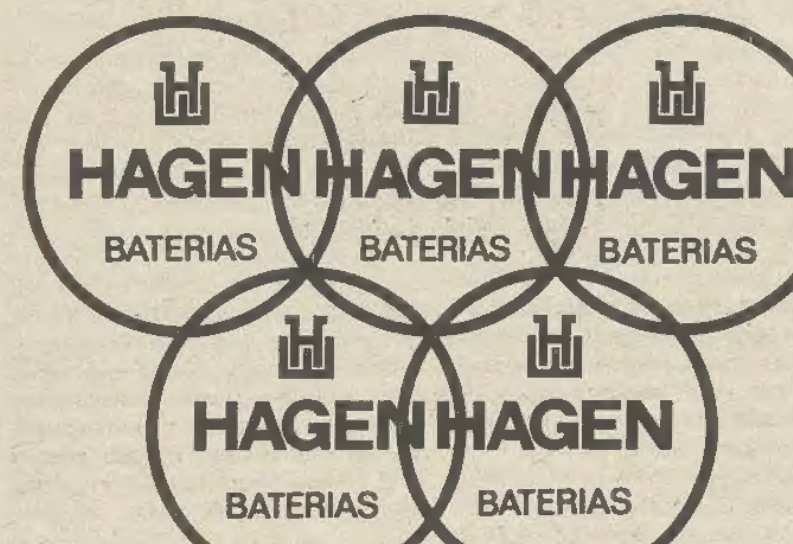


Os carros usados que mais se parecem com carros novos.

J. MENDES COELHO, LDA.

R. Gomes Freire, 7-C - Lisboa

GRANDE CONCURSO

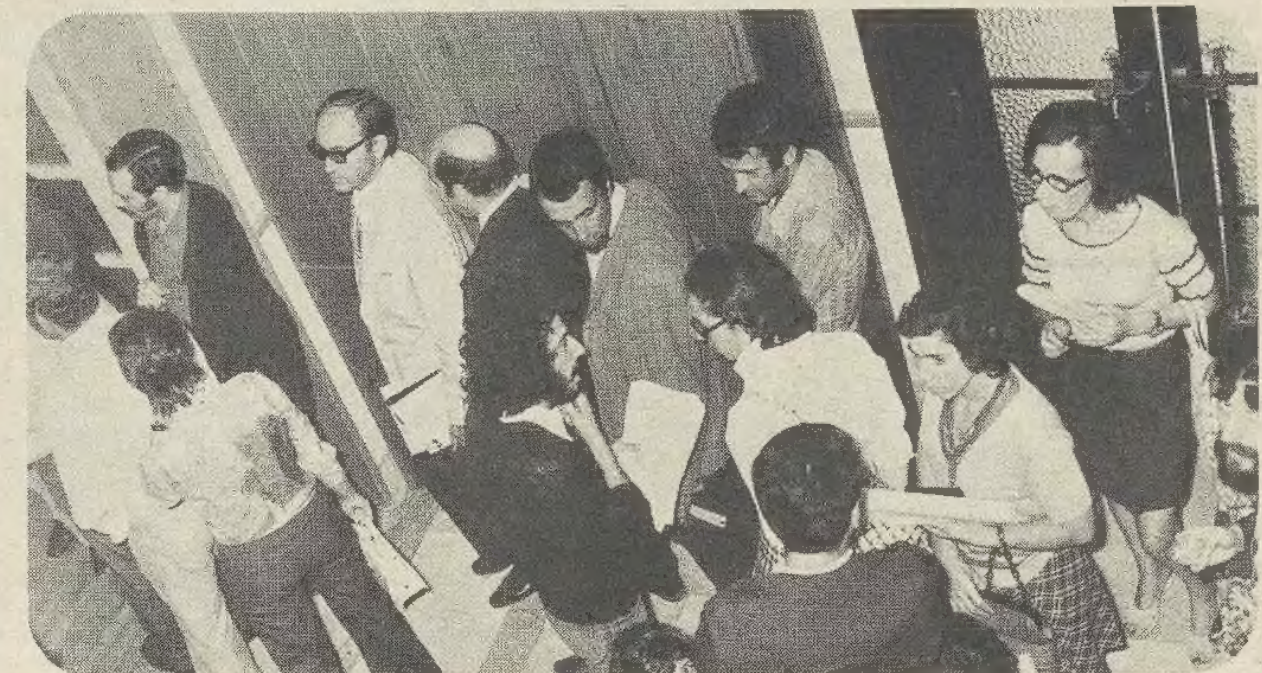


Partida para Munique dos 1.ºs classificados no Grande Concurso Baterias HAGEN na presença do representante da Empresa, Sr. Abreu Lopes, e Sr. Peter Seelow da agência de publicidade organizadora do concurso.

- | | | | |
|---|---|---|---|
| 1.º Prémio: José Manuel E. Queiroz Dias residente na Rua de Santa Clara, 30-31, Lisboa. | 2.º Prémio: Maria Oliveira Martins Antunes residente em Rua de Santa Clara, 30-31, Lisboa. | 3.º Prémio: Manuel de Sousa Gonçalves residente na Rua de Santa Clara, 30-31, Lisboa. | 4.º Prémio: Maria Oliveira Martins Antunes residente em Rua de Santa Clara, 30-31, Lisboa. |
| 5.º Prémio: António de Silva Mourato residente na Rua de Santa Clara, 30-31, Lisboa. | 6.º Prémio: Fernando Resende Negreiros Monteiro residente na Rua de Santa Clara, 30-31, Lisboa. | 7.º Prémio: António de Silva Mourato residente na Rua de Santa Clara, 30-31, Lisboa. | 8.º Prémio: Fernando Resende Negreiros Monteiro residente na Rua de Santa Clara, 30-31, Lisboa. |

Os prémios podem ser levantados até 30-10-1972

MIL CANDIDATOS ADULTOS À UNIVERSIDADE



Mais de mil inscrições (1.298 concretamente), meta-de das quais feitas nestes dois últimos dias, em longas «bichas» pelos corredores do Ministério da Educação Nacional são a resposta dos indivíduos que, com mais de 25 anos e sem as tradicionais qualificações académicas, pretendem ingressar na Universidade.

Preenchidos os papéis começam agora a surgir os primeiros problemas. E o que o tempo de preparação dado não foi muito, e o conteúdo das matérias também não foi suficientemente especificado.

Há muito tempo que não estudo e por isso é-me difícil não só adaptar-me como até saber o que é mais importante começa por afirmar Francisco Borralho, de 35 anos empregado de escritório. — Os exames já deviam ter sido anunciados há muito mais tempo. Quem como nós trabalha não tem disponibilidade de tempo nem de espírito. Mas aqui estou a pagar e o resto pertence ao desconhecido.

Esta situação não parece, no entanto, meter medo às pessoas. Sendo as coisas como são, assim cozidas um pouco à pressa, o que há a esperar é a benevolência e a compreensão dos professores. Os exames ad hoc incluem uma prova de cultura geral que ninguém sabe muito bem o que significa. Deveria sair o mais depressa possível uma portaria a esclarecer esta questão — diz Orlando Gonçalves, a trabalhar em relações públicas e candidato à faculdade de Romanicas. Mas para já estou a estudar temas filosóficos. O que espero é que a cultura geral não seja um «jogo do gato». Não estaria certo que nos tratassem como colegiais, a nossa cultura é sobretudo prática e não enciclopédica.

Como as vagas para a Universidade não são muitas nas actuais instalações (já superlotadas), é natural que os exames se mostrem difíceis e que muitas das esperanças de agora venham a ruir em breve. No entanto, História, Direito e Economia são os cursos que irão acolher maior número de adultos.

Com a quarta classe há uma média de dezasseis anos, ou o sétimo incompleto. Quanto a idades, a média anda à volta dos 35 anos; no entanto há um senhor de 75 (que se recusa a falar para os jornais) e várias outras pessoas na casa dos 60. Tem de haver uma adaptação no que diz respeito aos

horários de funcionamento, mas também em relação à mentalidade, com que se avaliam os conhecimentos, esclarece Joaquim Silvestre, redactor numa revista de província e chefe de serviços de empresa de camionagem — tem de haver uma adaptação das estruturas da Universidade em função dos alunos voluntários em geral, entre os quais a maior parte de nós se irá contar.

— Sim, acrescenta Manuel Branco — devem-se criar em todas as faculdades cursos nocturnos. E a Universidade tem de se actualizar, isto é, de responder às necessidades que nós criamos na vida prática.

ALGARVE

Apartamento em exposição de J. Pimenta SARL na praia da Rocha

Como reflexo de um dimensionamento cada vez maior, que se patenteia no número de locais de construção de apartamentos mobilados e andares para venda e aluguer espalhados por diversos pontos do País, as empresas J. Pimenta vão alargar a actividade ao Algarve através de um empreendimento de envergadura. Trata-se da construção, em plena Praia da Rocha, junto do mar, de apartamentos mobilados, em torres, com as indispensáveis infraestruturas, como zona comercial, centros de entretenimento, piscinas, etc.

Esta realização, em todos os aspectos, constituirá um vigoroso impulso em prol do desenvolvimento turístico daquela nossa afamada província. Em frente do miradouro da Praia da Rocha, precisamente nos terrenos adquiridos já para o efeito e que desfrutam de situação privilegiada, encontra-se, em exposição, um apartamento-tipo, devidamente mobilado. Graças a este magnífico apartamento-tipo, que pode ser visitado livremente a exemplo do que se verifica com outros pátios em Lisboa, Beja, Évora, Paço de Arcos, Cascais, Porto e Lousada, o público fica com uma ideia da natureza desta importante iniciativa de J. Pimenta SARL, uma organização em continuado progresso que com a conclusão, para breve, do seu grandioso complexo industrial de Talaide terá a possibilidade de construir 2.000 unidades habitacionais por ano.

COMPRA

A FIRMALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA, está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos. RUA DO GARRIDO, 73-A

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c. Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39. VENDA AO PÚBLICO



MELHOR S.O.M. MAIS LUZ PILHAS GATO BRANCO

primaz

ROSSIO, 115

SALDA A PARTIR DE 2.ª FEIRA

DL/REPORTAGEM

MESTRE INGLÊS ESTUDA PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Exprime-se em português com forte sotaque, fluente mas demorado, como é próprio de quem lê muito e fala pouco qualquer idioma. É um inglês que há vinte anos ensina a nossa língua, literatura e história em Inglaterra. É Dennis Brass, professor de Português na Faculdade de Letras da Universidade de Bristol, tradutor de Torga e de poetas brasileiros, lusófilo que se doutorou com uma tese sobre Frei Tomé de Jesus, que se cataloga audaciosamente como um erasmista, um herege, ao ver da Inquisição, que se afeiçãoou ao exílio de Alcácer-Quibir não por zelo missionário, como sustentam os historiadores das academias, mas como o melhor resguardo contra as matilhas do Santo Ofício, ao tempo à solta pelas ruas de um Portugal na agonia. É um estudioso moderno, arrojado de ideias, que se encontra no nosso País a colher elementos para um livro sobre a vida e obra do padre António Vieira.

Na obra do padre Vieira — explica — tratam-se muitos problemas que respeitam ao mundo de hoje. O que me leva a estudá-lo e a projectar escrever sobre ele não é exclusivamente a majestosa perfeição do seu estilo: são os seus temas. Vieira foi um abnegado combatente dos aspectos cruéis do co-

lonialismo, um adversário da opressão e da escravatura, e isso, sendo a linha mestra da sua biografia, marca também a sua obra. Sob este ângulo, acho-o tão digno de ser conhecido e estudado como Bartolomeu de Las Casas.

Foi uma editora inglesa quem convidou Dennis Brass para regir esse livro, que sairá dentro de dois anos. Outra, aliás (e de renome: a Faber Faber) propôs-lhe tema diferente, que nos dizia igualmente respeito: relações entre o Humanismo e os Descobrimentos Portugueses, tema tão vasto como aliciente, sobre o qual o professor de Bristol há-de dentro em breve debruçar-se. Como terceiro projecto literário, esse quase terminado, um volume sobre Miguel Torga, estudo crítico cuja edição se prevê para daqui a três anos. Enfim, tudo manifestações da atracção que Brass, em particular, sente pelas nossas coisas mas, também, de um crescimento do interesse britânico pela cultura de Portugal.

É um facto. Os meus alunos, nomeadamente, acham extremamente interessante a história de Portugal, e essa opinião é sintomática do que começa a ser uma opinião de muitos. A história de Portugal é riquíssima, repleta de acontecimentos significativos que não só ilumi-

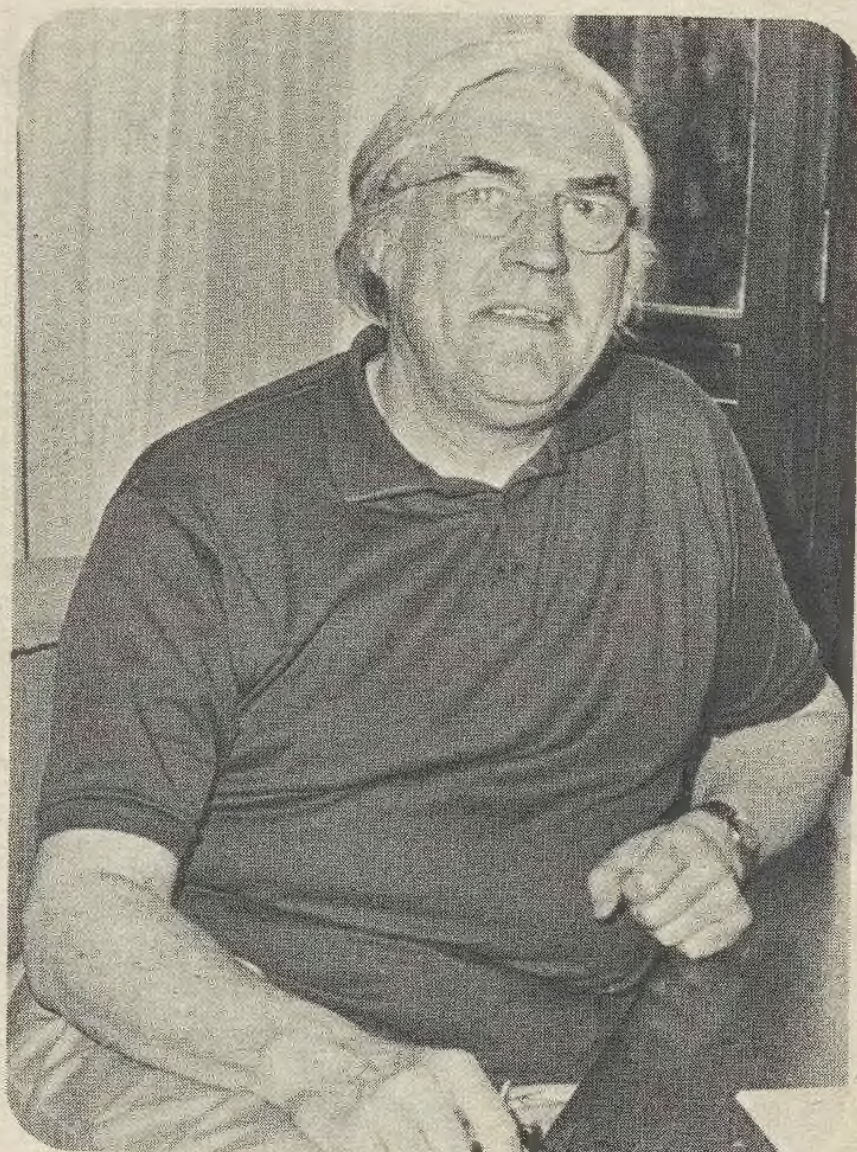
nam fases inteiras do passado colectivo da humanidade como são aproximáveis de muitas situações que atravessamos hoje. Encontramos nela aspectos temáticos fascinantes: choques e fusões de raças e culturas, guerras de independência, revoluções, etc. É um elemento valiosíssimo para compreensão da problemática do Terceiro Mundo, problemática tão actual.

Em Bristol, Dennis Brass conta 120 alunos em todo o seu departamento, que é o departamento de línguas ibéricas. Apesar desse movimento, que reflete de interesse pela cultura portuguesa, Brass teme no entanto, que a frequência das aulas onde ela é ensinada se reduza.

O ensino do português não poderá expandir-se em Inglaterra enquanto não adquirir autonomia relativamente ao ensino das culturas espanholas. É que a afiliação ao curso de Português está condicionada pela política dos lentes chefes de departamento e estes, em todas as universidades inglesas, são espanhóis — logo dão preponderância ao castelhano ou ao catalão. Está aí o grande mal do ensino do português em Inglaterra. Um mal que ameaça estrangulá-lo. O estudo do português é e será um estudo sub-

diário até que as coisas se modifiquem. A única universidade inglesa que ministra a aprendizagem da vossa história e da vossa língua autonomamente é o King's College, de Londres, e enquanto o seu exemplo não for seguido, repito, o conhecimento da vossa cultura não poderá expandir-se, embora todas as condições existam para que isso aconteça.

Também significativos do interesse que a nossa cultura começa a merecer aos ingleses (embora a embargá-lo estejam os condicionaisismos referidos) são os convites, ultimamente tão numerosos, que têm partido de universidades inglesas para que vários escritores e críticos portugueses lá se estabeleçam como professores de literatura. Dennis Brass, conheço-os, cita-os: foi José Cardoso Pires, e Alexandre Pinheiro Torres (em Cambridge) e outros (cujos nomes não recorda) em Newcastle, Manchester, Liverpool, isto sem contar com o contingente flutuante dos leitores de português, normalmente jovens recém-licenciados em Germânicas. Acerca deste afluxo de professores portugueses, Brass pensa que é altamente benéfico, embora considere que eles não podem substituir (excluindo-os) os doutorados ingleses em matéria de Portugal.



«Vieira foi um abnegado combatente»

poeta moderno. Pessoa é uma ideia nova em Inglaterra. Inclusivamente estão a aparecer traduções dele feitas por gente a quem nenhum vínculo profissional une à literatura (não significando isto que não sejam meritorias). Gente que gosta, a tal ponto gosta, o melhor se identifica com aquela grandiosa alma torturada que transparece dos poemas soberbos de Campos que, por sua conta e risco, se mete a vertê-los para inglês e publica-los.

Brass, porém, não é com o poeta da «Mensagem» que mais se identifica. E com Torga. Foram os «Bichos» que definitivamente o fixaram como estudioso da literatura de Portugal.

Até o ler, recolhida sempre dos autores portugueses um certo sentimento de frustração. Magníficos no lirismo mas falando-lhes invariavelmente o sentido tão inglês da tragédia. Só em Torga o vim a descobrir. Li os «Bichos» e fiquei extasiado. Traduziu-o imediatamente. A edição ressentiu-se de um facto: foi incluída numa colecção em que predominava literatura infantil, e o logro não se fez imediatamente. Mas apesar disso creio poder afirmar que Miguel Torga é hoje um autor lido em Inglaterra, e admirado como merece, tão notável é.

Depois dos já citados, há dois escritores portugueses dos quais os ingleses, informa Brass, sem propriamente os terem lido, sabem um pouco. Trata-se de Fernando Pessoa e Torga.

Não, os poemas ingleses de Pessoa não são particularmente conhecidos. No Fernando Pessoa é que se começa a falar muito, na sua poesia de um modo geral. A lida recentemente saiu um volume crítico de um especialista famoso, Leichman, no qual se consagram bastas páginas ao vosso maior

poeta moderno. Pessoa é uma ideia nova em Inglaterra. Inclusivamente estão a aparecer traduções dele feitas por gente a quem nenhum vínculo profissional une à literatura (não significando isto que não sejam meritorias). Gente que gosta, a tal ponto gosta, o melhor se identifica com aquela grandiosa alma torturada que transparece dos poemas soberbos de Campos que, por sua conta e risco, se mete a vertê-los para inglês e publica-los.

Brass, porém, não é com o poeta da «Mensagem» que mais se identifica. E com Torga. Foram os «Bichos» que definitivamente o fixaram como estudioso da literatura de Portugal.

Até o ler, recolhida sempre dos autores portugueses um certo sentimento de frustração. Magníficos no lirismo mas falando-lhes invariavelmente o sentido tão inglês da tragédia. Só em Torga o vim a descobrir. Li os «Bichos» e fiquei extasiado. Traduziu-o imediatamente. A edição ressentiu-se de um facto: foi incluída numa colecção em que predominava literatura infantil, e o logro não se fez imediatamente. Mas apesar disso creio poder afirmar que Miguel Torga é hoje um autor lido em Inglaterra, e admirado como merece, tão notável é.

Depois dos já citados, há dois escritores portugueses dos quais os ingleses, informa Brass, sem propriamente os terem lido, sabem um pouco. Trata-se de Fernando Pessoa e Torga.

Não, os poemas ingleses de Pessoa não são particularmente conhecidos. No Fernando Pessoa é que se começa a falar muito, na sua poesia de um modo geral. A lida recentemente saiu um volume crítico de um especialista famoso, Leichman, no qual se consagram bastas páginas ao vosso maior

FERNANDO PESSOA E TORG

SEDE INGLESA DE SABER

De onde vem o interesse de Dennis Brass pelas coisas portuguesas? Esse interesse, que tem sempre de proceder a descobertas daquilo que, em qualquer matéria, nos virá a interessar. Do acaso? Da obrigação? Talvez de uma coisa e outra. A sua mãe viveu entre nós dois anos e nunca mais calou as lições dessa experiência. Brass cresceu entre diccionários de português e livros sobre a nossa história. Um caso accidental. Mas que não deixa de colocar em condições de responder à pergunta que há muito tentávamos fazer-lhe: Porquê o estudo do Português em Inglaterra? Com que finalidade prática imediata?

É uma pergunta de português, parece-me. No meu país, os estudos, digamos: de Humanidades, não são frequentados, geralmente, com vista e uma aplicação determinada. Claro, a formatura em Português como em Espanhol pode proporcionar empregos no ensino, ou numa UNESCO, numa ONU, na carreira diplomática, na banca; alguns vêm ensinar precisamente para os dois países ou vão para a América Latina; mas isso é secundário. Há muito em Inglaterra quem curse Filosofia, Cultura Clássica — até Teologia! — para depois, prosaicamente, ir ganhar a vida sentado diante de um computador. Há é sede de saber. Talvez tenha qualquer coisa a ver com um hobby, um passatempo, mas é assim, os ingleses gostam de saber e no caso de Portugal talvez que os estimule a ignorância em que, tirando caravelas, Eusébio, fado, Algarve e sardinhas, jaziamos vergonhosamente a seu respeito,

COLÉGIO DOS OLIVAIS

- INFANTARIO
- INFANTIL
- PRIMARIO
- CICLO PREPARATÓRIO
- CURSOS NOCTURNOS
- COEDUCAÇÃO

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

DL/NACIONAL



Já em Lisboa, na grande cidade iluminada, centro de decisão do país macrocéfalo, encontro ocasional com um emigrado da serra das Talhadas.

Porque sai? — começa por referir-se à pergunta que lhe fizemos — porque estava destinado a sair. Marcado a fogo. Abandonei a terra num tempo terrível, o senhor sabe lá. Não havia pão (às vezes chegava um milho podre, trazido nos porões dos navios de Angola, que a gente comprava a preços de especulação durante o racionalismo que se seguiu à guerra. Ainda me lembro do travo terrível que ele tinha). Não havia caminhos transitáveis. Não havia médico nem assistência. A escola ficava a quilómetros de distância, por montes e vales. Sai com dez anos, porque havia uma espécie de jura familiar de que ali é que eu não havia de ficar.

Identificado com os problemas que temos sugerido o sr. Manuel Luís, com a vida estabilizada em Lisboa, comenta:

Olhe, sabe-nos bem ver tratados os problemas da nossa terra. Isso diz-me especialmente respeito, porque o sabor da floresta provei-o no próprio leite que bebi. Não estou a fazer poesia, é a verdade: quando era bebé, fui amamentado em plena floresta. Minha avó gulgava todos os dias, duas vezes, a serra para me levar à mamada, já que minha mãe trabalhava na limpeza das matas para a sementeira dos Serviços Florestais. Era uma das tais que ganhava seis escudos por dia, de sol a sol. Era uma daquelas a quem não restou outra solução, depois de destruída a sua já débil economia familiar. O assalariamento por esmola, sem direitos, para todos os braços válidos.

Por isso eu tinha de sair. Fui mentalizado para isso. Toda a gente, lá em casa, o foi.

E recorda: — «Tinha acabado de fazer a instrução primária. Um dia, de madrugada, a minha mãe acordou-me, enfiou-me as botas e o fato de burel, meteu-me os pobres trapos numa saca, e foi ela própria cumprir a terrível promessa. Andámos por caminhos de cabras, quilómetros e quilómetros. Descemos a serra, passámos povoados às escurelas, descemos ao Alfusquel, que atravessámos por uma ponte esturacada. Voltámos a subir. Chegámos cedo de mais à terra onde havia de tomar a camioneta da carreira. Fazia um frio dos diabos, tudo em redor estava húmido de orvalho, sentia um cheiro forte a terra. Um

FOGO NA FLORESTA - (conclusão)

ESTA É A NOSSA TERRA

retrato daquilo que aconteceu a tantos habitantes da serra.

O QUE RESTA

Olhando, de memória, a paisagem, o que vemos é um grupo de aldeias instaladas, na zona serrana, dentro dos Serviços Florestais. E que vão empobrecendo à medida que nos aproximamos do alto. «Zona natural para instalação dos povos pré-históricos, pelas condições de defesa oferecidas» — dizem os entendidos. Alguns monumentos, de facto, uma estrada romana a meio da encosta sul, inscrições pré-históricas nas Benfeitas, recor-

dações funerárias em vários locais da montanha. Nas Talhadas, ainda uma actividade económica secular, hoje a perder terreno: a extração de pedra. Um estudioso da região afirmava, anos atrás, que a serra tem

modo, à desagregação da vida tradicional das aldeias: algumas décadas atrás, estes pequenos aglomerados humanos eram dominados, ainda à maneira feudal, por um grande senhor da terra. A emigração, a pressão social,

a linha servia — de Espinho e de Aveiro à Sernada, desta a Viseu.

O REPOVOAMENTO

Diz-nos pessoa responsável da região afectada pelos incêndios:

«Impõe-se, agora, proceder ao repovoamento florestal. A ocasião é excelente, aproveitando-se as cinzas deixadas pelo fogo. Como as sementeiras de pinheiros devem ser feitas no inverno, sugere-se um rápido apoio às populações, em bases de interesse para participação, a fim de que a limpeza das matas seja feita, para a sementeira. Mas também assessoria a serra, estradas protegidas por zonas de cinco ou dez metros nas duas margens, bem limpas, defesa dos rios e ribeiros, pelo mesmo processo».

Da zona de Valongo do Vouga, onde amanhã (em Macinhata) haverá uma reunião de representantes locais para discussão dos problemas levantados, das soluções possíveis e do encerramento da linha do Vale do Vouga, chega-nos outro protesto:

«O Governo Civil de Aveiro acaba de nomear comissões de freguesia para estudar os efeitos do fogo e pormenores de assistência. Constituem-nas o presidente da Junta, o pároco e o professor. Ora, acontece que raramente qualquer destas entidades é da terra. Cada aldeia deveria ter sido levada a eleger uma comissão que tratasse dos problemas e defendesse criteriosamente os seus interesses junto da Câmara, da Junta, da C. P. dos Serviços Florestais, do Governo Civil».

Abordámos alguns problemas, procurámos falar do povo. Muita coisa ficou, naturalmente, por tratar, por aprofundar. Talvez os leitores mais interessados possam preencher as lacunas. E ser úteis à comunidade, que é tudo o que pretendemos.

Reportagem de ARMANDO PEREIRA DA SILVA enviado especial do DL

granito, do bom, suficiente para construir uma grande capital.

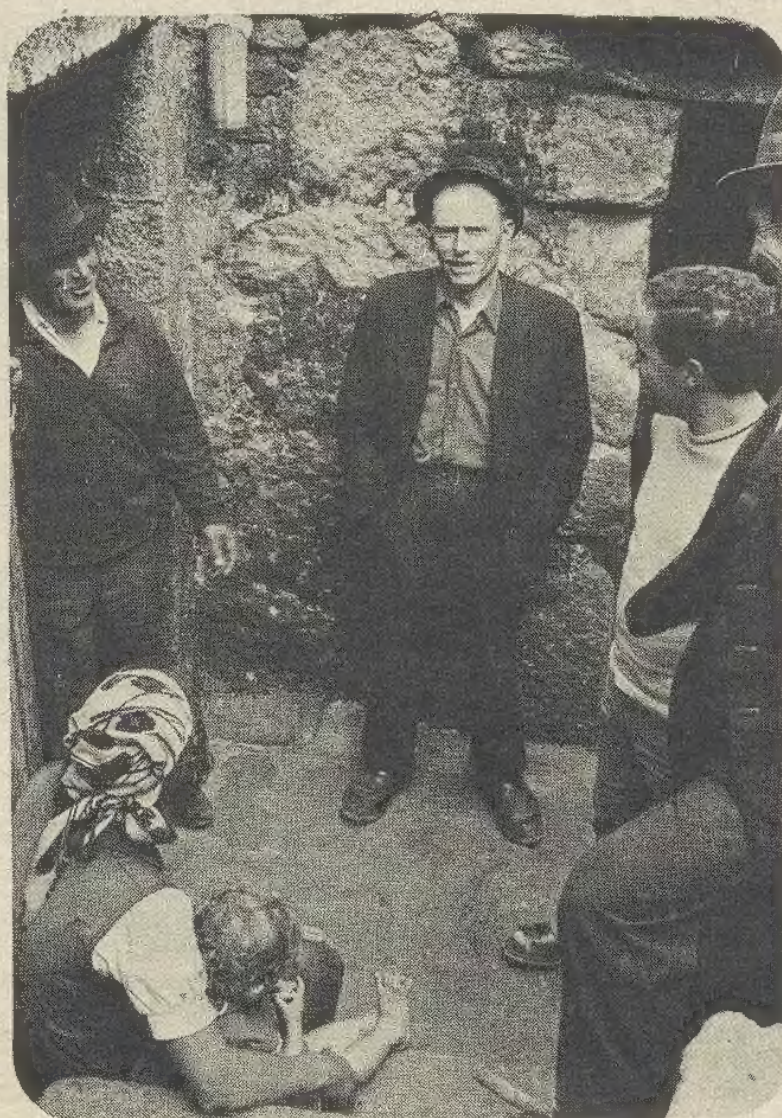
«Hoje, trabalham nas pedreiras entre 20 a 30 homens. Emigraram muitos, a extração tornou-se menos rentável — informa-nos o presidente da Junta. — «Todos os naturais da freguesia podem extrair granito livremente. Os de fora terão de pagar. Por norma, fazemos uma arrematação anual, em 1 de Janeiro. Há pedreiros, contudo, nos quais não é permitido tocar, por determinação da Direcção de Minas».

Mais acima, as Arcas: meia dúzia de fogos, sem evolução. Mais uma pequena ilha condenada ao fogo, se o fogo pegar na mata nacional que a rodeia por todos os lados. Um posto escolar que serve várias pequenas aldeias em redor, nas mesmas condições.

«Os filhos nascem em casa, assistidos por qualquer «habilitado» — diz-nos Joaquim Bastos, dali natural. — «Médicos, só na vila».

A outra pergunta: — «Não, não conhecemos estudantes nesta terra. A rapaziada vai para a indústria, ou para França, ou para a Alemanha. As raparigas vão servir».

Assiste-se, de qualquer



Ceuta da serra: a esperança não se perde.

DL/REPORTAGEM



Aspecto de uma sessão de trabalho do congresso das etnias

«Estes congressos de que o PAIGC faz troca e de que muitos portugueses não compreendem o alcance constituem uma ferramenta fundamental da política do Governo, que assenta no diálogo directo com o povo. É a única política verdadeira e autêntica, porque se baseia na vontade do povo e não há perigo de alguém especular com a vontade do povo. Foi assim que o general António Spínola no passado dia 24 de Julho abriu uma sessão do III Congresso do Povo, em Bissau. Quinhentos delegados de todas as etnias da Guiné tinham acorrido à capital para discutirem os problemas do seu «chão». O jornalista esteve presente a muitas sessões de trabalho e para além dos pontos negros que não deixou de registar, imaginou-se no Alentejo ou nas terras de Trás-os-Montes, onde gostaria de fazer uma reportagem semelhante.

«Cada um diga o que pensa, com uma só limitação: a verdade» — recomendou insistentemente o general no começo de todas as sessões, ao falar para

cada uma das etnias. E, durante os trabalhos, esta frase foi sendo recordada pelos oradores, sempre que tinham a dizer alguma verdade amarga. E se de facto foram muitas as verdades amargas que ouvi, o que me levou a concluir pela seriedade da ideia. E durante um ou dois dias cada grupo étnico pôde analisar livremente a situação das suas terras, perante os administradores locais e os comandantes militares, com uma desenvoltura que me deixou surpreendente. «Eles sabem muito bem o que querem» — dizia-me um coronel no intervalo, acrescentando que só depois de muito tempo aprendera a considerar a cultura nativa nem melhor nem pior do que a nossa mas apenas diferente.

Numa coisa nos levam a pá-lma estes negros da Guiné: na facilidade de expressão. Muitos, mesmo analfabetos, são verdadeiros oradores natos, capazes de agarrar no microfone e discursar enquanto os deixarem. Sentem-se importantes por terem sido escolhidos e por isso se esmeram por falar dos proble-

mas da aldeia, nem que seja para repisar assuntos comuns já tratados. Em todos, uma preocupação determinante: poder relatar no regresso à «tabanca» que disse isto ou aquilo no Congresso e que o «Governo» fez esta promessa ou aquela outra.

POLÍTICA

Nem todos serão expansivos como o Augusto Sambué, de Bissasema, que descreveu a importância dos Congressos em duas metáforas sensacionais. Calmamente e de voz fraca, o «congressista» falou em balanta para descrever em poucas palavras a situação da sua raça. Dispersos pelo mato, os balantas, que tinham aderido em cheio ao PAIGC, estavam sujeitos a todos os perigos, até que o «sr. governador» os chamou como a galinha chama os pintinhos e agora ali estavam reunidos no congresso. Dantes, eram como os doentes dos olhos e os ouvidos, mas agora vieram ao Congresso, que é uma espécie de enfermaria, e já sabem ver e entender que o caminho certo é o da «política de senhor governador».

A palavra «política» é aquela que mais se ouve a propósito de tudo, nos discursos dos congressistas e não tem tradução em nenhum dialecto guineense. Se isto significa alguma coisa, creio que a explicação deve ser procurada na maneira como o general Spínola aborda os grandes e pequenos problemas: quer seja num discurso oficial, quer seja numa conversa com os povos do mato, é em termos de «política» que o general se exprime. E não admira que os congressistas tenham assimilado a ideia, procedendo como autênticos deputados do povo, já que o próprio Governador os considera nessa função.

Poderá dizer-se que todos os congressistas foram correctamente escolhidos e representam o povo, como é desejo do Governador? Receio que não. E que apenas um pequeno grupo foi eleito pela base. A assembleia é constituída pelos «notáveis» das aldeias, isto é, pelos régulos e chefes de tabanca (alguns dos quais eleitos de facto) e, em percentagem equilibrada, pelos «homens grandes» (figuras de prestígio local, quase sempre com mais de cinquenta anos) que são escolhidos pela Administração Civil. Assim, não é de admirar que alguns dos Administradores, em vez de consultarem a base prefiram seleccionar os homens de sua confiança, ao contrário do que pretendia o próprio Governador. Foi o que desta vez aconteceu em alguns casos, segundo pude averiguar junto de entidades oficiais.

PARTICIPAÇÃO

No espírito do General

Spínola, é através dos Congressos que se estrutura a participação do povo na condução da vida pública e nos programas de desenvolvimento, sendo este entendido como única arma eficaz contra a subversão, porque só através dele é possível desarmar as razões de queixa que estiveram no arranque do PAIGC. Ao mesmo tempo, os processos democráticos de participação — explica o General — são a única maneira de estimular o esforço das populações no caminho do progresso e das responsabilidades cívicas, em ordem a uma sociedade autónoma, capaz de viver em liberdade.

«Se queremos construir na Guiné uma sociedade progressiva temos de subir, degrau a degrau, a escada do progresso» — disse o general aos mandingas, em 24 de Julho — para não cairmos naquilo que sucedeu aos países vizinhos: quiseram governar-se a si próprios, quando não estavam preparados, e depois a grande vítima foi o povo. A nova sociedade que estamos construindo será um dia administrada pelos guineus, pelos bons filhos desta terra... mas terá de ser constituída pelos guineus e o seu esforço porque só desta maneira poderá ser uma sociedade africana».

E destas palavras que mais ou menos se repetem em todas as sessões o General tirou conclusões muito práticas: é preciso trabalhar mais e melhor, aproveitando a ajuda que o Governo dá; é preciso mandar os filhos à escola (e não há razão para proibirem as meninas de aprenderem) porque a Guiné do futuro será governada por quem estiver mais preparado e souber trabalhar melhor; é preciso que os guineus defendam o seu «chão», porque a terra é de quem a trabalha e a defende. E finalmente uma declaração de princípio que se traduz em todas as trinta línguas da Guiné: «é preciso que os africanos tenham bem presente que as Forças Armadas estão aqui apenas a ajudar a defesa do «chão» e o trabalho por uma Guiné melhor».

CLAREZA

Talvez ninguém tenha compreendido melhor estas últimas palavras, do que o fula Mamadú, que eu vi discursar sem papas na língua, na sessão de 26 de Julho. O congresso fula tinha começado na véspera com muitos pedidos de charruas e de escolas islâmicas e sobretudo de quartéis. Mamadú não desconhece que a revolução dos oprimidos balantas e mandingas, antes de ser contra os brancos, atinge a raça fula dominadora das outras etnias e aliada tradicional da Administração. Mamadú é um chefe natural, her-

GUINÉ, CRÔNICA IMPERFEITA (CONCLUSÃO)

OS CONGRESSOS DO POVO DE QUE O PAIGC FAZ TROÇA

deiro do orgulho de muitos séculos de hegemonia da sua raça invasora. Por isso o seu discurso é cheio de indignação: está envergonhado — declara — com o tom de lamúria da véspera, porque «o governo já fez tudo o que tinha a fazer».

E acrescenta: «Os que devem lutar pela Guiné são os filhos da Guiné: os que devem morrer pela Guiné são os filhos da Guiné e não os brancos de Lisboa. E portanto os régulos devem organizar a defesa, sem estarem sempre a pedir a protecção da tropa branca».

A diatribe inflamada do orador foi oportunamente aproveitada por um dos responsáveis da mesa que concluiu imediatamente: «O inimigo ataca e foge, mas, se a população for atrás dele e chamar a tropa, ele tem que desaparecer mesmo. É isso que o régulo deve fazer, mentalizando assim a população».

Os tenentes-coronéis das ba-

1963 havia todas as razões que explicavam a insurreição, mas logo se adianta que a política económico-social do Governo já eliminou as razões de queixa, de modo que a guerra se terá tornado um crime contra o povo.

Neste sentido faz-se justiça à honestidade do Governador que nunca escondeu as intenções que presidem ao esforço de de-

vos que o General-lhe traçou. Estes congressos — explicava ele aos balantas — servem para o Governo tomar conhecimento dos anseios do povo; para dar ao povo oportunidade de falar abertamente e apresentar as suas queixas e reivindicações; para que o povo seja esclarecido acerca do pensamento e da política do Governo e formule os seus pedidos e fique a conhecer os

e se eu fala mentira, eles que digam».

Não menos interessante foram os discursos de apelo à responsabilidade que vi pronunciar a vários oradores. «Há aqui muitos que têm contactos com o PAIGC e por isso estão calados porque têm medo de falar». E acrescentava com enorme argúcia este fogoso João Blet, tentando desafiar um régulo que mais tarde me apontou: «Alguns queixam-se de que o inimigo entrou nas tabancas, mas... como é que o inimigo pode entrar sem a população saber? E se sabem e não dizem nada é porque são amigos dos turras» — disse-me ele depois.

(Foi a primeira vez que ouvi na Guiné esta palavra depreciativa e logo da boca de um balanta. Ainda hoje recordo o ódio que lhe vi nos olhos e o asco que senti.)

ESTRUTURAS LOCAIS

Como tive oportunidade de observar, os delegados acreditam no resultado dos trabalhos, porque nos congressos anteriores o Governador teve o realismo de não fazer promessas impossíveis. Tornou-se uma certeza para os nativos da Guiné que o General Spínola cumpre sempre o que promete.

Assegurada a confiança das populações na pessoa do governador, seria relativamente fácil elaborar um esquema «psicológico» baseado unicamente no prestígio paternal do chefe forte não sendo utópico esperar deste clima de confiança um sucesso imediato, a breve prazo. Mas não é este resultado imediato que interessa ao governador, o qual sabe perfeitamente que a resposta paternalista aos pedidos fáceis e primários é apenas o ponto de partida para outras exigências cada vez mais difíceis de satisfazer.

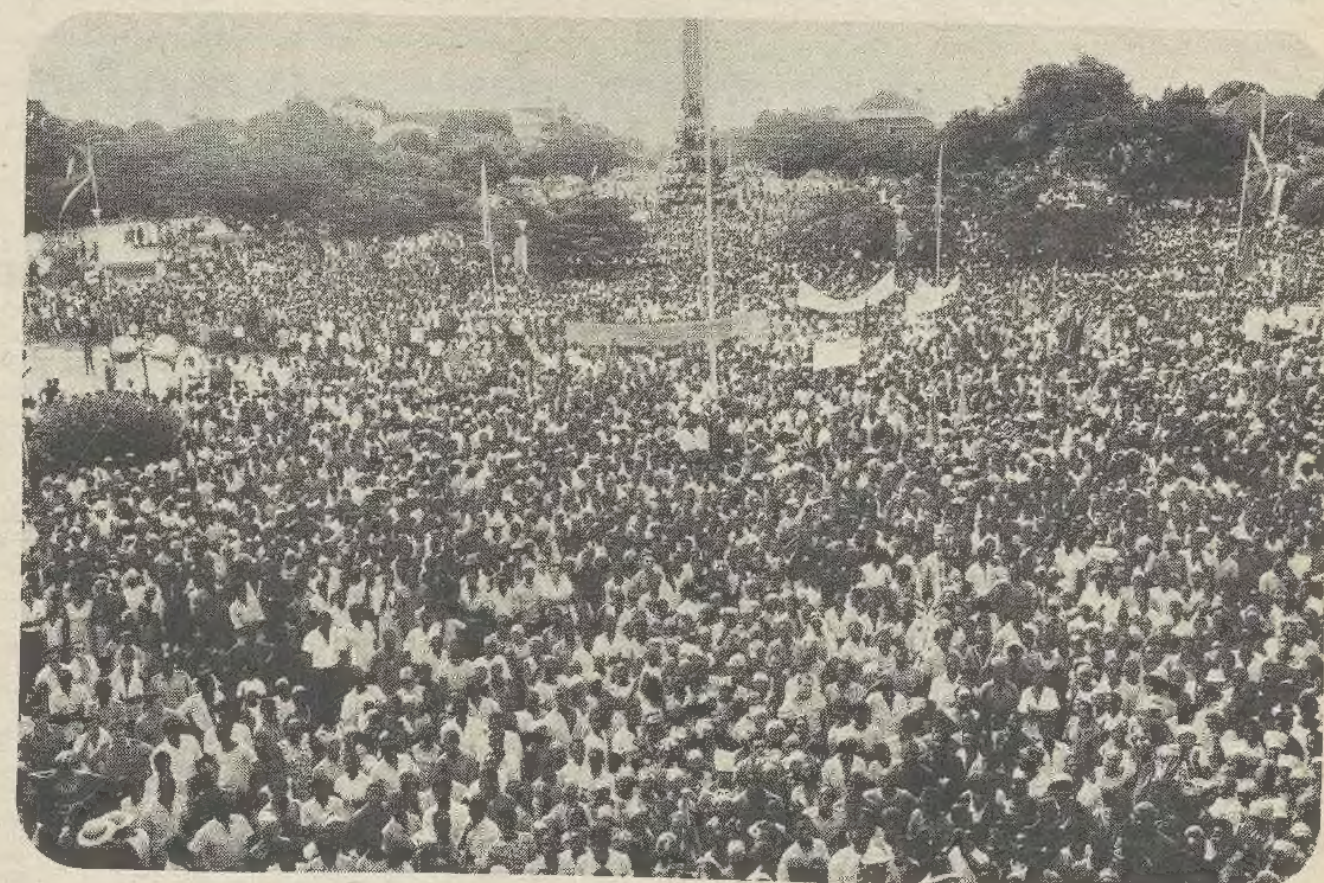
Não admira, portanto, que ao General Spínola não interesse um plano de acção fundado apenas na acitação da sua pessoa, prestigiada pela coragem e

poder na luta armada, pela simpatia irradiante e pelo respeito escrupuloso de promessas fáceis de cumprir. Tudo isto, que foi determinante nos primeiros tempos, é apenas um ponto de partida. O mais importante é o que vem depois, isto é, a estruturação política da participação dos povos cuja adesão, depois de tantos anos de sacrifícios no mato e sem a competente preparação política, foi muito fácil granjear.

De resto, o comandante-chefe tem repetido que os homens passam mas as ideias podem ficar, se forem estruturadas. O Congresso do Povo, a africanização dos quadros administrativos, e sobretudo, a descoberta de uma política baseada nas realidades locais, constituem, segundo o governador, a única via possível.

«O que legitima os governos é a acitação dos governados» — disse, em 97, repetindo-o constantemente — e, por isso, uma doutrina para ser válida, carece de sólido apoio popular. Por outro lado, os interesses sociais determinam-se, em larga escala, por um processo desenvolvido no seio dos próprios grupos humanos que os manifestam, sendo grave erro defini-los sem que se esteja completamente identificado com a sua índole (...). Hoje, mais do que nunca, os povos tendem a orientar-se a partir do seu interior: o mundo evoluiu já o suficiente para que as massas não aceitem outros caminhos senão os que surgem do sentimento do interesse comum. No mundo de hoje, cada vez é menos possível governar os povos senão em seu nome e por seu mandato».

Segundo o general, a estruturação política de uma «Guiné melhor» já começou, e nela os grupos humanos estão a encontrar expressão em termos reais «e não em esquemas políticos de inspiração demagógica. O Congresso do Povo seria um começo desta estruturação, que viria o respeito absoluto pela



O encerramento do «Congresso do Povo» em 29 de Julho

justiça social e pelas instituições africanas, o fomento do progresso económico e social das riquezas naturais em benefício de todos e a participação activa e progressiva no exercício da administração. Tudo isto apontaria para um futuro melhor de «uma Guiné administrada fundamentalmente por guineus, pois — diz o general — «temos de admitir que os africanos são perfeitamente capazes de definir concretamente as suas legítimas aspirações e de contribuir com soluções válidas para uma eficiente gestão dos interesses comuns».

Assim entendida, a política que conduziu aos Congressos do Povo, é que a partir deles se procura concretizar, é muito mais do que um expediente de guerra psicológica, e leva em si uma dinâmica cujo sentido se pode discutir, mas não é possível negar. O próprio

P.A.I.G.C. não se limita já a fazer troça dos Congressos. Não deixa de ser sintomático o aparecimento de uma delegação local de Beafadas no Congresso, os quais viajaram com salvo-conduto oficial, embora não se saiba se foram ou não enviados com conhecimento do Comité central.

«IRREVERSÍVEL»

Os congressos serviram ao jornalista como fonte principal e mais objectiva de informações acerca da Guiné. Pena é que por falta de espaço e por não se julgar oportuno não possa relatar mais depoimentos testemunhados ao vivo. As queixas e reivindicações, os pedidos e os ataques, as recriminações e as lições de estratégia, a mentalização veiculada com os programas de paz, os clímax de poder pessoal e a evidente ambição do mando (por parte dos negros,

claro) e ainda o nervosismo da insegurança e da guerra e tantas outras situações bem mereciam crónica mais detalhada. Mas não é possível dizer tudo num simples artigo de jornal.

E o futuro qual será o futuro dos congressos do povo? Não faço palpatas nem aproximações mas declaro que sai da Guiné convencido de ter percebido neste aspecto o general Spínola, quando ele fala de processos irreversíveis. E que já ninguém se deixe governar senão por esquemas democráticos. Poderá falar-se de segundas intenções, de democracia controlada, de contradições paternalistas e de tantas outras limitações. Mas desde que o processo — foi lançado, gerou-se um movimento imparável de efeitos incalculados que só poderá aproveitar a quem tiver maior discernimento para ver a realidade.



Os africanos são perfeitamente capazes de definir concretamente as suas aspirações e de contribuir com soluções válidas para a eficiente gestão dos interesses comuns. (Na foto: o acto de tomada de posse de um funcionário administrativo)

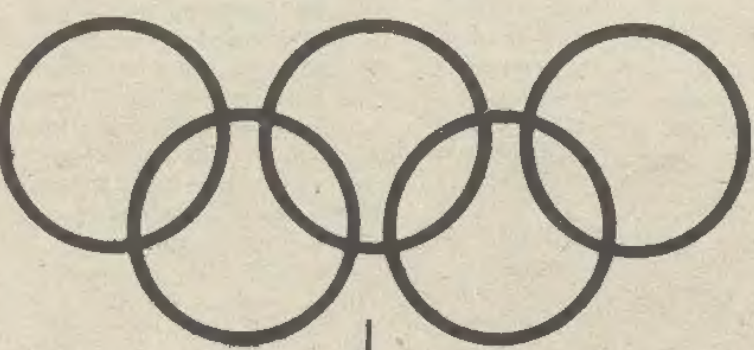
ses instaladas em território fula apoiaram a intervenção da mesa, e de igual modo procederam os elementos da Administração e toda a assembleia dos «notáveis».

Os problemas da guerra e da paz ocupam a maior parte do tempo, mas a agenda do congresso é muito mais vasta, abrangendo todos os aspectos da vida das populações. A guerra é abordada, aliás, como um obstáculo do progresso e todos os ataques verbais ao PAIGC, quer venham dos chefes militares quer procedam dos congressistas, batem sempre a mesma tecla: é preciso acabar com a guerra, para que o povo progrida e seja feliz. Admite-se que em

RETICÊNCIAS

O observador que tivesse conseguido abstrair do contexto da guerra não poderia deixar de admirar a capacidade de participação política dos delegados ao congresso do Povo. Verifiquei que efectivamente o congresso se aproxima bastante dos objecti-

Ora se é verdade que muitos dos congressistas foram um verbo de encher (pelas razões atrás apontadas) também é certo que entre os numerosos oradores, muitos houve que animaram a sala pelas críticas formuladas contra as autoridades presentes e até pelas controversias que fizeram eclodir. Foi o caso daquele balanta que acusava o administrador presente de tratar muito mal os chefes nativos. O acusado desmentiu fogueiramente, exigindo que fossem apontados casos concretos — e o balanta respondeu com desembarço arrumando a discussão: «se sr. governador está aqui, eu falo com ele de homem para homem. Mas está aqui os régulos todos



Fornecedor oficial de televisores para os XX Jogos Olímpicos Munique-72

GRUNDIG

PASSAPORTES

WASTEELS EXPRESSO

EM LISBOA:
Av. Ant. Augusto Aguiar, 86-C
R. Caminhos de Ferro 62-C

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS

Compramos pelo mais alto preço.

GRANDE OURIVARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento. Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand. Rua do Garrido, 73-A — Tels.: 7272101-728793-725195



E CORRIDAS DE TROTE ATRELADO

6 a 10 de Setembro

Promovido pela
SOMOTEL- através do seu CENTRO HIPICO DE VILAMOURA

Preços

Pesagem 50\$00
Peão 20\$00 Peão [dos 10 aos 18 anos] 10\$00



DL/ESTRANGEIRO

JAPONESES INQUIETOS APÓS O ENCONTRO NIXON-TANAKA

A Formosa não figura no comunicado

HONOLULU, 2 — (FP) — No final das conversações que o presidente Richard Nixon teve, durante dois dias, aqui, com o primeiro ministro Japonês, Kakuei Tanaka, sobre as relações económicas entre os seus dois países e a respeito da sua política de aproximação com a China Popular, foi publicado um comunicado comum.

Neste documento, os dois homens de estado exprimem a esperança de que a próxima visita do primeiro ministro nipónico a Pequim contribua para atenuar a tensão na Ásia.

Os dois governos — salientam — continuarão a cooperar, consultando-se amigavelmente, para assegurar a aplicação normal e eficaz do seu tratado de Segurança Mútua.

Apesar desta referência a continuação em vigor do tratado, inicialmente concebido para organizar a cooperação dos dois países contra a ameaça comunista no Extremo Oriente, o comunicado não menciona a Formosa. Quando o antigo primeiro ministro Eisaku Sato esteve em Washington, em Novembro de 1969, o comunicado comum su-

blinhava a importância da segurança da ilha para a paz na região. Os dois homens só fazem breve referência à guerra do Vietnã para exprimir a esperança de que a paz volte ali a reinar muito em breve. Manifestam, por outro lado, satisfação pelo reatamento do diálogo entre as duas Coreias.

No plano económico, o comunicado comum anuncia que foi acordado que o Japão comprará aos Estados Unidos mais de um bilião de dólares de mercadorias até Março de 1973, além dos montantes que já estavam previstos. Os pormenores constam duma declaração bilateral anexa, na qual se esclarece que o Japão aumentará as suas compras aos Estados Unidos de produtos agrícolas e florestais, de material aeronáutico e de urânio enriquecido, para melhorar a balança comercial entre os dois países, que apresenta um défice anual da ordem dos 3,8 biliões de dólares para os Estados Unidos.

O Japão e os Estados Unidos convencionaram, por outro lado, estudar a possibilidade dum

projecto de construção em comum, em território americano, duma instalação que permita o enriquecimento do urânio por difusão gasosa a fim de ser utilizado em objectivos pacíficos. Este projecto implicaria a aplicação pelo Japão de um bilião de dólares, provavelmente escalonados por vários anos.

Nixon e Tanaka concordaram em que «é essencial proceder a uma reforma fundamental do sistema monetário internacional» e em que «a expansão do comércio internacional exige uma redução multilateral das barreiras alfandegárias e dos obstáculos nos países».

Finalmente, os dois estadistas declararam-se muito satisfeitos com os resultados das suas conversações e convencionaram manter-se em apertado contacto.

JAPONESES INQUIETOS

TOQUIO, 2 — Os meios financeiros de Tóquio mostram-se inquietos no final das conversações Tanaka-Nixon em Honolulu. Causou grande decepção, o fac-

to dos americanos haverem indicado, preto no branco, que a moeda japonesa deve ser solidária das outras e que segundo consta, se hajam recusado a inscrever no comunicado final que o Yen não tem que ser valorizado mais uma vez.

Já se sabia em Tóquio que a aliança nipo-americana não estava em jogo e que a normalização das relações entre Pequim e Tóquio, assim como as relações futuras com a Formosa, eram pontos relativamente fáceis de resolver. Mas, os observadores japoneses estavam convencidos de que as coisas se poderiam estragar ou, pelo menos, emperrar, logo que se falasse de números.

Ora, o futuro do Yen preocupa no mais alto grau o Governo japonês, e com razão: em Julho, a balança dos pagamentos acusou um excedente de 402 milhões de dólares contra 204 em Junho. As exportações em Julho atingiram 2.390 milhões de dólares, o que representa um aumento de 12 por cento em relação a igual período do ano transacto, ao passo que as importâncias só aumentaram 6 por

cento. Finalmente, pensa-se que as reservas japonesas atingirão 6 biliões de dólares no fim do mês de Agosto.

Nestas condições, os meios económicos japoneses não vêm como é que o Japão pode escapar às censuras da OCDE e do Fundo Monetário Internacional, organismos que entendem que um país constantemente excedente deve proceder a uma valorização da sua moeda se os outros métodos se mostrarem ineficazes.

Ora, pensam os especialistas japoneses, o tempo trabalha contra o Governo, que já não pode inverter a tendência. E por isso que «Daiwa Securities», a grande sociedade de agentes de

câmbio, prevê uma valorização do Yen em Abril de 1973, da ordem de 8 a 10 por cento depois de um período de flutuação de três meses.

Esta firma frisava até que, pelo caminho que as coisas levam, o Japão seria obrigado a valorizar o Yen de dois em dois anos.

Finalmente, suspeita-se em Tóquio que os americanos estão a fazer jogo duplo. Com efeito, os Estados Unidos fazem frente comum com os japoneses contra o «protecçãoismo» da comunidade europeia, mas receia-se, ao mesmo tempo, que Washington alinhe com os europeus para denunciar a política comercial de sentido único dos japoneses.

A CALMA VOLTOU A SANTIAGO DO CHILE

SANTIAGO DO CHILE, 2 — (R.) — A Polícia conseguiu restabelecer a ordem esta madrugada nas ruas da capital chilena, após as mais violentas desordens políticas, desde que o presidente Allende tomou posse, em Novembro de 1970.

Bandos de adversários e partidários da Frente Popular travaram autênticas batalhas à pedrada e à cacetada em vários pontos da cidade. A violência assumiu particular intensidade nas ruas em torno do palácio presidencial.

A Polícia interveio em força para separar os bandos rivais, empregando gases lacrimogêneos e canhões de água. Cento e cinquenta e quatro pessoas foram presas e há ainda um

número não especificado de feridos.

O secretário do Interior, Daniel Vergara, anunciou que a situação estava dominada, acusando ao mesmo tempo as estações da rádio controladas pela oposição de difundirem relatos «alarmistas» sobre os acontecimentos.

Antes de Vergara falar, o Governo tinha ordenado a transmissão do seu discurso à escala nacional por todas as estações de rádio e televisão.

O ministro do Interior, Jaime Suarez, foi ontem vaiado ao assistir, em Concepcion, ao funeral de um polícia morto na quarta-feira a tiro, quando as forças de segurança intervieram ali para separar grupos pró e anti-governamentais.

Sadate em tom moderado

CAIRO, 2 (R.) — O presidente Anwar Sadat proferiu aos microfones da Rádio do Cairo, um curto discurso, redigido em termos moderados, enquanto persistem os rumores acerca de uma projectada visita à França e às Nações Unidas, antes do fim do ano, do dirigente egípcio.

Anteriormente, Sadat aproveitava tais ocasiões para fazer importantes declarações políticas acerca da situação no Médio Oriente ou das relações entre o Egipto e outros países, mas no discurso de ontem o dirigente egípcio poucas alusões fez à crise do Médio Oriente.

As relações entre o Egipto e a Rússia, bastante frias desde que o presidente decidiu, em Julho, acabar com a presença militar soviética no país, não mere-

ceram qualquer referência específica, embora Sadat tenha salientado: Seremos amigos daqueles que forem nossos amigos, mas continuaremos a defender os nossos princípios e a manter as nossas crenças, e alinharemos somente ao lado daqueles cuja posição seja correcta.

Na única alusão directa que fez à confrontação com Israel, Sadat disse: «Encontramo-nos perante uma batalha e estamos firmemente dispostos a libertar a nossa terra e a nunca esquecer os direitos do povo da Palestina».

Os observadores políticos notaram a total ausência no discurso de qualquer crítica aos Estados Unidos, que ainda há pouco constituíam um dos principais alvos dos ataques do dirigente egípcio, devido ao apoio que tínhamos dado a Israel.



DL/ESTRANGEIRO

O SUL DA ÁFRICA DISCUTIDO NA ONU

●Onde se fala de Cabora Bassa

NAÇÕES UNIDAS, 2 — (R.) — Uma comissão das Nações Unidas acusou os grandes países ocidentais e os Governos minoritários brancos da África Austral de estarem a explorar os recursos naturais dos países em desenvolvimento e de utilizarem o racismo para manterem naqueles territórios uma economia colonial.

A comissão especial da ONU para a garantia da independência dos territórios e povos coloniais anunciou que, um estudo há pouco efectuado, demonstrou que «os monopólios e outras operações lucrativas estrangeiras, na maior parte desses territórios coloniais, particularmente no Sul da África, continuam a desenvolver apenas os sectores económicos susceptíveis de lhes garantirem maiores lucros».

Os elevados lucros que obtêm podem atribuir-se aos privilégios especiais que lhes são concedidos pelas administrações dos regimes coloniais e racistas e a uma política de discriminação racial e de pagamento de salários baixos aos trabalhadores indígenas, particularmente aos dos territórios do Sul da África, que não contam com os benefícios da assistência social e não são autorizados a formar sindicatos para defenderem os seus interesses, «acentuando o estudo a que se referia a comissão».

Companhias com sede no Reino Unido, Estados Unidos, França, Alemanha Ocidental e Japão têm estado a criar um novo complexo industrial militar e paramilitar sob a égide da África do Sul, o qual está a alastrar para os territórios sob a administração portuguesa, acrescentava o documento.

A invasão económica de Angola e Moçambique levará mais de um milhão de novos colonos brancos para as áreas em redor da barragem de Cabora Bassa, no rio Zambeze, e do complexo hidroeléctrico da bacia do rio Cunene, no Sul de Angola.

O projecto consolidará a base económica dos regimes minoritários racistas no sul da África, bem como a supremacia branca naquela região, e provocará tensões e discórdias internacionais, prosseguia o estudo elaborado pela comissão.

O grupo da ONU afirmou que Portugal está a renovar os seus esforços para estabelecer «não africanos» em Moçambique, especialmente no norte do vale do Zambeze, dando a esses elementos substancial assistência financeira e amplas terras para o desenvolvimento de explorações agrícolas.

Os africanos, porém, têm estado a ser transferidos para aldeias recentemente criadas e localizadas em terras estérteis e de fracos recursos.

Portugal recebe cada vez mais auxílio financeiro da África do Sul, do que resulta «um

firmes aumento dos interesses sul-africanos especialmente nas minas e na região do Cunene». Um animador indicio de protesto internacional, todavia, reside na boicotagem do café de Angola pelos importadores holandeses e na decisão do Conselho Mundial das Igrejas de acabar com os seus investimentos na África do Sul, frisou a comissão.

No entanto, o grupo salientou que os repetidos apelos formulados na Assembleia Geral da ONU para que os grandes países retirem as suas bases militares dos territórios coloniais têm sido ignorados, enquanto os Estados membros sem bases naqueles territórios têm igualmente ignorado os pedidos da Assembleia Geral para uma «constante e vigorosa campanha» contra as bases ali existentes.

Prosseguindo, o estudo elaborado pela comissão frisava que 3000 polícias sul-africanos estão a reforçar as forças regulares da Rodésia na sua luta contra os combatentes da liberdade africanos, acrescentando:

«Certas potências ocidentais continuam a fazer entregas de armas e equipamento militar à África do Sul, incluindo submarinos, helicópteros, mísseis, teleguiados, sistemas de armamentos e equipamento electrónico. Por outro lado, afirmou a comissão, Portugal tem renovado as suas ofertas para o estabelecimento de bases militares na NA-TO na África portuguesa».

ZAIRE: mudar de nome será mudar de política?

KINSHASA, 2 (F.P.) — Já não há Governo nem ministros no Zaire. Estas palavras, com efeito, foram substituídas pelas do Conselho Executivo Nacional e de «Membro do Conselho Executivo Nacional Encarregado de...»

Esta nova etapa na política de autenticidade do Zaire foi decidida ontem pelo gabinete político do Movimento Popular da Revolução, reunido sob a

presidência do general Mobutu Sese Seko, chefe de Estado.

A nova hierarquia nacional é a seguinte: presidência do Movimento da Revolução, que pertence ao chefe de Estado (presidente-fundador do partido); Congresso do Partido; Gabinete Político; Conselho Executivo Nacional, que reagrupa os antigos ministros, e também os antigos membros do comité executivo nacional do MPK.

Além destas mudanças de nome, os principais postos da administração também mudaram de designação. Assim, os secretários gerais dos ministérios passam a chamar-se «directores» e a administração no seu conjunto é agora dirigida por um «director-geral». O princípio de base da política do Zaire consiste agora em recrutar «militantes convictos comprometidos na revolução» Indicou o director do gabinete político.

WALDHEIM NA JUGOSLÁVIA

BEI-GRADO, 2 — O secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim que está a visitar oficialmente a Jugoslávia, declarou ontem à noite que «se criou nova situação no Médio Oriente, mas que ninguém pode, por enquanto, prever as suas consequências futuras».

Waldheim, que se dirigia à Imprensa depois de ter sido recebido pelo presidente Tito na ilha de Brioni, esclareceu que só irá às capitais árabes, quando tiver chegado à conclusão que essa visita será útil e contribuirá para a solução do problema.

Interrogado acerca da sua recente visita à China, Waldheim disse que fora recebido muito amigavelmente e que colheva a impressão de que a China está interessada em cooperar activamente com as Nações Unidas.

Indicou, por fim, que passara em revista, com o chefe de Estado jugoslavo, os principais problemas internacionais, designadamente o Vietnã, o desarmamento, a situação na Europa, os assuntos da ONU, a situação no subcontinente indiano, a questão de Bengala Oriental e a da Coreia nas suas relações com a ONU.

MENINO FUMADOR

LAS PALMAS, 2 — (ANI) — Dario Rodriguez Diez fuma quatro cigarros por dia. Seria pouco, se não se desse o caso de ele ter apenas dois anos.

Há vários meses que Dario começou a pedir cigarros à mãe. «A princípio acendemos, por graça» — declarou a senhora. — mas prefere os cigarros aos rebuçados».



O CRIME DO OLIVAL (PORTO)

MARIDO E MULHER MATARAM O AMANTE

Foi morto com uma enorme pedra que lhe esmagou a cabeça o electricista José Francisco Ribeiro, quando lutava com o marido de sua amante que os surpreendeu numa bouça da freguesia do Olival, em Gaia.

Com o crânio esmagado a cara golpeada e meio despidido o cadáver foi encontrado ontem à tarde por um ciclista não identificado que se aproximou do local.

Separado de sua mulher que reside em Vilar do Andorinho, o operário morava com seus pais em Oliveira do Douro e, quando se dirigia ao trabalho numa fábrica de Crestuma, costumava passar de automóvel naquele local. Acreditava nas vozes do povo, aí parava em conversa com uma mulher daquela lo-

calidade cujo marido acaba de regressar de França. Ontem, o carro esteve estacionado no lugar do costume, desde as 7 horas da manhã.

A bouça tem mato com cerca de um metro de altura e está oculta da estrada por dois muros ainda mais altos.

Só de tarde pelas 16 e 30, um ciclista não identificado, que se aproximava do local descobriu o cadáver mutilado e correu à estrada para alertar precipidamente algumas pessoas que passavam. Foram estas que avisaram a G. N. R. do posto dos Carvalhos, enquanto o ciclista desaparecia, para não mais ser visto.

Uma brigada da Polícia Judiciária examinou o local do crime, apurando várias manchas de sangue numa ex-

tensão de dez metros, o que parece indicar luta feroz. Uma pedra ensanguentada junto do cadáver terá sido a arma do crime. Uma faca de cozinha ensanguentada, além de relógio, e de agenda da vítima foram também recolhidos.

Os investigadores dirigiram-se depois ao lugar de Picote na freguesia de Crestuma, onde foram encontrar a mulher do emigrante, na companhia de seu marido. Foram ambos detidos e interrogados durante a noite acabando por confessar o crime. Trata-se de Joaquim Ferreira Dias, de 30 anos, mais conhecido pela alcunha de «Pi-chelo» e de sua mulher, Maria Pereira de Sousa, de 32, também conhecida pelo nome de Maria Maurícia.

LEITE: AUMENTAM OS PREÇOS PAGOS AO PRODUTOR

Um despacho do secretário de Estado do Comércio, que entra imediatamente em vigor, determina um aumento de 20-litro ao produtor de leite, nos arquipélagos da Madeira e dos Açores e nas áreas do Continente de recolha organizada. Este aumento, nos termos do diploma, pretende conseguir uma minimização da queda de produção sazonal sempre verificada no período de escassez dos alimentos naturais, e na expectativa de que a uma valorização do produto corresponda uma melhoria do regime alimentar dos animais».

O PÚBLICO CONSUMIDOR NÃO É AFECTADO

Depois de referir que o Governo tem clara consciência de que estas medidas não resolvem totalmente o problema do abastecimento de leite — que nor-

malmente surge no período que se avizinha —, o despacho salienta-se o facto de «este aumento de preço no produtor não se repercutir nos preços de ven-

da ao público, sendo o acréscimo de encargo integralmente suportado pelo Fundo de Abastecimento».

A partir de 1. do corrente, entretanto, foi retirada o subsídio de 840-litros que o Fundo de Abastecimento vinha garantindo aos iogurtes, leites e outros produtos derivados com preço de venda livre.

PRÉMIOS DA ÚNICA

Embora o anúncio oficial dos prémios do 34.º Concurso da Única só seja feito logo à noite, sabemos já quais os filmes premiados no referido certame. Assim, com medalha de ouro foram distinguidas as películas «L'Homme à la Pomme», filme espanhol de dezasseis milímetros da autoria de J. Baca e P. Garriga, com 80 metros e 8 minutos de projecção; os dois filmes italianos que se apresentaram a concurso: «Col Bianco del Capelli di una Madre», de Giuseppe Bernagazzi e «Amaz-

zonía Senza Tempo», de A. Cannonica e o filme suíço «Simgenrungen» de H. Haldenwang. Foram ainda atribuídas catorze menções honrosas, tendo sido galardoados dois filmes portugueses: «Tempo Desajustado», de A. Barros da Fonseca e «Para Que?», de Gil Apostola. As outras menções honrosas foram atribuídas aos filmes alemães (Quatro), belga (Um), dinamarqueses (Um), espanhol (Um), franceses (Dois), polacos (Dois). Todas estas películas foram distinguidas com os diplomas UNICA.

ESCOLA LUSITÂNIA FEMININA

R. DE D. ESTEFÂNIA, 126 (à Av. Duque de Ávila) — Telef. 447 30 e 55 35 75

CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA

OFICIALIZADO POR DESPACHO DE 27-5-1971

PREPARAÇÃO PARA

SECRETARIAS

E

CORRESPONDENTES ESTENODACTILÓGRAFAS

EM

PORTUGUÊS, FRANCÊS E INGLÊS

A frequência dos dois primeiros anos constitui forma legal de cumprir a escolaridade obrigatória com economia dum ano na conclusão do curso. A duração depende das habilitações das alunas, sendo mínima para as que têm a frequência do 5.º ano. Essas ingressam em classes especiais.

Em geral, pouco tempo após a conclusão do curso as alunas estão colocadas, quase sempre pela Escola, satisfazendo constantes pedidos das empresas.

ENVIAM-SE BROCHURAS COM A ORGANIZAÇÃO DO CURSO

DL/DESPORTO

MUNIQUE 72



Pelo
nosso enviado
NEVES DE SOUSA



Continuação da primeira página

JAMAICA

O dia comportou-se de modo variável, alternando o sol aberto com o neblino no horizonte. Já oficialmente credenciados (reconhecimento n.º 5457, com fotografia e tudo) fomos até ao Estado Olímpico ver atletismo. As provas estão aí, descritas em todos os mazes por agências que funcionam em cima da hora. Mas, pormenores saltaram a solicitar referência: e o principal foi o abaixamento norte-americano perante o admirável esforço dos países de Leste (e da Alemanha Ocidental) no período que se sobrepôs aos jogos de México. Não fora o portentoso Mark Spitz e a América andaria ainda agora pelas ruas da amargura.

Com efeito, tal como eu esperava, o russo Borzov bateu o estadunidense Taylor. Nem um britânico na final: e dois homens da Jamaica a confirmarem que não vieram cá para ver os parciais. Eliminações sensacionais: especialmente a do po-

laco Nowos (10,42), do grego Papageorgopoulos (que contraiu febre a 39,5) e do francês Sateur (10,51). Mais: outro jamaicano (Michael Fray, com 10,48) esteve na meia-final. Atenção aos velocistas da Jamaica: eles podem ser os reis no Canadá. (No estádio, enquanto as corridas, os saltos e os lançamentos desfilam, raparigas do Ceilão oferecem café quente aos atletas e aos jornalistas. Pergunto a mim próprio porque motivo a entidade que superintende no belíssimo café de Portugal perdoe esta oportunidade para propagandar um dos produtos portugueses mais acreditados. Estamos, assim, tão firmes na coacção mundial?).

«BLUFF»?

No lançamento do disco um fenómeno na primeira linha: o checoslovaco Danek (64,32). E o americano Silvester separado por quatro outros nomes da vanguarda. Oriente-ocidente: «bluff» ou jogo aberto? Transpôr, 5,10 a vara foi o máximo averbado na prova da qualificação. Derrota fulminan-

Ouro, prata, bronze

É a seguinte a distribuição de medalhas nos Jogos Olímpicos, depois das provas de ontem:

	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL
Rússia	19	12	13	44
Estados Unidos	13	14	11	38
Alemanha Oriental	10	8	9	27
Japão	9	6	7	22
Austrália	5	3	1	9
Polónia	3	1	1	5
Alemanha Federal	2	5	7	14
Hungria	2	4	8	14
Bulgária	2	4	1	7
Suécia	2	1	1	4
Inglaterra	2	1	3	6
Holanda	1	0	1	2
Coreia do Norte	1	0	1	2
Dinamarca	1	0	0	1
Noruega	1	0	0	1
Canadá	0	2	0	2
França	0	1	2	3
Roménia	0	1	2	3
Austria	0	1	1	2
Checoslováquia	0	1	1	2
Irão	0	1	1	2
Suiza	0	1	1	2
Colômbia	0	1	0	1
Libano	0	1	0	1
Mongolia	0	1	0	1
Turquia	0	1	0	1
Finlândia	0	0	1	1
Jamaica	0	0	1	1

DE BERLIM A TÓQUIO

ORIENTE NA ORDEM DO DIA

é garantia de mais uma enchente total no fabuloso Estádio Olímpico. Duas alemãs de oriente (Ruth Fuchs e Jaquelin Todten) levan-

ALDEGALEGA E LOPES AINDA "RESPIRAM"

Armando Aldegaleta e Carlos Lopes ainda respiram vontade de bem fazer nestes Jogos Olímpicos. Tanto um como o outro, actuarão ainda na Maratona e nos 5.000 metros, respectivamente, de hoje a oito dias. Quer dizer: ainda há esperanças de vermos um português nas classificações do atletismo...

Fuchs e Jaquelin Todten) levaram a melhor sobre a norte-americana Kathy Schmidt e, passando os 60 metros no arremesso do dardo, inscreveram-se nos dois lugares do pódio. E é ainda uma mulher de além-cortina (a russa Niele Sabaito, com 2 m. 00,09 nos 800 metros) quem avança destacada para outra medalha de ouro. Só duas alemãs (a oriental Hoffmeister e a ocidental Hildegard Falck) ou, talvez, a canadiana Abigail Hoffman a podem destronar. Mas, caso curioso, a jugoslava

10.000 PESSOAS JÁ FORAM AO MÉDICO

Insólito: em três dias foram dados medicamentos a 10 mil pessoas nas imediações da Aldeia Olímpica ou na própria concentração dos atletas. «Há atletas que já vêm cá por vício» — diz o dr. Gossner, chefe dos serviços clínicos dos Jogos.



Drama nos 400 metros barreiras: os germânicos Buettner (de Oeste) e Rudolph (de Leste), caem na recta final. Este, é o filme do drama.

JOGOS OLÍMPICOS

DL/DESPORTOS

RECORDES CAEM COMO TORDOS

Munique continua a assistir à constante queda dos máximos tanto olímpicos como mundiais. E não é preciso a gente ir ver as finais, para testemunhar verdadeiros feitos atléticos: basta ir uma manhã ou uma tarde à piscina olímpica, para ver novos campeões. E, para quem duvide, apenas um convite: vejam o quadro de resultados das provas de ontem...

A australiana Shane Gould ganhou a medalha de ouro dos 200 metros livres e estabeleceu um novo «record» mundial ao fazer 2 03,56 ou seja, 2 03,6. Medalha de Prata: Babashoff (Estados Unidos). Medalha de Bronze: Keena Rothhammer (Estados Unidos).

A alemã oriental Andrea Effe melhorou com 2 06,27, ou seja, 2 06,3, o seu próprio «record» da Europa que tinha estabelecido de manhã com 2 07,0.

O americano Rick Demont ganhou a medalha de ouro dos jogos olímpicos para os 400 metros estilo livre em natação. Brad Copper, da Austrália, ganhou a medalha de prata e Steve Gentler, dos Estados Unidos conquistou a de bronze.

A japonesa Mayumi Aoki ganhou a medalha de ouro dos 100 metros mariposa e estabeleceu um novo «record» mundial ao fazer 1 08,34, ou seja, 1 03,3. Medalha de Prata: Roswitha Beier (Alemanha Oriental). Medalha de Bronze: Andrea Gymer (Hungria).

ATLETISMO

O soviético Valery Borzov e a alemã oriental Ruth Fuchs foram as figuras da segunda jornada das competições de atletismo. O primeiro ganhou a final dos 100 metros, de que era favorito, com 10 s. 4/100. A segunda, já recordista da especialidade com 65,06 metros ganhou facilmente o lançamento do dardo feminino com a marca de 63,88 metros que fica a constituir «record» olímpico.

Invicto já já três anos, Valery Borzov pôs assim termo à supremacia dos americanos nos 100 metros olímpicos, a qual fora interrompida em 1960 nos jogos de Roma pelo alemão ocidental Armin Hary.

Barzov adiantou-se com facilidade a Robert Taylor, o único americano na final (10 s 24/100) e o jamaicano Lennox Miller (10 s 33/100). Em 4.º lugar classificou-se o pequeno mas veloz Kornetuck, o que vem a confirmar a recuperação dos «sprints» soviéticos durante tanto tempo em segundo plano. Classificação da final dos 100 metros: 1.º Valery Borzov (URSS), 0,14 (Medalha de Ouro); 2.º Robert Taylor (EU), 10,24 (Medalha de Prata); 3.º Lennox Miller (Jamaica), 0,33 (Medalha de Bronze).

DARDO: (Senhoras) — Fl-

NAI: 1.º Ruth Fuchs (GDR), 63,88 metros (novo recorde olímpico, 2.º Jacqueline Todten, (GDR), 62,54; 3.º Kathy Schmidt, (USA), 59,94.

O finlandês Tapio melhorou, na primeira série dos 3.000 metros obstáculos, o «record» olímpico desta distância, fixando-o em 8 m. 24 s. 78/100.

O anterior máximo estabelecido nos jogos de Tóquio, pertencia ao belga Gaston Roelants com 8 m 30 s. 8/10.

Porém, na última série desta prova Amos Bixott (Quênia) baixou para 8 m. 23 s. 8/10 o «record» olímpico estabelecido minutos antes pelo finlandês Tapio Kantanen.

GINÁSTICA

Nas provas de ginástica dos Jogos Olímpicos a Medalha de Ouro masculina — Para os exercícios livres foi conquistada por Nikolai Andrianov, da União Soviética. A Medalha de Prata foi ganha por Akinori Nakayama, também do Japão, e a de bronze por Shigeru Kasamatsu, igualmente do Japão.

Na disciplina cavalo de arção masculino a Medalha de Ouro foi obtida pelo soviético Victor Klimenko, a de Prata por Sawao Kato e a de Bronze por Eizo Kenmotsu, ambos japoneses.

Em barras paralelas a medalha de ouro foi conquistada pelo japonês Sawao Kato. A de prata foi para Shigeru Kasamatsu e a de bronze para Eizo Kenmotsu, ambos, também, do Japão.

Em barras horizontais foi também um japonês, Mitsuo Tsukahara, quem ganhou a medalha de ouro. As medalhas de prata e bronze foram também conquistadas por japoneses Sawao Kato e Shigeru Kasamatsu, respectivamente.

O japonês Akinori Nakayama ganhou a medalha de ouro em argolas, Mikhail Voronin, da União Soviética, conquistou a de prata e Mitsuo Tsukahara, do Japão, a de bronze.

A classificação da prova de exercícios no solo em ginástica masculina: 1.º Nicolai Andrianov (URSS), 9,525/9,650 total 19,175; 2.º, 2.º, Akinori Nakayama (Japão), 9,525/9,600/19,125; 3.º, Shigeru Kasamatsu (Japão), 9,525/9,500/19,025.

O japonês Mitsuo Tsukahara ganhou a medalha de ouro de ginástica em barra fixa. Os japoneses Sawao Kato e Shigeru Kasamatsu ganharam as medalhas de prata e de bronze.

O alemão oriental Klaus Koeste ganhou a medalha de ouro de ginástica — Salto a cavalo. Os russos Viktor Klimenko e Nikolai Andrianov ganharam as medalhas de prata e de bronze.

O japonês Sawao Kato ganhou a medalha de ouro de ginástica em parcelas. Os japoneses Kasamatsu Shigeru e Kenmotsu Eizo ganharam as medalhas de prata e de bronze.

VELA

A quarta regata da classe de «Star» dos Jogos Olímpicos hoje disputada foi ganha pelo Canadá, seguido pela Alemanha Ocidental e Austrália.

Na classificação geral a Suécia continua à frente com 24 pontos, seguida pela Austrália com 28,4 e pela Alemanha Ocidental com 33,7.

Portugal ocupa a sétima posição com 52,7 pontos.

Na classe «Dragões» a 4.ª regata foi ganha pela Alemanha Oriental, seguida pela Polónia e pela Alemanha Ocidental.

Na classificação geral, a Austrália comanda a prova com 25 pontos seguida da Alemanha Ocidental com 42,7 pontos e pelo Canadá com 45 pontos.

Na classe «Finn» a quarta regata foi ganha pela Suécia, seguida da Nova Zelândia e pela Austrália.

Portugal, que se encontrava em segundo lugar na geral, não ocupou nesta regata os 10 primeiros lugares.

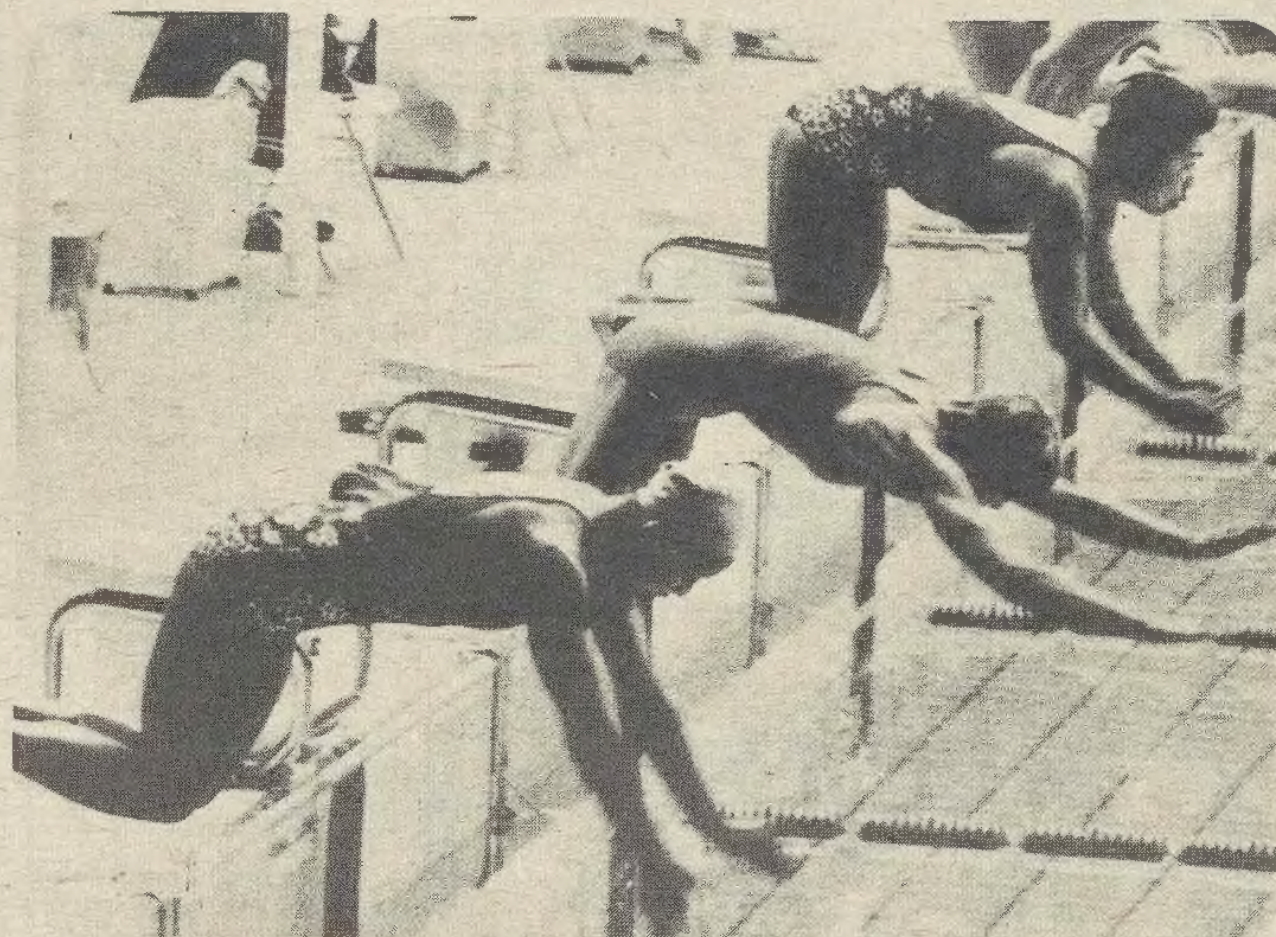
Assim, Portugal aparece agora na oitava posição na geral com 64,7 pontos. A prova é comandada pela União Soviética com 42 pontos, seguida pela Grécia com 48 e pela Nova Zelândia com 50,7.

CICLISMO

Kurt Knudsen, da Noruega, ganhou a medalha de ouro dos Jogos Olímpicos na prova de ciclismo de perseguição individual. Xavier Kurmann, da Suíça, conquistou a de prata, e Hans Lutz, da Alemanha Ocidental, a de bronze.

EQUITAÇÃO

O britânico Richard Meade conquistou a medalha de ouro do concurso completo da equitação (individual). — Medalha



Mayumi Aoki, vela do Japão para vencer os 100 metros livres e bater o recorde olímpico.

de prata: Alessandro Argentou (Itália); Medalha de bronze: Jan Jonsson (Suécia).

Por equipas, a medalha de ouro foi para a Grã-Bretanha, a medalha de prata foi conquistada pelos Estados Unidos e a de bronze pela Alemanha Federal.

TIRO

Classificação da prova de pistola de velocidade: 1.º Josef Zapedzki (Polónia), 595 pontos (recorde olímpico); 2.º, Madislav Fata (Chacoslováquia), 594; 3.º, Victor Torschin (URSS), 593.

O português José Antunes classificou-se na 36.ª posição, com 578 pontos.

Carteiristas olímpicos

O reforço da polícia de Munique para doze mil agentes, afugentou muitos carteiristas, pelo menos durante a disputa dos Jogos Olímpicos — anuncia a DPA.

Rusgas levadas a efeito nos locais tradicionais, revelaram que muitas caras conhecidas mudaram o seu campo de acção para regiões onde as patrulhas policiais são menos frequentes.

Até agora foram apanhados quarenta e nove carteiristas, todos estrangeiros. Entre eles contam-se alguns da América do Norte e do Sul.

Lakov Zhelenika (URSS) conquistou a medalha de ouro no tiro ao alvo corrente batendo o record mundial da especialidade com 569 pontos. Classificaram-se a seguir o colombiano Hel Bellingrodt (medalha de prata) e o soviético Vale Poshalov (medalha de bronze).

SPITZ PEDE DESCULPA

O campeão americano de natação Mark Spitz, enviou uma carta à Comissão Executiva do C. I. O., a fim de pedir desculpas por ter saudado os espectadores da piscina olímpica com uns sapatos cujo nome publicitário se via facilmente. A comissão acei-

tiu as desculpas, mas dirigiu uma advertência severa a todas as federações a fim de evitarem que tais incidentes se repitam. Segundo fonte geralmente bem informada, a Comissão não recebeu qualquer protesto tendo sido informada do sucedido pela imprensa.

PÚBLICO PARCIAL NO BOXE

A Associação Internacional de Pugilismo Amador expulsou seis árbitros e juizes por incompetência. No entanto, os espectadores presentes nos combates do torneio Olímpico de pugilismo continuam a apurar e a associar.

Os adeptos da modalidade incitam os pugilistas menos cota-

dos e os que revelam coragem, e adoptaram uma atitude pró-norte-americana e anti-russa. E se a decisão não lhes agrada, protestam ruidosamente.

Os apupos diários já se tornaram rotina no pavilhão de pugilismo, que geralmente se encontra repleto em todas as sessões.

torralta



O ciclo completo do turismo

torralta



Um turismo de verdade A verdade do turismo

DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDAÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º, 2.º, 4.º
TELEF. 654531/23-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

AINDA O "TALCO ASSASSINO"

O COMÉRCIO DE COSMÉTICOS VAI SER REGULADO POR LEI

Do Ministério da Saúde e Assistência recebemos a seguinte nota:

«Em referência às notícias publicadas na imprensa nacional e estrangeira, relativamente aos efeitos nocivos para a saúde, resultantes da aplicação de um talco contendo um produto antiséptico designado «Hexaclorofene», o Ministério da Saúde informa o seguinte:

1 — A Direcção-Geral de Saúde tomou oportunamente conhecimento dos eventuais perigos do uso do Hexaclorofene em doses excessivas.

2 — Solicitada, em devido tempo, informação à Organização Mundial de Saúde, sobre a toxicidade do produto em causa, foi por esta organização esclarecido, em 13 de Abril último, não ter submetido a qualquer grupo de peritos o estudo do caso, pelo que não se podia pronunciar definitivamente.

3 — Em face das circunstâncias, a Direcção-Geral de Saúde tem estado atenta ao problema, a fim de detectar qualquer efeito nocivo provocado pelo Hexaclorofene, sem que, no entanto, até à data, haja notícia de malefícios causados no nosso País pelo uso do produto, nas doses habitualmente empregadas.

4 — Para esclarecimento do público, informa-se ainda não haver conhecimento de estar à venda, em Portugal, o talco da

marca «Morhange», ao que parece causador das intoxicações verificadas.

5 — Porém, para maior segurança, a Direcção-Geral de Saúde está a analisar amostras de talcos nacionais e estrangeiros, à venda no mercado.

6 — Por tudo quanto se refere na presente nota, verifica-se não haver motivo justificativo de alarme, no nosso País.

7 — Por outro lado, informa-se que está pronto para publicação um diploma legal para regular a introdução de produtos de toucador e cosméticos no mercado».

VINTE TONELADAS DE COMBUSTÍVEL PÕEM EM PERIGO AS PRAIAS DE VIANA

Durante a noite, em consequência, ao que parece, da fraca visibilidade, encalhou nuns rochedos, na praia norte de Viana do Castelo, o navio costeiro espanhol «Maravillas», que, de Bilbao, se destinava a Vigo.

A tripulação, constituída por sete homens, foi recolhida pelo salva-vidas «Almirante Ferreira do Amaral» e pela lancha «Divino Sol».

Esta manhã o sr. capitão-de-fragata Miranda Gomes, capitão do porto de Viana esteve a bordo do barco sinistrado,

acompanhado de elementos da Capitania, para se inteirar das possibilidades de salvamento do navio.

Aguarda-se a chegada, de Vigo, do agente do «Maravillas», só depois se iniciando as tentati-

vas de salvamento.

Dada a natureza da carga do navio, onze toneladas de gasoil e igual quantidade do próprio combustível do «Maravillas», receia-se poluição nas praias vizinhas.

NUM BAR DE MONTREAL

BOMBAS INCENDIÁRIAS MATAM 42 PESSOAS

MONTREAL, 2 (ANI e F.P.) — Três homens expulsos ontem à noite de um clube de Montreal regressaram daí a um bocadinho e lançaram «cocktails Molotov» que incendiaram o edifício, matando 42 pessoas e ferindo cerca de quarenta — anuncia a polícia canadiana.

Os três suspeitos foram detidos pela polícia cerca de quarenta minutos depois da explosão, mas até ao momento desconhecem-se os seus nomes.

O clube nocturno ficou transformado num autêntico inferno, ao qual acorreram dezenas de ambulâncias e de carros de combate ao fogo.

Tudo começou pela madrugada. Depois das explosões, as chamas subiram com grande rapidez.

No rés-do-chão, os clientes precipitaram-se para a saída, no meio de um fumo espesso. Os que estavam na sala de dança, num andar superior, correram para a escada, que desabou com o peso da multidão aflita.

George Lancia, um dos sobreviventes, contou à polícia que, quando o fumo invadiu a sala, toda a gente entrou em pânico.

«Havia tanta gente na escada de salvação, que o corrimão de ferro reventou e as pessoas começaram a cair. Eu tive sorte e consegui agarrar-me».

Quando dei a volta e cheguei à porta principal, tentei ajudar as pessoas que saltavam das janelas, mas estavam todos de cabeça perdida e atiravam-se de qualquer maneira».



A retirada de um dos mortos

OS AGRESSORES QUISERAM SUBORNAR AS TESTEMUNHAS

A Secção de Justiça do comando distrital da P. S. P. do Porto procede a diligências para a descoberta dos dois indivíduos que, na quarta-feira, conforme noticiámos em primeira mão, assaltaram o negociante de gado, sr. Manuel Ferreira de 58 anos, residente em Mouriz, Pa-

redes e lhe roubaram cerca de cem contos.

Para já, sabe a Polícia através de uma participação feita pelas sras. D. Felicidade dos Anjos Simões e D. Aida Ferreira de Almeida, residentes na Rua de São Vitor, que os assaltantes foram vistos por seus filhos, José Renato dos Reis e Acácio Fer-

reira de Almeida, os quais acudiram aos gritos de socorro da vítima.

Um dos criminosos ofereceu aos dois pequenos quinhentos escudos para que os dividissem entre si e se calassem. Porém, aquelas senhoras, fizeram a entrega do dinheiro na Polícia.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 132/72

Faz-se saber que no dia 17 de Outubro de 1972, pelas 15 horas, terá lugar na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171, o concurso público para o «FORNECIMENTO DE 2 VIATURAS PRONTO-SOCORROS DE EMERGÊNCIA, PESADOS, PARA O BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS», com a base de licitação de 2.800.000\$00 (processo n.º 68/72 /CP/DSTE).

O depósito provisório é de 70.000\$00 e o definitivo de 5%, da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24.10.1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 26 de Agosto de 1972.

O PRESIDENTE,
Fernando Augusto Santos
e Castro

NOVO CASINO ESTORIL

AMANHÃ
«MATINÉE»
ÀS 17 HORAS

THE BAKER TWINS

- ERNEST MONTEGO
- LÍDIA RIBEIRO
- BLUEBELL GIRLS'SHOW

Música para dançar
«Os Mozambet's»
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE
E SUA ORQUESTRA

Maiores de 14 anos

PREÇOS
Chá completo 40\$00
(taxas e impostos não incluídos)

Ambiente climatizado

LONDRES

UMA SEMANA DESDE 3350\$00

Facilidades de pagamento. Descontos para familiares e grupos.

Partidas: 28 Set.; 5, 12, 19 Out.; incluindo avião, estadia, transporte aeroporto/hotel e volta; visita da cidade, acompanhante português

WAGONS - LITS // COOK

Av. da Liberdade, 103
Telefs. 36 15 21 - 3 32 39
Av. de Roma, 4 - C
Telefs. 72 26 33 - 72 25 54
R. Rodrigo da Fonseca, 85
Telef. 68 06 32

PORTO — COIMBRA — ESTORIL — FUNCHAL — LUANDA — L. MARQUES
A maior organização mundial de Viagens e Turismo

EXPLICAÇÕES cepelt
EXTERNATO

R. D. ESTEFÂNIA, 48
Telf. 42959

SANTOS & NASCIMENTO

INFORMA OS SEUS PREZADOS CLIENTES E AMIGOS QUE INICIA OS SEUS SALDOS FIM DE ESTAÇÃO NO DIA 4/9/72

Designed in cooperation with imaging.com

Linear Gray Scale

Munsell COLOR

GEOGRAFIA
DO CINEMA
EM
LISBOA

(Na pág. Doze)

O teatro
em
Londres
é diferente

(Na pág. Doze)

UM CERTO
SABOR
A
LIBERDADE

(Na pág. Doze)

SHOW

PICADILLY STARS BALLET



«De um modo geral, as bailarinas que se encontram entre nós (as estrangeiras, é evidente) frequentam desde muito cedo, escolas de dança, têm conhecimentos de ballet clássico e vieram para cá porque responderam a um anúncio. E nesse anúncio está a chave da questão: querendo conhecer Portugal trabalhando (ou, então porque estão desempregadas) elas apresentam-se numa espécie de audiência e, caso de serem aprovadas, assi-

nam um contrato e vêm logo passados uns dias. Chegadas aqui, apaixonam-se pelo clima e por «boy-friends», ao mesmo tempo que a desilusão profissional se repete todos os dias. Só que, enquanto umas conseguem sair a tempo, outras vão-se deixando cair numa espécie de apatia no trabalho, queimando-se nas praias lisboetas despreocupadamente com os amigos que facilmente arranjam (Reportagem nas páginas centrais.)



Estas são algumas das bailarinas do «Picadilly Stars Ballet». Conforme o nome indica elas vieram de Londres mas, também de outras cidades e de outros países. Dançam. Sabem mais dessa arte do que a primeira vista se possa julgar. Trabalham em revista.

JOAN MANUEL SERRAT NA PÁG. 3

GEOGRAFIA DO ESPECTÁCULO CINEMATOGRAFICO EM LISBOA

Com a abertura da nova época cinematográfica muitas surpresas se reservam, não diremos ao público em geral (a qualidade dos filmes ameaça continuar no mesmo nível, os preços de bilhetes tendem a aumentar, as condições de exibição das películas só raramente se vêem beneficiadas, etc.), mas ao público interessado naquilo que se poderá chamar uma «geografia do Espectáculo Cinematográfico» em Lisboa (e por acréscimo no país). E, por «geografia do espectáculo» entendemos o mapa de influências que é possível traçar, mercê de novas alianças e alugueres de cinemas que, um pouco em segredo, se foram estabelecendo, no período estival nos bastidores de um sector importante da exploração cinematográfica: distribuidores e exibidores.

Ainda sem confirmação oficial nalguns casos, sabe-se que uma empresa (a Angola Filmes) passará a controlar, a partir de início da época, cerca de quinze cinemas de estreia e mais de uma dezena de distribuidoras. Na verdade, ao que foi possível saber, Angola Filmes associou-se a Sacil e a Cineasso, passando portanto a explorar todos os cinemas que anteriormente ram pertença destas duas empresas. Em consequência desta associação, todas as distribuidoras directa ou indirectamente ligadas a estas empresas, passa-

ram, directa ou indirectamente, a estar sob controle de Angola Filmes, conforme mapa que a seguir apresentamos.

ANGOLA FILMES

Por aluguer dos cinemas pertencentes a Cineasso passou a controlar:

CINEMAS — Alvalade, Eden, Estúdio, Europa, Império, Monumental, Satélite, e, futuramente, o Castril; **DISTRIBUIDORAS** — Rivos, Sólimes.

Por aluguer (ou acordo) com a Sacil:

CINEMAS — Avis, Estúdio, Roma; **DISTRIBUIDORAS** — Doperfilme, Fides Ocidente, Talma Filmes.

Para além destes cinemas/distribuidoras, passará ainda a controlar,

CINEMAS — Mundial (a partir de 10 de Setembro), Politeama, Vox (a partir de fins de 1973); **DISTRIBUIDORAS** — Distribuidores Reunidos, Filmital, Internacional Filmes, Mundial.

Tendo ainda contratos estabelecidos com outras distribuidoras: Animatógrafo/Vitória Filmes, Astória Filmes, Sociedade de Importação de Filmes (Sif), Leo Filmes, Exclusivos Triunfos, Columbia Filmes (agora distribuindo filmes da Columbia Pictures e da Warner Bro, estes últimos que deixaram de ser distribuídos pela Astória).

Entretanto, um outro grupo subsiste no panorama geográfico do espectáculo cinematográfico em Lisboa, agora contando com os esforços, mais ou menos conjugados, dos grupos Lusomundo e Castello Lopes.

O grupo Lusomundo controla os seguintes cinemas e distribuidoras:

CINEMAS — Apolo 70, Berna, Vox (até fins de 1973), Tivoli; **DISTRIBUIDORAS** — Lusomundo, Sonoro; Departamentos — Paramount, Universal, Cic.

Por seu turno, o grupo de Filmes Castello Lopes controla:

CINEMAS — Condes, Londres; **DISTRIBUIDORAS** — Filmes Castello Lopes com departamentos Metro Goldwing Mayer, Fox (este a partir de 1 de Setembro).

Mantendo uma certa independência destes grandes grupos, aparecem-nos pois poucos cinemas e quase nenhuma distribuidoras — o cinema S. Jorge associado a uma distribuidora Rank Filmes de Portugal — o cinema Odeon associado a uma distribuidora Imperial Filmes, também a outras como Deva Filmes — o cinema Olympia. Consequências destas profundas modificações que se vão gerando no interior do negócio da exploração cinematográfica em Portugal não as poderemos prever desde já. Mas, para além desta progressiva tendência para polarizar esta exploração em função de duas grandes linhas de forças, que lucrará o espectador? Será que, da competição cada vez mais declarada e aberta, irá lucrar qualidade de filmes e melhores condições de exibição? Eis o fulcro de uma questão que o presente mapa, para lá de todo o interesse que possua em si mesmo, não pode, não sabe, responder. Mas as causas profundas e as razões de tudo o que de futuro se vier a passar poderão muito bem virem-se a encontrar esboçadas neste quadro de influências. Por isso achámos útil esquematizar os boatos que, com força de certeza, se ouvem nos meios cinematográficos de Lisboa. Não deixaremos, porém, de alertar os leitores para algum possível (e provável) lapso, pedindo desde já a colaboração de quem estiver de posse de elementos concretos e eficientes para as necessárias rectificações.

Texto de **LAURO ANTÔNIO**

EXTERNATOS

São Vicente • Marquês de Pombal • Álvares Cabral

Rua do Paraíso, 28 Tel. 864100 • Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Tel. 82 02 21 • Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) — Tel. 70 69 74

CURSO DE FÉRIAS — EXAMES 2.ª ÉPOCA
LICEAL — PREPARATÓRIO — COMERCIAL — INSTITUTOS

NOS E.U.A. ENCARECEM OS BILHETES

Aumentaram os bilhetes dos cinemas de estreia de Nova Iorque, nos últimos meses. A média dos preços é agora de três dólares e meio e, em certas salas, de quatro dólares. Estes preços, todavia, foram algumas vezes ultrapassados em filmes apresentados em exclusivo, mas os bilhetes para os filmes de estreia continuam a ser vendidos aos preços normais.

JOAN MANUEL SERRAT nasceu no Mediterrâneo

Há um bom par de anos, a Espanha viu-se perante um melindroso problema. Dito isto desta maneira, parece que o país vizinho se pode dar ao luxo de ter problemas apenas de longe em longe. Especificamente, pois: estamos a falar de canções e de certas coisas que as rodeiam, que não deixarão nunca de rodeá-las. A provar o que acaba de ser dito, estava a divisão da opinião pública espanhola — a que não se importava de ver Massiel como sua representante ao Festival da Eurovisão, por um lado, e a que apoiava o autor de «La, la, la», Joan Manuel Serrat, catalão consciente, óptimo intérprete e com um pequeno (e definitivo...) senão — cantava essa canção na língua da sua região.

O problema resolveu-se «pelo melhor», como não podia deixar de ser. E, nesse ano, a Espanha Massiel arrebatava o primeiro lugar no Eurovisão festival, depois de cerrada luta de votos com uma coisa que dava pelo nome de «Congratulaciones» e que tinha o maior trunfo, entre muitos e grandes que se jogavam: um senhor chamado Cliff Richard a interpretá-la.

VITÓRIA

Venceu a Espanha? Vitória efémera. Ganhou Massiel? Vitória ainda mais fortuita. A batalha, na altura, estava ainda no seu começo para quem, tempos depois, havia de ganhar: Serrat.

Senão, vejamos: Que cantores tem a Espanha, se quisermos ver claro, que se comparem, em projecção internacional, com qualidade poético-interpretativa, os franceses, por exemplo, e já não estamos a falar de música «pop»? A contrapó a um Tom Jones, que não tem nada a ver com isto que dissemos, poderá atirar-se o nome de Rafael e... perde a Espanha. Mas, e aqui o caso muda de figura, ao lado de Brassens podemos colocar Ibanez. Ou Serrat.

A vitória, portanto, foi a da qualidade, que perdura para além dos acontecimentos dourados. A vitória, anos depois do festival onde Serrat não esteve, foi de Jean, cantor catalão que cometeu



Serrat

o pecado de querer cantar na sua própria língua.

1972 — PORTUGAL

«Impressionante», dizia, no fim do espectáculo do Monumental, José Cid. «Este tipo é qualquer coisa de fora-de-série».

A seu lado, comentava Tozé Brito: «É muito bom!».

Foi, de facto, muito bom. Serrat, em Lisboa, em 1972, na sala do Monumental. Um homem só frente a uma multidão que, na sua maioria o conhece, apenas, de nome ou, quando muito, ouvira umas canções que a Rádio tivera a «amabilidade» de transmitir. De espectáculo, ainda, disse José Jorge Letria:

«Ao longo de duas horas de recital, o intérprete, de «Moscas» revelou-nos os seus espantosos recursos de intérprete, apoiado

numa voz rica de tonalidade que flutua entre os limites harmónicos das canções».

Serrat — a vitória também em Portugal.

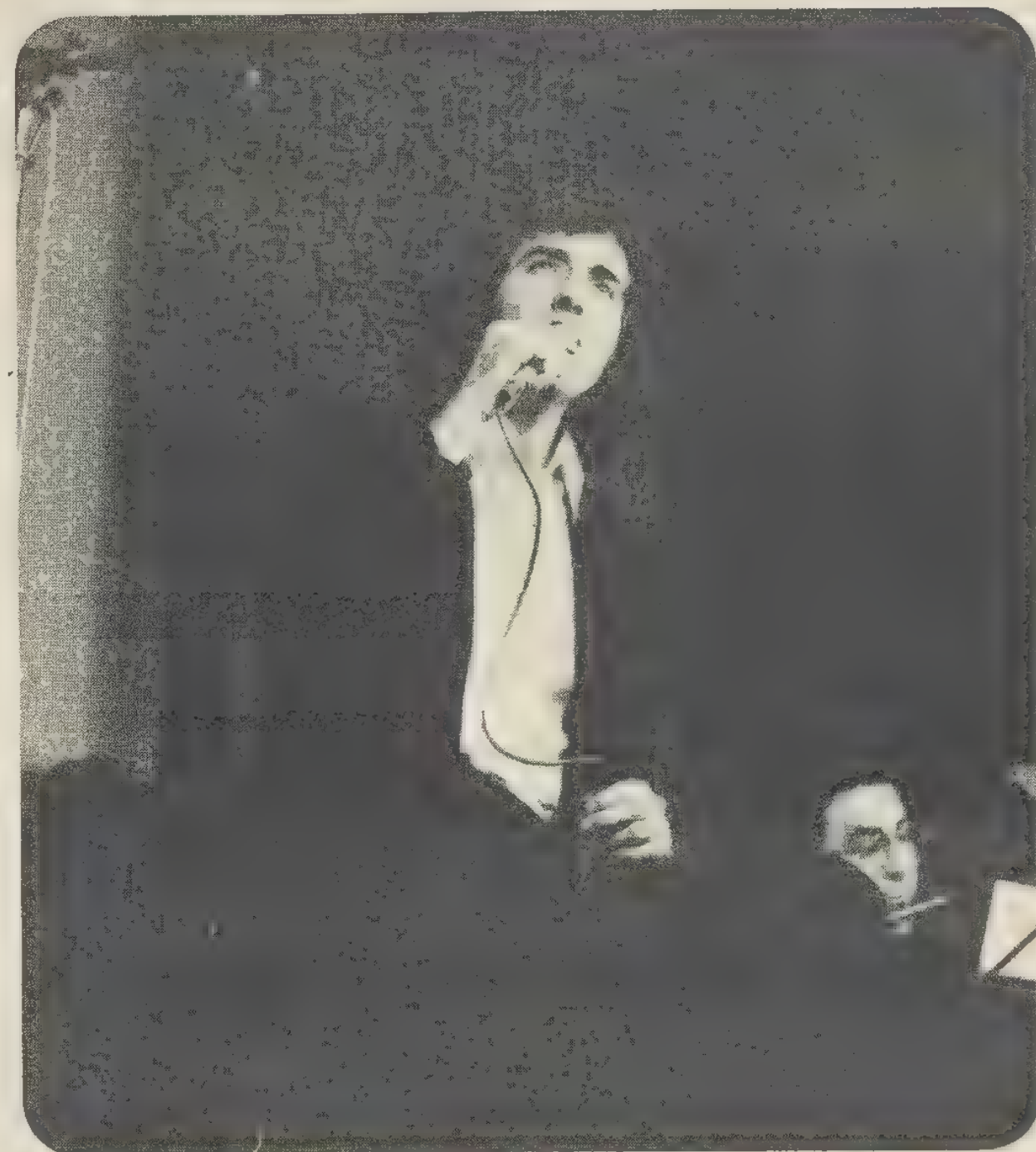
TRABALHO

Já o dissemos várias vezes, até para pôr em paralelo com uma certa tendência para a facilidade dos que, em Portugal, fazem (ou pretendem fazer) canções: o trabalho, o aprofundar de conhecimentos musicais, é condição «sine qua non» para se conseguir atingir um objectivo de qualidade, para ultrapassar o estado de «rif» (a fraseinha musical engraçada) e chegar à construção da canção. Foi isso que fez Joan Manuel Serrat.

Um trabalho porfiado. A dúvida, entretanto, Um certo arrepiar de caminho, em dada altura. A dúvida dos outros, por isso. A reconstrução a seguir. A consagração, depois. Serrat foi, a certa altura, considerado um revisionista, digamos assim. A acusação era grave. Joan teve consciência disso e levantou-se, decidido. Agora já não há dúvidas: ele é um grande senhor da canção e (porventura até por isso) tem uma posição definida de certo modo intransigente.

Dizia-nos há cerca de dois anos um espanhol, residente em Lisboa, que Ricardo Cantalapiedra era o autor-cantor mais escutado pela juventude universitária espanhola. Por essa altura esteve com Cantalapiedra na Covilhã. Ele, Ricardo, é que tinha razão quando nos dizia: «Serrat é o melhor «cantante» espanhol».

É evidente que não posso estar de acordo com o epíteto de «O melhor «cantante»», mas o facto de Cantalapiedra (autor-intérprete de «Batalha Frente a la Guerra») afirmar isso era (ainda é) significativo.



1972, Lisboa, Portugal

«MEDITERRÂNEO»

Este o título do último LP de Joan Manuel. Ao ouvi-lo é-se imediatamente obrigado a recordar o «show» do Monumental. Com uma única excepção, aliás, que, inclusivamente, deixámos apontada nos comentários feitos nessa altura: o conjunto que acompanhou Serrat em Lisboa não era, de

Todas as canções do disco são da autoria do intérprete. Apenas um poema de Leon Filipe é excepção à regra apontada e, mesmo esse, foi musicado por Serrat.

Que dizer do disco? Trata-se de Joan Manuel Serrat de corpo inteiro, com «Mediterrâneo», a canção que dá o nome ao álbum, a abrir

inferior qualidade. Nada disso. Só que «Mediterrâneo» me parece, a mim pessoalmente, ser a melhor de todas, como conjunto letra-música-interpretação.

Este trabalho de Serrat tem, ainda, mais que se lhe diga. Por exemplo: ocupou, durante oito semanas, o primeiro lugar do «hit-parade» espanhol e contribuiu, ainda de forma definitiva para que Joan se classificasse em 1.º lugar na lista de melhores intérpretes publicada pela revista espanhola «Mundo Joven».

De assinalar, também, uma capa de excelente qualidade gráfica.

Mais? Pois fique o resto à atenção do leitor. «Mediterrâneo» é um trabalho a não perder.

Um artigo de NUNO GOMES DOS SANTOS

modo nenhum, o ideal. Agora, no disco, os arranjos são outros, de muito melhor qualidade, muito mais bem conseguidos.

e a ser o que de melhor, do ponto de vista estritamente musical, o LP nos dá. Não se julgue, por isto, que as restantes canções são de

Lojas Lanidor COMUNICADO

As Lojas Lanidor oferecem-lhe **saldos** de fim de estação... a preços de espantar! A mais internacional moda dos "pronto a vestir", agora, em saldo... em **saldos** que são uma verdadeira tentação!!! Nas Lojas Lanidor há...

SALDOS AUTÊNTICOS DA MODA AUTÊNTICA

LISBOA — Av. Grão Vasco 37 / Av. de Roma 22 A / Rua da Prata 268 / Rua Saraiva de Carvalho 171 / Rua Tomás da Anunciação 1 A • ALMADA — Rua de Oliveira 4 A / Rua de Oliveira 4 B • AMADORA — Rua Elias Garcia 366 B • SETÚBAL — Rua Dr. Paula Borba 53 • PORTO — Rua Sá da Bandeira 158

ASSEGURADO — SHARVEN FRANCE — BOM RENDIMENTO

**ÓTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA**

SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-S

Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem 20 000\$00 ou mais escreva-nos. Rendimento assegurado.

ÓTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO

ASSEGURADO — SHARVEN FRANCE — POSSIBILIDADES

DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso

Nome _____

Morada _____ Telefone: _____

DL

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

RECINTO DE DIVERSÃO, MANTÉM O TÍTULO DO MAIS ALEGRE PONTO DE LISBOA

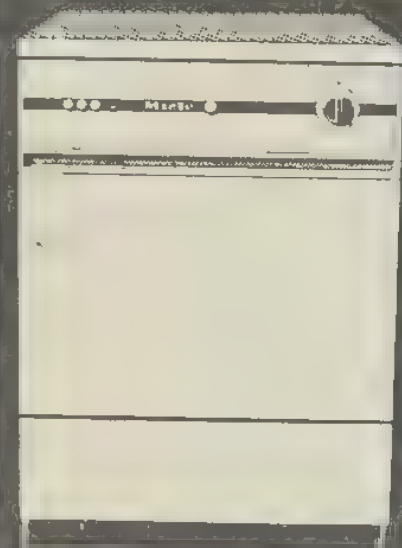
BOA MESA — ALEGRES DIVERTIMENTOS
GRANDIOSOS PAVILHÕES E LINDOS STANDS
PARA TODOS OS GOSTOS

PARA TODAS AS IDADES

PARA TODAS AS BOLSAS

ABERTURA ÀS 19 HORAS

Máquina de lavar louça G 220 UNIBODY



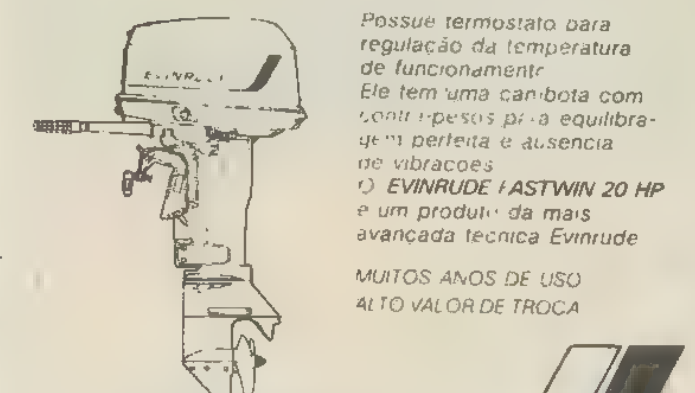
"Unibody" — um novo sistema de fabrico da MIELE! Maior resistência, menos espaço, melhor isolamento térmico, mais silencioso e naturalmente máxima capacidade de lavagem.

Miele

Agente Oficial:
J. F. S. ROMEIRAS PALMA
Rua da Escola Politécnica, 27 — LISBOA — Telef. 37 08 06

VERSÁTIL E ECONÓMICO

Profissionais de pesca, praticantes de caça submarina e desportistas náuticos em geral, preferem-no.



EVINRUDE
O PODER DA EXPERIÊNCIA



REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
MEENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
AV. 24 DE JULHO 52 AIG. LISBOA TEL. 66.7.94

TOYOTA

Serviço Oficial

Pecas e acessórios, mecânica, bate-chapas, electricista, estofador, pintura e Estação de Serviço.
Rua Artilharia Um, 105-A — Tel. 68313/2/3

COTAL

Rua dos Lusíadas, 113-A — Tel. 631057/8
Serviços Rápidos
TABELA DE PREÇOS — ORÇAMENTOS PRÉVIOS

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA

Av. João XXI, 5-D — R. Infância 16, 55-C — Lisboa

LONDRES

UM CERTO SABOR A LIBERDADE



De Londres escreve
JOSÉ JORGE LETRIA

Com uma temperatura muito superior à que é habitual nesta época do ano, Londres descansa ao sol nos seus escassos momentos de ócio.

Repleta de gente e de música a cidade oferece às dezenas de milhares de turistas que por esta altura a visitam um razoável número de espectáculos e de manifestações de natureza cultural em grande qualidade.

Nos intermináveis relvados de Hyde Park jovens de várias nacionalidades tocam e cantam com uma alegria e uma liberdade que, como se calcula, pouco tem a ver os piqueniques domingueiros do nosso Parque Eduardo VII. Porém, também, com uma certa regularidade os seus aspectos negativos. Numa estação de metro, em Piccadilly, assistimos ontem ao espectáculo dramático de um rapaz drogado com uma dose excessiva de heroína, a ser detido por um agente da autoridade após ter caído várias vezes no chão perante a indiferença das pessoas que àquela hora circulavam na zona. Depois de lhe ter pedido que se identificasse o agente retirou-lhe do bolso uma pequena seringa de plástico com a qual momentos antes o jovem se havia injectado. Na memória ficou-nos gravado o seu olhar vítreo e o rosto ensanguentado.

Afastou-se a seguir, cambaleante, procurando nas paredes ásperas do metro um equilíbrio difícil. Com o nome registado num pequeno bloco o agente de polícia limitou-se a comunicá-lo a seguir ao departamento competente que por sua vez ampliou o cadastro e a ficha clínica do jovem.

São casos como este que, em cidades como Londres, não podem ser friamente ignorados. A droga, o suicídio e a criminalidade inscrevem-se num processo cujas etapas não podem dei-

xar de ser assinaladas, tanto mais que se relacionam directamente com a imagem de progresso e de liberdade que as sociedades de capitalismo avançado difundem através dos meios de comunicação de massas. A capital britânica tem nesse aspecto uma importante palavra a dizer: os seus três canais de televisão transmitindo durante um número de horas apreciável programadas da mais diversa índole são, neste momento, do melhor que se faz em todo o mundo, seja no capítulo delicado da transmissão a cores seja na absoluta isenção com que se constroem reportagens e comentários políticos.

Tivemos, entre outras coisas, oportunidade de assistir ao último programa dum série de esclarecimento e informação intitulada «Total War». Com a apresentação a cargo de um conhecido professor de ciência política na universidade claro e portanto acessível a qualquer ouvinte médio, toda a engenharia estratégica que envolveu o segundo conflito mundial. Ingleses e alemães surgem-nos aqui reduzidos à sua dimensão exacta, sem heroísmo nem inocência, responsabilizados por cada acto cometido, por cada cidade destruída, por cada bombardeamento consumado.

Curiosamente, talvez por estarmos sob a influência de climas mediterrânicos caracterizados pela sua suavidade e pela excessiva tolerância dos seus habitantes, todos os programas do género que tem sido apresentados em Portugal são, geralmente, pródigos em iludir responsabilidades e em desviar para terrenos de segunda ordem o nome de

grandes criminosos de guerra.

A televisão britânica oferece para além disso aos seus espectadores, excelentes programas de variedades e agitados debates sobre problemas de grande acuidade. Tony Bennet o conhecido cantor norte-americano é neste momento, talvez por causa da campanha eleitoral que se desenvolve no seu país, uma das visitas mais assíduas dos estúdios britânicos.

Vimo-lo poucos minutos antes de iniciarmos a redacção desta crónica a cantar para uma plateia luxuosa na companhia do mestiço Billy Eckstein que interpretou temas de Michel Legrand. Horas antes havíamos assistido em transmissão directa, durante um completo serviço informativo, ao espectáculo ridículo de Sammy Davis Junior apoiando em Miami Beach o presidente Richard Nixon. De espectáculo não ficámos portanto mal servidos. E, de facto, inesquecível a imagem de Nixon abraçando fraternalmente Davis e afirmando que a união está a origem pobre e a capacidade que ambos tiveram de acreditar no «american dream».

Não menos significativos, para quem esteja interessado em conhecer detalhadamente a complexa realidade política e social norte-americana, são os «documentários» sobre a guerra do Vietnã que nos dão uma noção aproximada do brilhante trabalho realizado pelos exércitos do «Tio Sam» na Indochina.

A América está, aliás, bem representada em Londres para além dos apontamentos televisivos. Assim, a comédia musical «Oh! Calcuta» que, há mais de dois anos se encontra em cena nesta cidade, representada por uma companhia americana, continua a

registrar enchentes apesar da sua manifestação penuriosa dramática e da triste vulgaridade da parte musical. Com residência fixa no «Royal Theatre» situado por mal na rua de Portugal, esta comédia que faz do nú e da obscuridade tantas vezes gratuita, a sua suprema justificação deve as lotações esgotadas aos turistas latinos que, nos seus países têm de contentar-se com a sujidade de certas anedotas ou com pornografia barata de meia dúzia de publicações clandestinas. Não deixa, por isso mesmo, de ser curiosa a afluência de casais de meia idade que se aqui se deleitam com a pimenta de certas «grças» e em Portugal condenam a revista do Parque Mayer e reprimem ferozmente os filhos, quando os têm. O nosso país ocupa nesta tabela, como e de prever, um lugar privilegiado.

Mas a América exportou ainda mais coisas para Londres (isto para não mencionar os milhares de turistas que invadem a cidade com máquinas fotográficas a tiracolo, mascando pastilha elástica): na «Old Field Tavern», situada em Middlessex, fomos descobrir com alguma surpresa o agrupamento «Big Brother» que durante algum tempo acompanhou a malograda Janis Joplin ouvida profusamente nos «pubs» e nas discotecas londrinas. Big Brother» conserva, mesmo após a saída de alguns dos seus elementos mais importantes, as características que se evidenciavam nas gravações da cantora: o mesmo balanço, a mesma agressividade, o mesmo clima de ritual e de exorcismo. Influenciada pelo seu «manager», Janis trocou Big Brother» pelos «Cosmic Blues» arruinando o primeiro e

Continua na página sete

ACADEMIA REAL DE MÚSICA

A Academia Real de Música, uma das instituições mais antigas do seu género, celebra este ano os seus cento e cinquenta anos de existência com uma série de concertos e recitais, e representações de duas óperas raramente ouvidas. Uma delas foi uma produção da ópera «Belsário» de Donizetti, representada pela primeira vez em Veneza em 1836, um ano depois da estreia de «Lúcia de Lammermoor», mas que não voltou a ser posta em cena em Londres desde 1849. Foram dadas quatro representações de «Belsário» no Sadler's Wells Theatre durante o mês de Março, com o maestro Stewart Bedford numa produção de Dennis Maunder, e o entusiasmo que suscitou no público e na imprensa veio justificar completamente o amor que o próprio Donizetti tinha por esta obra, tornando ainda mais incompreensível o abandono a que ela tem sido votada.

Entre os outros acontecimentos musicais planeados para este Verão, foi feita uma reposição de uma outra ópera ainda mais esquecida, «Imenno» de Handel (no dizer de Winton Dean «um subtil estudo psicológico do conflito entre amor e dever num vulgar, ambiente doméstico»). Produzida pela primeira vez no Lincoln's Inn Fields Theatre em 1740 não voltou desde então a ser posta em cena em Londres.

As representações que tiveram lugar durante o mês de Junho, numa versão inglesa de Brian Trowell, no pequeno teatro da Academia, foram dirigidas pelo dr. Anthony Lewis, director da Academia e brilhante intérprete de Handel, e tiveram a produção a cargo de Geoffrey Connor.

Da série de concertos que se têm realizado quer na Academia quer em South Bank teve especial relevo o de 5 de Julho (precisamente a data da fundação da Academia em 1822)

no Royal Festival Hall, em que figurou o coro e a orquestra da Academia sob a direcção de Maurice Hanford e um grupo de notáveis solistas que, ou estudaram na Academia ou fazem parte do corpo de professores. O programa incluiu uma abertura composta para a ocasião por Alan Bush, o último concerto por piano de Mozart, em que foi solista Clifford Curzon e a Sinfonia Coral de Beethoven com os solistas Sheila Armstrong, Marjorie Thomas, Richard Lewis e Raimund Herrinck.

Fazem igualmente parte das comemorações da fundação da Academia concertos no Queen Elizabeth Hall em que participará a orquestra de câmara da Academia, sob a direcção de Neville Marriner, e uma orquestra de antigos alunos, que actualmente fazem parte de orquestras profissionais, sob a direcção de Sir Arthur Bliss e do Dr. Anthony Lewis; uma série

de seis concertos «Westmorland» (assim chamados em honra do fundador da Academia) com o intuito de dar impulso a jovens intérpretes no começo da sua carreira, que terão lugar em Purcell Room; concertos de câmara no Duke's Hall da Academia sobre dois temas — música composta durante os seus primeiros dez anos de existência (1822 — '32) e música de antigos e actuais compositores da Academia. Terão ainda lugar muitos outros acontecimentos musicais, tais como sessões especiais na Catedral de São Paulo e na Abadia de Westminster.

Quando a Academia foi fundada em 1822, graças aos esforços de John Fane, Lord Brougham (o último de Westmorland) era a primeira e única escola nacional de música em Inglaterra.

Começou modestamente, com 21 estudantes (11 rapazes e dez raparigas) entre os dez e quinze anos de idade que se instalaram numa pequena casa de Londres perto de Hanover Square (perto de Oxford Circus) e que estavam submetidos mais a uma rotina de qualquer escola particular do que a de um colégio superior de música.

Apesar de ter conseguido um alvará real em 1830, a Academia lutou durante vários anos com sérios problemas financeiros. Foi só a partir de 1868 que passou a receber do Governo um subsídio anual de quinhentas libras, graças aos esforços de W. E. Gladstone.



A ópera na Academia

Em 1911 a Academia mudou-se para um novo edifício em Marylebone Road e aí se tem mantido. Conta actualmente com 170 professores e cerca de 670 alunos.

Com as comemorações dos seus 150 anos de existência, tem-se procurado lançar um apelo com o qual se consigam fundos para modernização e ampliação dos seus edifícios, incluindo um novo teatro, salas para ensaios e estudo, escritório, biblioteca e melhores condições de recreio para os alunos.

UM LONGO CAMINHO ANDADO



«Simple Sister» ou «Procol Harum In Concert»: dois títulos que trouxeram, de novo, para o topo da popularidade mundial os cinco que dão pelo nome de Procol Harum. Um grupo que se guindou a um nível excepcional com «Wither Shade of Pale» e «Homburg», duas canções que, há já alguns anos, foram fogo nas listas de vendas de todas as cidades importantes para o negócio do disco.

Pois os Procol Harum têm sido dos principais animadores desta época discográfica, mesmo neste jardim plantado à beira (portanto de fora) de quase tudo.

Quem são os cinco elementos que compõem este agrupamento? Ei-los:

MATTHEW — toca órgão. Afirma-se influenciado por Bob Dylan e pelos Beatles.

GARY — canta e toca piano. Afirma que a sua influência é, apenas, uma: a música. O seu compositor favorito é Gary Brooker (ou seja, ele próprio!).

RAY — é o solista, na guitarra. Influências: não as tem. Pelo menos não se dá conta disso. Prefere as composições de Gary Brooker.

DAVE — é o violão baixo. Admira (ain-

da), os Beatles, Jimi Hendrix, The Who.

BOBBY — bateria. Sente-se influenciado por Buddy Rich. Gosta de Duke Ellington e de... Procol Harum!

UM LONGO CAMINHO

Os Procol Harum percorreram um longo caminho. O seu primeiro «single» atingiu-os, de pronto, para um lugar invejável no panorama «pop» da altura, mas isso não tem nada a ver com o longo ca-

minho que o grupo percorreu. Alguns anos passaram, depois de «Whiter Shade of Pale» e de «Homburg». Depois, foi o quase esquecimento. Ou seja: o trabalho, afinal. Músicos excelentes, todos os cinco, eles não param durante o tempo em que mal se ouvia falar do grupo a não ser em actuações ao vivo, repetindo êxitos antigos. O longo caminho foi, portanto, o trabalho. Que está à vista agora.

N. G. S.

VIAGENS ACOMPANHADAS

DE LISBOA A LISBOA
UTILIZANDO AVIÃO E AUTOCARRO
EXCURSÕES EM GRUPO A PREÇOS REDUZIDOS

10 DIAS — A ÁUSTRIA Esc. 7.440\$00
Lisboa, Zurique, Salzburgo, Viena, Spittal, Cortina d'Ampezzo, Innsbruck, Zurique, Lisboa.
14 DIAS — TRIÂNGULO TURÍSTICO ESCANDINÁVICO Esc. 17.600\$00
Lisboa, Copenhaga, Jönköping, Nyköping, Estocolmo, Karlstad, Oslo, Götterburg, Lisboa.
8 DIAS — INGLATERRA, ESCÓCIA E OS LAGOS Esc. 7.470\$00
Lisboa, Londres, Chester, Windermere, Carlisle, Edimburgo, Trossachs, Lago Lomond e outros lagos da Escócia, Newcastle, York, Londres, Lisboa.

25 DIAS — FASCINANTE ORIENTE Esc. 37.150\$00
Lisboa, Banguecoque, Manila, Tokio, Kamakura, Hakone, Atami, Nagoya, Toha, Ilha das Pérolas, Kyoto, Nara, Hong-Kong, Macau, Tóquio, Lisboa.
8 DIAS — MARROCOS Esc. 8.100\$00
Lisboa, Casablanca, Rabat, Meknes, Fez, Marrakech, Casablanca, Lisboa.

15 DIAS — BRASIL E ARGENTINA Esc. 24.770\$00
Lisboa, Rio de Janeiro, Brasília, S. Paulo, Buenos Aires, Lisboa.
16 DIAS — ESTADOS UNIDOS E CANADÁ Esc. 17.500\$00
Lisboa, New York, Filadélfia, Washington, Detroit, Cataratas do Niagara, Toronto, Montreal, Lisboa.

25 DIAS — O CONTINENTE AMERICANO Esc. 45.300\$00
Lisboa, Rio de Janeiro, Brasília, S. Paulo, Montevideo, Buenos Aires, Santiago do Chile, Lima, México, New York, Lisboa.
13 DIAS — GRÉCIA E MÉDIO ORIENTE Esc. 17.740\$00
Lisboa, Istambul, Beirute, Cairo, Atenas, Lisboa.

28 DIAS — VOLTA AO MUNDO Esc. 48.155\$00
Lisboa, Beirute, Tóquio, Banguecoque, Hong-Kong, Taipé, Osaka, Kyoto, Tokyo, Honolulu, S. Francisco, Washington, New York, Lisboa.

Peca-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar pois a reactiva lotação é limitada

Informações e reservas em:
Belos Turismo Setúbal-Av. 5 de Outubro-Tel. 23291
Evora-Rua da República-Tel. 24254

TOIROS

em Vila Franca de Xira

Hoje às 22 Horas

FESTIVAL DE HOMENAGEM. BODAS DE PRATA E DESPEDIDA DO POPULAR BANDARILHEIRO
MANUEL ALEMÃO

9 — NOVISSIMOS TOIROS 9
PARA OS CAVALEIROS

D. JOSÉ DE ATAYDE — D. R. TELLES
J. M. CORTES — F. A. SALGUEIRO

ESPADAS

JOSÉ JULIO — A. SOARES
FERNANDO DOS SANTOS — MÁRIO COELHO
E A REVELAÇÃO VILA-FRANQUENSE
ANTÓNIO MANUEL

2 — GRUPOS DE FORCADOS 2
Amadores Aposento Barrete Verde de Alcacete, comandados por António Luiz Penetra e Amadores de Vila F. de Xira, comandados por Victor Manuel dos Santos
PREÇOS POPULARES

PICADILLY STARS BALLET

No camarim acanhado, enquanto se preparava para entrar noutro número da revista «P'rá Frente Lisboa», uma das componentes do «Picadilly Stars Ballet» dizia-me sem rodeios:

— «Como posso estar satisfeita? Olhe à sua volta, olhe! As condições de trabalho que temos são desumanas. Porque é que vim para aqui? Porque quando assinei o contrato, em Londres, nunca me passou pela cabeça — nem poderia passar a ninguém normal — que isto fosse assim. E ainda por cima aquilo que fazemos, nada, ou quase nada, tem a ver com o que aprendemos nas escolas de dança que frequentamos ou com os conhecimentos adquiridos na nossa vida profissional noutros locais».



● Chad

Estas afirmações que tanto poderiam ser de Susan, Stella, Lesley, Maria, Chad ou Rosália — seis das doze bailarinas do «Picadilly» com quem falei — como de qualquer outra «Star», eram o testemunho de um certo descontentamento e frustração — mulheres que vêm do estrangeiro porque em Portugal não há escolas de dança. E ao longo da noite, a nossa conversa, que ficava suspensa sempre que aquelas mulheres iam para o palco fazer mais um número (durante as cinco horas de duração dos dois espetáculos diários da companhia, elas andam sempre em rodopio, despindo-se e vestindo-se com a mesma rapidez com que dançam) a nossa conversa, dizia, acabava sempre por ir dar ao mesmo tipo de lamentações.

De um modo geral, as bailarinas estrangeiras que se encontram entre nós frequentaram desde muito cedo escolas de dança, têm conhecimentos de ballet clássico, e vieram para cá porque responderam a um anúncio. E nesse anúncio está a chave da questão: querendo conhecer Portugal trabalhando (ou então porque estão desempregadas) elas apresentam-se numa espécie de audiência, exibem-se, e, no caso de serem aprovadas, assinam um contrato e vêm logo passados uns dias. Chegadas aqui, apaixonam-se pelo cinema e por «boy-friends», ao mesmo tempo que a desilusão profissional se repete todos os dias. Só que, enquanto umas conseguem sair a tempo, outras vão-se deixando cair numa espécie de apatia no trabalho, queimando-se nas praias lisboetas e vivendo des preocupadamente com os amigos que facilmente arranjam. O que se compreende, como me dizia Lesley:

— O teatro em Portugal não parece ser progressivo. E sempre a mesma coisa. E no caso da revista, o que as pessoas querem é rir e nada mais. Não temos estímulos. E sempre na mesma.

E Lesley, mocinha elegante e de cara bonita, nascida em Londres há 22 anos, falava com conhecimento de causa: já cá está há três anos e, para além de um certo tempo a cantar no Casino Estoril com a Filarmónica Fraude, fez «Ritmo no Monumental» «Cala-te Boca» no Maria Vitória e «Ora bolas P'rá Pagode», no Capitólio.

PICADILLY, UM NOME QUE NÃO AGRAÇA

Pouco depois de ter entrado no camarim, onde os vestidos se amontoavam por entre as mulheres que se movimentavam com dificuldade, apercebi-me

fácilmente que muitas das bailarinas presentes tinham tanto de Picadilly como de... Tóquio. Aliás, umas das pequenas vedetas de «P'rá Frente Lisboa», que me tinha indicado o local onde estavam as bailarinas, dissera logo a sorrir:

— Picadilly? Olhe, algumas delas têm tanto «disso» como eu... E isso era verdade, embora não tivesse a menor importância.

Picadilly, de resto, é um rótulo de que elas não gostam e para o qual nada contribuíram: — «Foi alguém dos escritores que resolveu por este nome. Não tem jeito nenhum. Em Londres, Picadilly é uma praça onde toda a gente se encontra, e vêm-se ali muitos «parolos» sentados à espera que apareça um conhecido. Só por isso já não poderíamos gostar do nome, mas o pior de tudo é que nos juntámos pela primeira vez e somos muito mais um «ballet» internacional do que de Picadilly. Estão aqui bailarinas da Austrália, Canadá, Irlanda, França, Nova Zelândia e Inglaterra».

Era um factor Susan, morena de olhos azuis numa cara sensual, é do Quebec; Maria, olhos enormes e assustados, é da longínqua Austrália; Chad, 19 anos num corpo fabuloso, é da Irlanda. E pelo menos estas três mulheres com quem falei tinham histórias para contar.

A IRONIA DE SUSAN

Comecemos pela canadiana, cujo espírito se tornou notado mesmo antes de a ter contactado. Alegre, irónica, falou em voz alta quando eu conversava com a chefe do grupo, Lesley Odell:

— Portugal? Maravilhoso! Teatro? Sensacional! Público? Culto e inteligentíssimo!

As colegas riram, mas pediram que se calasse. Eu é que não deixei:

— Já agora, gostava de conversar um pouco consigo, Right?

— No! Já disse o que tinha a dizer.

— Vá lá, Como se chama?

— Tom Jones!

E a conversa teria prosseguido neste tom se não conseguisse convencer Susan que escreveria tudo o que ela dissesse. Mas ela insistiu:

— Vocês nunca põem nada do que nós dizemos. Aliás, o melhor é não falar, porque caso contrário prejudicamo-nos.

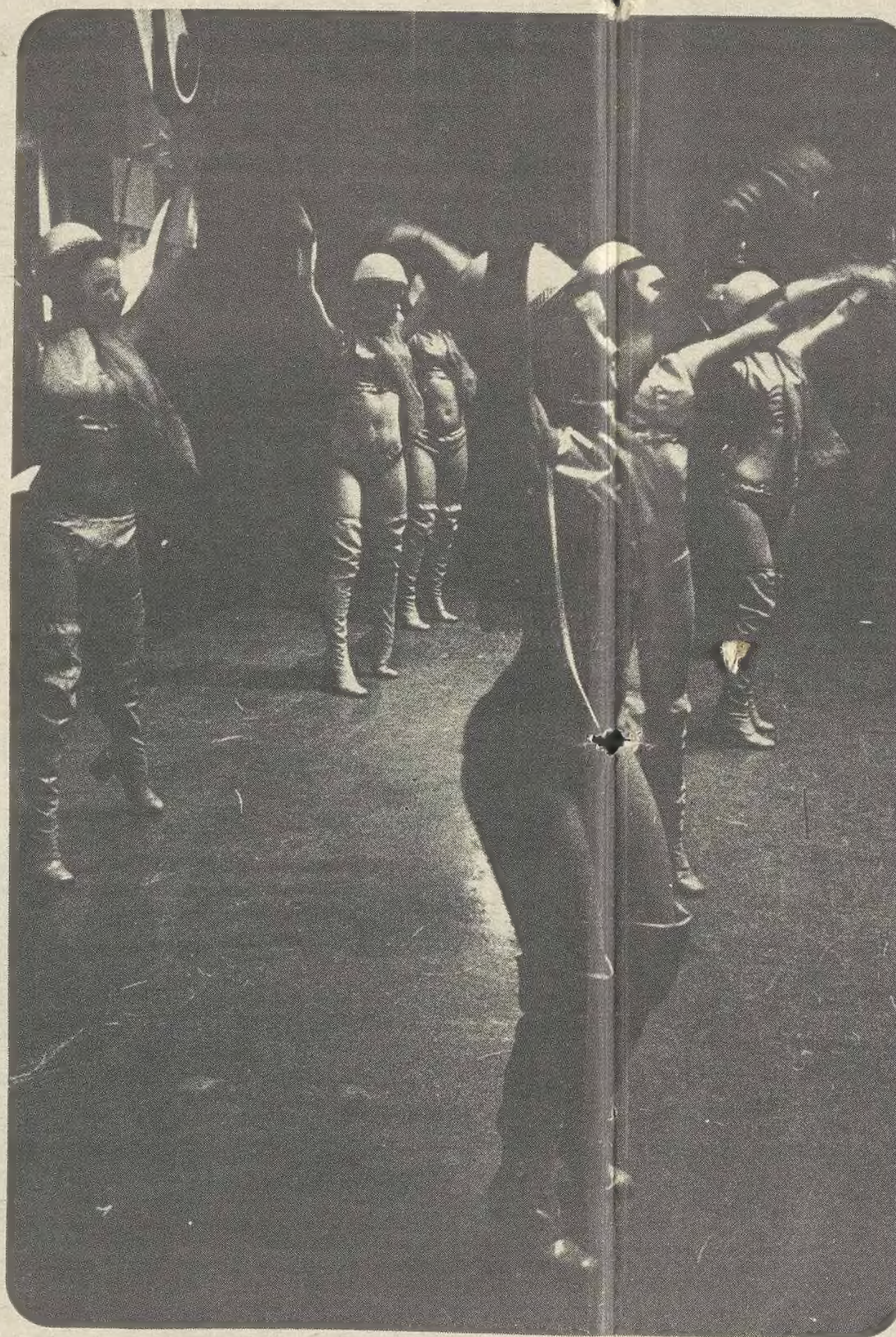
E de repente com um sapato roto na mão:

— Já viu isto? Já reparou no material de que dispomos? O espaço que temos? Não ponha nada disso. Portugal é maravilhoso, tem um sol muito bonito e dá gosto viver e trabalhar aqui. Assim é que está bem.

Mas Susan, tanto quanto sei esta não é a primeira vez que você faz revista em Lisboa. Porque continua?

— Eu vim para aqui para fazer cabaret e depois é que passei para a revista. Fiz uma de que não me lembro o nome do Maria Vitória, e depois entrei para a «Tartaruga», no Villaret.

Elas vieram de longe



para dançar no Monumental

Agora vim cá novamente porque o meu marido é músico, toca no (Status) e também veio fazer uma temporada a Portugal.

E suspirando, Susan, que fez questão de esclarecer que é do Canadá francês, e não do outro, falou do futuro:

— Depois disto não penso trabalhar por uns tempos. Necessito de repouso absoluto.

O SILÊNCIO DE MARTA

Muito metida consigo, própria, maquilhando-se a preceito ou lendo uma obra de Leon Uris enquanto não entrava

em cena, sem nada dizer mas tudo ouvindo, Marta tornou-se notada exactamente pelo seu silêncio. Pequena, corpo jovem, de 21 anos olhos enormes e lindos, a australiana falou com voz meiga:

— Gosto muito de ler. É o meu passatempo favorito. Sim, aproveito todos os momentos. Autores preferidos? Li tantos que nem sei.

Da Austrália para Portugal, para dançar numa revista. Como aconteceu isso?

— Eu tinha ido para Londres acabar os meus estudos de ballet clássico. Entretanto, precisei de dinheiro e quis arranjar um em-

prego. Nessa altura, porém, em Londres já estava tudo cheio e já nada conseguia. Resolvi então a um anúncio, prestei provas, fui aprovada e pronto, vim até cá. Aceitei a ideia com entusiasmo, porque sempre quis conhecer Portugal, e a verdade é que não fiquei desiludida com o vosso país. Mas o teatro... Em Setembro, no final do meu contrato, vou-me embora para Londres, pois nessa altura não terei dificuldades em arranjar trabalho. E a Lisboa só voltarei para férias.

E quanto ao seu país:

— Só regressarei à Austrália daqui a uns anos. Quero conhe-

cer primeiro a Europa.

CHAD, A DO CORPO SOBERBO

Explosiva (estava tentada a dizer explosiva como o seu país, mas não digo porque Chad nada disse sobre a Irlanda), rosto lindo no corpo mais perfeito que já vi numa corista Chad estava contente:

— Vou-me embora ainda esta semana. O meu contrato termina agora e eu nem olho para trás. Estou cheia de trabalhar aqui. Vim para Portugal pelas mesmas razões das minhas colegas — o tal anúncio — e também porque tenho uma irmã casada que vive aqui em Lisboa. Sim, já cá estive várias vezes a passar férias.

E enquanto mudava de traje num ápice:

— Tenho 19 anos e quero continuar a ser bailarina. Gosto muito da minha profissão e se voltasse atrás escolheria a novamente. Mas aqui não.

ERA CAPAZ DE DANÇAR BEM...

— Chamo-me Stella. Com dois «ll», se faz favor, que tem mais classe. Nasci em Bristol, tenho 24 anos e já cá estou há cinco e meio.

E Stella, com dois «ll», começou a falar com a vontade. De todas as bailarinas ela era quem melhor falava o português e já tinha dito uma ou duas palavras enquanto as suas colegas falavam. Principiou assim a sua história:

— Vim trabalhar para Portugal com o grupo de ballet de Mário Santiago, coreógrafo do ABC. Vim para fazer cabaret, mas acabamos a temporada muito cedo e fui para o teatro. Já fiz, entre outras, «Pois, Pois», «Cala-te Boca», «Esperetza Saloia» e «Ora Bolas P'rá Pagode».



● Marita da Austrália

“Aquilo que fazemos nada tem a ver com os conhecimentos adquiridos”



● Stella diz de sua justiça



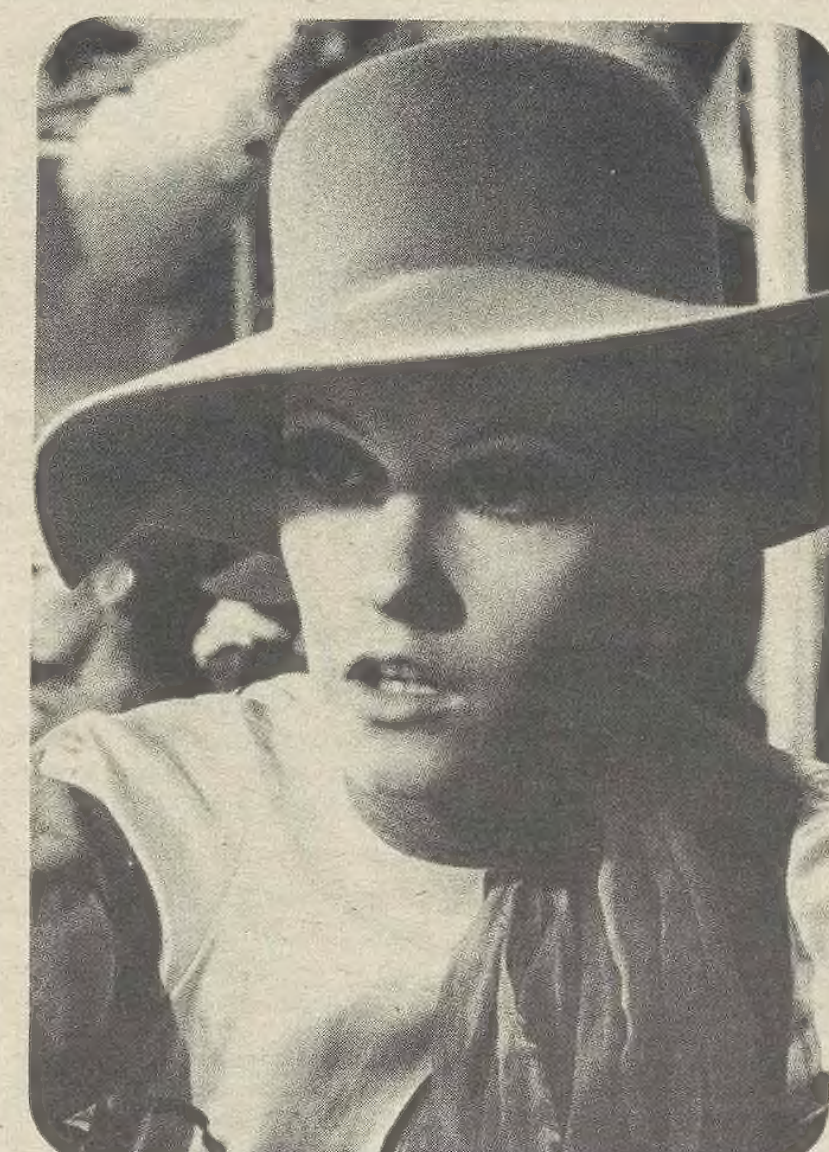
● Rosália mais vestida que Chad

nós, habituadas desde pequenas e isso mesmo. Mas, é claro, depois de fazer o que é costume fazer no palco, perdemos a técnica e até à vontade de dançar bem. Os fatos não ajudam, estragam os nossos corpos, assim como os sapatos que temos de pôr e tirar continuamente nos estragam os pés e as pernas. O que nos vale é a camaradagem existente entre todas nós, pois na verdade todas somos amigas.

Corroborando as palavras de Stella, algumas das suas companheiras foram esclarecendo:

— Devido às condições de trabalho já se foram embora oito das bailarinas que tinham começado. E daqui a pouco não resta nenhuma das originais...

Stella, por exemplo, não está no «Picadilly» desde o início, pois veio há pouco substituir uma «desistente». E chegou a altura de se falar nos ordenados.



● Leslie Odell

GANHAR O SUFICIENTE, MAS...

Uma coisa me parecia evidente: se aquelas mulheres tinham, regra geral, assinado um contrato para trabalhar em Portugal, as condições dos mesmos deviam pelo menos agradar num mínimo. Lesley esclareceu:

— Nós ganhamos o suficiente para viver razoavelmente. Em

Mas outras vozes se levantaram:

— Pois é, mas com o que gastamos em maquilagem e o constante aumento de custo de vida em Portugal as coisas tornam-se mais difíceis. Dada a especialização que possuímos, os longos anos de treino e de escola de dança, não ganhamos por aí além.

Rosália a última das bailarinas com quem falei, limitou-se a confirmar o que as colegas já tinham dito.

E voltou a bater a mesma tecla:

— Gosto de estar em Portugal e já o disse ao meu irmão que vem cá na próxima semana para conhecer o vosso país. Eu faço 21 anos e ele aproveita. Mas mal o meu contrato termina, eu volto para Inglaterra, onde vou tentar fazer bailado clássico.

E já quando me vinha embora, as palavras de Lesley, sempre serena e simpática, explicavam muita coisa:

— Apesar de tudo tenho a impressão que as minhas colegas, se fossem realmente «unhappy» (infelizes), não ficariam aqui. E algumas, como é o meu caso, mantêm-se ou até voltam depois de se terem ido embora.

Vá a gente perceber...

RIBEIRO CARDOSO

UM CERTO SABOR A LIBERDADE

Continuação da pag. quatro

pondo a nú a mediocridade dos segundos. Tudo isto nos leva em suma a lamentar a súbita derrocada de «Big Brother» e a sua condenação a clubes londrinos de segunda ordem, enquanto Tony Bennet ocupa durante horas as camaradas de televisão. Passemos agora à prata da casa: enquanto a crítica saudava festivamente a estreia de «God Father» com Marlon Brando e recomenda

ao público o espectáculo de Marcel Marceau, o senhor Elton John, recuperado duma grave doença no aparelho circulatório (segundo rezam as crónicas) prepara-se para reaparecer na companhia de Linda Lewis. Os bilhetes para o espectáculo estão esgotados há mais de quinze dias, facto que encontra a sua justificação no êxito estrondoso de «Honkey Chateau», o último álbum do cantor.

"SOU UM BAILARINO"

NOVA PELÍCULA SOBRE RUDOLF NUREYEV

Efectuou-se há pouco em Londres a estreia mundial da película «Sou um bailarino», sobre o fabuloso dançarino russo Rudolfo Nureyev. A essa primeira representação de gala assistiu a princesa Margarida, que recebeu Nureyev (vestido com um atraente fato de couro branco, com enfeites de pele). O bailarino ficou comovido quando a princesa disse que ele era o seu bailarino favorito.

Nos doze anos de corridos desde a sua espectacular desercão do aeroporto parisiense de Orly, Nureyev conquistou fama mundial. Incredível proeza para um pobre

rapaz tártaro nascido num vagão de caminho-de-ferro nas geladas estepas da Ásia Central, e que teve de superar as maiores dificuldades para realizar o seu mais ardente desejo: chegar a ser membro, e finalmente bailarino principal do lendário Ballet Kirov de Leninegrado.

Hoje, totalmente aclimatado ao mundo ocidental, Rudy leva uma vida nómada, actuando como «astro» convidado por companhias de ballet de todo o mundo. Converteu-se em membro do «jet set» pequeno grupo de super-estrelas cujas actuações são solicitadas em todo o lado e cuja remuneração é astronómica. Nureyev conta agora entre as suas amigas muitas personalidades famosas, vive no constante esplendor

da publicidade, mas continua a ser acima de tudo um bailarino totalmente entredor



Nureyev e Margot Fonteyn em «Eu sou um bailarino»

gue à sua arte. Com 33 anos, e em pleno florescimento dos seus salientes dotes, dedica actualmente cada vez mais tempo a trabalhar como co-

Por NINA DIMITRIEVITCH

reógrafo e director de «ballet», consciente de que a carreira de bailarino é, infelizmente, demasiado curta.

MAGISTRAL EM TODOS OS ESTILOS

O filme «Sou um bailarino» concentra-se na vida de Nureyev e no «ballet». Desde o famoso «salto» para a li-

panhia que na sua vida errante considera como «seu lar». Assim o diz no filme: «Trouxe da Rússia uma grande bagagem de conhecimentos. Mas só em Londres aprendi a usá-los.»

O LABOR QUOTIDIANO

Contudo, o trabalho de um bailarino não se reduz às actuações no palco. O ballet, tal como a música, é uma forma de arte que há que praticar e aperfeiçoar constantemente. Assim, o filme ao mostrar-nos um dia de trabalho na vida de Nureyev, começa pelo princípio, ou seja, nos ensaios, onde todos os bailarinos se exercitam dia após dia na sua técnica, trate-se de uma estrela como Nureyev, ou do mais humilde membro do elenco. A câmara conduz-nos logo a um esgotante ensaio e finalmente vemos «o produto terminado» no cenário.

O que, em contrapartida, não vemos na película é que, terminada a representação extenuante, ainda restam a Nureyev suficientes energias para ir divertir-se. Envergando os fatos mais modernos vai ver a última sessão de um cinema, ou vai a uma «party» que durará até às primeiras horas da manhã. Mas no dia seguinte está de volta aos ensaios, revendo laboriosamente todos os exercícios obrigatórios.

Não é muito frequente serem bem sucedidas as transposições de «ballet» para a tela, e foi um êxito considerável do director francês desta película, Pierre Jourdan (ele próprio antigo bailarino) que as sequências de bailado logrem em cinematografia o pleno efeito de uma actuação no teatro. A obra faz realçar o brilhante talento, a personalidade mágica e a intensa consagração de Rudolfo Nureyev, e por aí há-de interessar grandemente os milhares de pessoas, em todas as partes do mundo, que nunca viram dançar Nureyev e que só o conhecem pela reputação de ser um dos mais fabulosos bailarinos do nosso tempo.

Não é por acaso que vem na página seguinte: ele é a «sombra negra» de Nureyev.

BORTOLUZZI

medir o seu talento com o que há de melhor. A Fracchi e a Makarova tinham dançado antes ao lado do grande Erik Bruhn.

Mas Bortoluzzi é muito diferente de Bruhn. Bruhn era o impecável clássico que dança com um estilo de tão intensa pureza que parece encarnar a personificação do dançarino nobre. Bortoluzzi, se é que pode ser comparado com outra estrela da actualidade, então é com Rudolfo Nureyev. Ambos possuem um instinto melodramático, magnífico. Ambos interessam por dirigir a coreografia tanto como pela dança, e ambos dançam com uma elaborada mas felina leveza.

Após 12 anos como principal figura masculina no Ballet do Século XX, de Maurice Béjart, em Bruxelas, Bortoluzzi decidiu que aquilo que lhe interessava agora é alargar a sua experiência e reputação. Assinou um contrato com a Companhia Americana de Ballet e Teatro, para actuar como bailarino principal, e está já a tomar relevo na companhia durante o actual contracto no Lincoln Center. Se conquistar o género de aplausos que recebeu na Europa — e já críticos e plateias de Nova York se mostram entusiastas — promete tornar-se, aos 34 anos, um dos maiores bailarinos do ballet internacional.

No «Ballet Theater» é o par das duas bailarinas principais — Natalia Makarova e Carla Fracchi. Um bailarino não irrompe para o meio de uma tal companhia a não ser que seja muito bom, e seguro bastante para

berdade, amplificou consideravelmente o alcance das suas aptidões e hoje é igualmente brilhante na interpretação dos antigos «ballets» clássicos nos mais vanguardistas, criados pelos coreógrafos contemporâneos. O filme ilustra-o com quatro cenas de outras tantas entre as maiores interpretações de Nureyev. Apresenta-nos o majestoso e clássico pas-de-deux de «A Bela Adormecida», que dança com a sua partenaire Lynn Seymour, do Royal Ballet; uma cena do antigo e romântico ballet «As Sinfides», onde acompanha a popular bailarina italiana Carla Fracchi; uma variação de «Field Figures», extremamente modernista, original do coreógrafo norte-americano Glen Tetly; e, finalmente, a versão completa de «Margarida e Armand», de Frederick Ashton, exemplo supremo da famosa actuação conjunta de Nureyev e Margot Fonteyn.

O próprio Nureyev reconhece plenamente o valor que teve para a sua carreira no ocidente a associação com a Fonteyn; sublinha que compartilha com ela «a mesma visão e uma compreensão completa». Além disso, dedica muito tempo a trabalhar com o «Royal Ballet» de Londres, a única com-

car a dança aos 15 anos. Natural de Génova, provém de uma família que não queria ver o filho transformado em dançarino.

«Tivemos imensas discussões», declara ele. «Pensavam que a minha vida ficaria destruída se me dedicasse à dança, mas eu amava a música e o teatro, e de qualquer modo tinha muitos problemas na escola. Gostava da ginástica, mas preferia ir às aulas de ballet do que estudar».

Agora dá-se conta de que é importante não abandonar a escola pela dança mas aos 18 anos era já um profissional e quando entrou para a companhia de Béjart, em 1960, dançara já em diversas pequenas companhias.

Com Béjart dançou mais ballet moderno do que clássico.

O ballet de Béjart é uma organização deliberadamente moderna que por vezes coloca a ênfase mais nos efeitos teatrais do que propriamente na dança. Um dos mais extraordinários papeis de Bortoluzzi foi o de «Pássaro de Fogo», tradicionalmente dançado por uma bailarina.

Contudo já teve o seu quinhão de ballet clássico fora da disciplina de Béjart. Gisèle e o «O Lago dos Cisnes», no Scala, «O Lago dos Cisnes», em Génova, «A Bela Adormecida», «O Quebra Nozes» e «Coppélia» na Alemanha, e, em Itália, o «Apollo», de Balanchine. Até dançar o «Apollo», há pouco tempo, nunca dançara nada coreografado por Balanchine. E foi... uma coisa extraordinária. Parecia que esse bailado fora feito para o meu corpo. Nunca

antes tivera uma sensação semelhante. Tenho a certeza que outros dançarinos a experimentaram, mas para mim foi maravilhoso.

Após doze anos passados com Béjart, porém, sente que os papeis clássicos devem ser abordados com atitudes contemporâneas. «Há um modo de encarar o «ballet» que diz que aí se deva preservar as coisas antigas, como num museu. Eu não acho que se deva manter as coisas como eram há 20, 50 anos. Daqui a 20 anos também o ballet terá mudado. Um dançarino deve ter liberdade. Um dançarino deve ser belo de ver. Deve também ser muito forte tanto física como mentalmente. Não deve ser um imitador. Faça as coisas no «Espectro da Rosa» que nunca ninguém me ensinou».

Acendeu outro cigarro. Fuma 10 ou 15 por dia. «É o único prazer que eu tenho» — disse a rir.

Disse também que tem de se habituar ao estilo mais rápido do «American Ballet Theater» o que parece pertinente. Vários observadores, tanto dentro como fora da companhia, notaram os seus gestos largos, num estilo grandioso, próprio dos europeus. «Muitos dançarinos não prestam atenção nem às mãos nem aos braços. Eu presto. Todavia, no contexto do estilo do «Ballet Theater», tais gestos podem às vezes parecer «flamboyants».

Casado há dois anos com uma bailarina da companhia de Béjart, assentaram o seu lar permanente em Bruxelas. Esperam um filho para o mês que vem. «Se ele...» Começou Bortoluzzi, e depois sorriu, e emendou: «Se a criança que vier quiser vir a dançar, explico-lhe o quanto árduo é. Quanto trabalho. Explico-lhe todas as coisas más e todas as coisas boas. E se mesmo assim quiser seguir a dança, se o dom estiver nele, fico feliz.»

CAMPANHA DE SEGURANÇA

«FÉRIAS-72»

475\$00

O PREÇO DAS SUAS FÉRIAS COM TRANQUILIDADE

- 1 — Afinar travões
- 2 — Equilibrar rodas
- 3 — Alinhar direcção
- 4 — Verificar suspensão
- 5 — Focar faróis
- 6 — Controlar bateria
- 7 — Ver. velas e platinados
- 8 — Ver. sistema de refrigeração
- 9 — Medir compressão do motor
- 10 — Controle exterior dos pneus
- 11 — Lubrificar e ver níveis
- 12 — Controle no banco de ensaio

UTILIZE ESTA NOSSA CAMPANHA PARA SUA COMODIDADE E SEGURANÇA ATÉ 30 DE SETEMBRO

escape

R. CASTILHO, 72-A — TELS.: 561616-561919

CARROS USADOS

Modelos DATSUN com garantia
Grandes facilidades de pagamento

ENTREPOSTO

Praça de Moscavide (aos Olivais) — Tels. 314060/1/2/3/4/5/6/7/8/9
Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 88-A — Tel. 765480 — Lisboa
Rua D. Estefânia, 118-A (ao Arco do Cego) Tels. 533271 — 553310

Naia

Rua do Carmo, 45

PRONTO A VESTIR — MALHAS — LINGERIE

SALDA

A PARTIR DE 2.ª FEIRA

ESCOLA DE ENFERMAGEM
DE S. JOÃO

Até 15 de Setembro estão abertas as inscrições para os cursos de:

- Enfermagem geral.
- Auxiliares de enfermagem.
- Especialização obstétrica para enfermeiras e para auxiliares de enfermagem.

Pedido de informações à Secretária da Escola à Praça 9 de Abril, 161 — Porto — Telef. 44075.

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA

Sede: Av. Elias Garcia, n.º 123-2.º — Telef. 76 50 23/24
Centro Social: R. da Palma, n.º 278-2.º — Telef. 86 00 34
LISBOA

AVISO-CONVOCATÓRIO

Em continuação da Assembleia Geral realizada no dia 28 do corrente, e com a mesma Ordem de Trabalhos, convoco todos os sócios deste Sindicato para reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, no próximo dia 4 de Setembro, pelas 21 horas, na Sociedade de Instrução e Beneficência A VOZ DO OPERÁRIO, Rua Voz do Operário, n.º 13, em Lisboa.

Não havendo número legal de sócios, a Assembleia funcionará, meia hora mais tarde, com qualquer número.

A qualidade de sócio deve ser comprovada com a apresentação do respectivo cartão.

Lisboa, 30 de Agosto de 1972

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) Ernesto Gil de Oliveira

Almada Negreiros EXTERNATO

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 48-1.ª
Tels. 538308-538349

Junto ao Teatro Monumental

CICLO PREPARATÓRIO, LICEAL
INSTITUTOS

DIURNO — NOCTURNO

(ABERTAS AS INSCRIÇÕES)

Serviço Telefónico Automático Continente-Madeira

Os CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL e a COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI informam que, no dia 1 de Setembro às 20 horas, se inicia o Serviço Telefónico Automático entre o Continente e o Arquipélago da Madeira através do cabo submarino CAM1 instalado pela Companhia Portuguesa Rádio Marconi.

Inicialmente tem acesso a este serviço os assinantes da zona de Lisboa cujos telefones tenham números começados por:

212 a 219

251 e 252

3

— excepto 31 e 38

4

5

6

— excepto 61, 63 e 64

7

— excepto 70 e 749

8

97

As comunicações a partir destes telefones obtêm-se marcando o indicativo — 06 — seguido do número do telefone desejado na Madeira.

A taxação destas conversações far-se-á na base de uma unidade de contagem (\$70) por cada 3 segundos de duração.



MÚSICA JOVEM

OS 10 MAIS

Chuva de coisas novas, esta semana, se exceptuarmos «Cigano do Amor», «How do You do» e «Alone Again». Esta última composição ainda nos deixa alguma esperança quanto às canções de qualidade e sua presença no «top» de Lisboa. Entre parêntesis vão as classificações da semana passada.

1	«TACA-TACA» (-) Donald	6	«L'Amour, un vagabond» (-) Michel Delpech
2	«Popcorn» (8) The Popcorn Makers	7	«Um beijo uma flor» (-) Nino Bravo
3	«Cigano do Amor» (-) Francisco Petronio	8	«Un Canto a Galicia» (-) Julio Iglésias
4	«How do you do» (-) Mouth and Mc Neal	9	«Alone Again» (Naturally) (9) Gilbert O'Sullivan
5	«J'ai Jamais aimé come je t'aime» (-) Frederic François	10	«Rocket Man» (-) Elton John

Consultadas as seguintes discotecas: Melodia, Universal, Grandella, Valentim de Carvalho e Carmo

Os "mais" das etiquetas

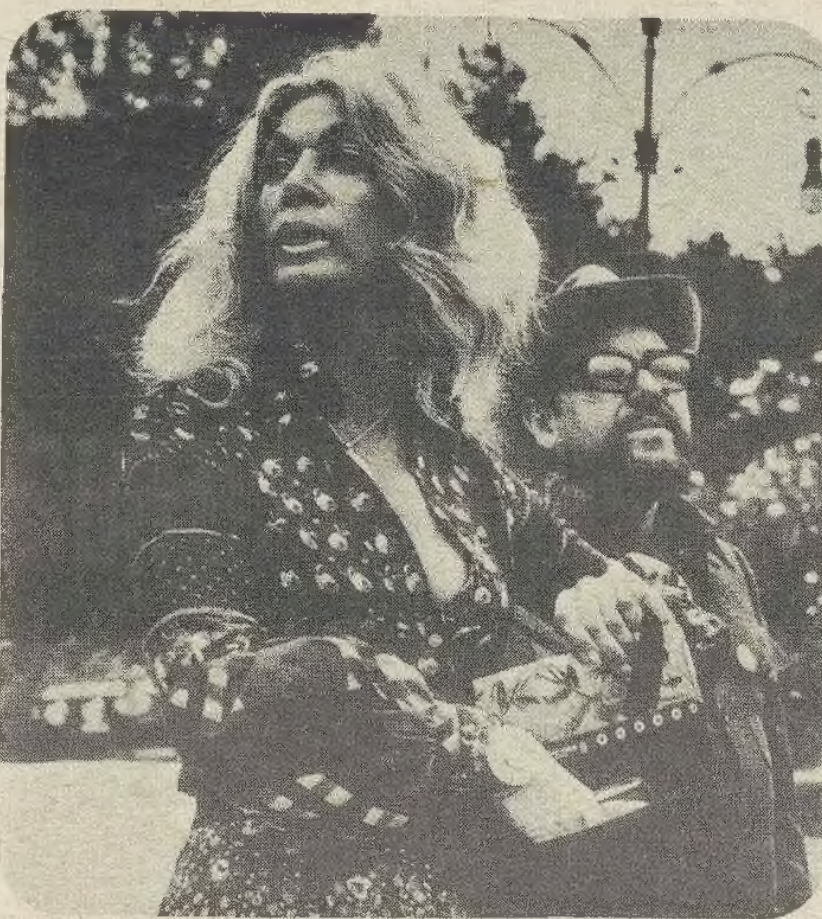
Alvorada	CIGANO DO AMOR Francisco Petronio	O SEGREDO QUE EU TE DISSE Maria Valejo
Arnaldo Trindade	WITHOUT YOU Nilsson	CANTIGAS DO MAIO José Afonso
CLAVE	POPCORN The Popcorn Makers	
Estúdio		SEI QUE CREIO EM TI José Manuel
Grande Feira do Disco	SOME DAY NEVER COMES Credence Clearwater Revival	SABIÁ Márcio Ivens
Movieplay	BECAUSE I LOVE Majority One	SÃO HORAS MENINOS Família Pituxa
Phonogram	SONG SONG BLUE Neil Diamond	ESTA FESTA DAS CIDADES Vários
Rapsódia	ANGIOLINA Sérgio Endrigo	AVÓZINHA Maria José e Mini-Trio
RCA	TRINITA Annibale	ORA BATE BATE Teresa Tarouca
RR	SING SPAIN Alfredo Krauff	CORRIDINHOS DO ALGARVE Carlos Areias
TECLA	PASODOBLES IMORTAIS	As cinzas da saudade
Sassetti	SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA Strawinsky	TANGO DOS PEQUENOS BURGUESES José Jorge Letria
Valentim de Carvalho	OH JULY Los Diablos	GEORGINA Grupo Bayete
Zip	MAMINA Dalida	PEDRO SÓ Manuel Freire

NO ESTRANGEIRO



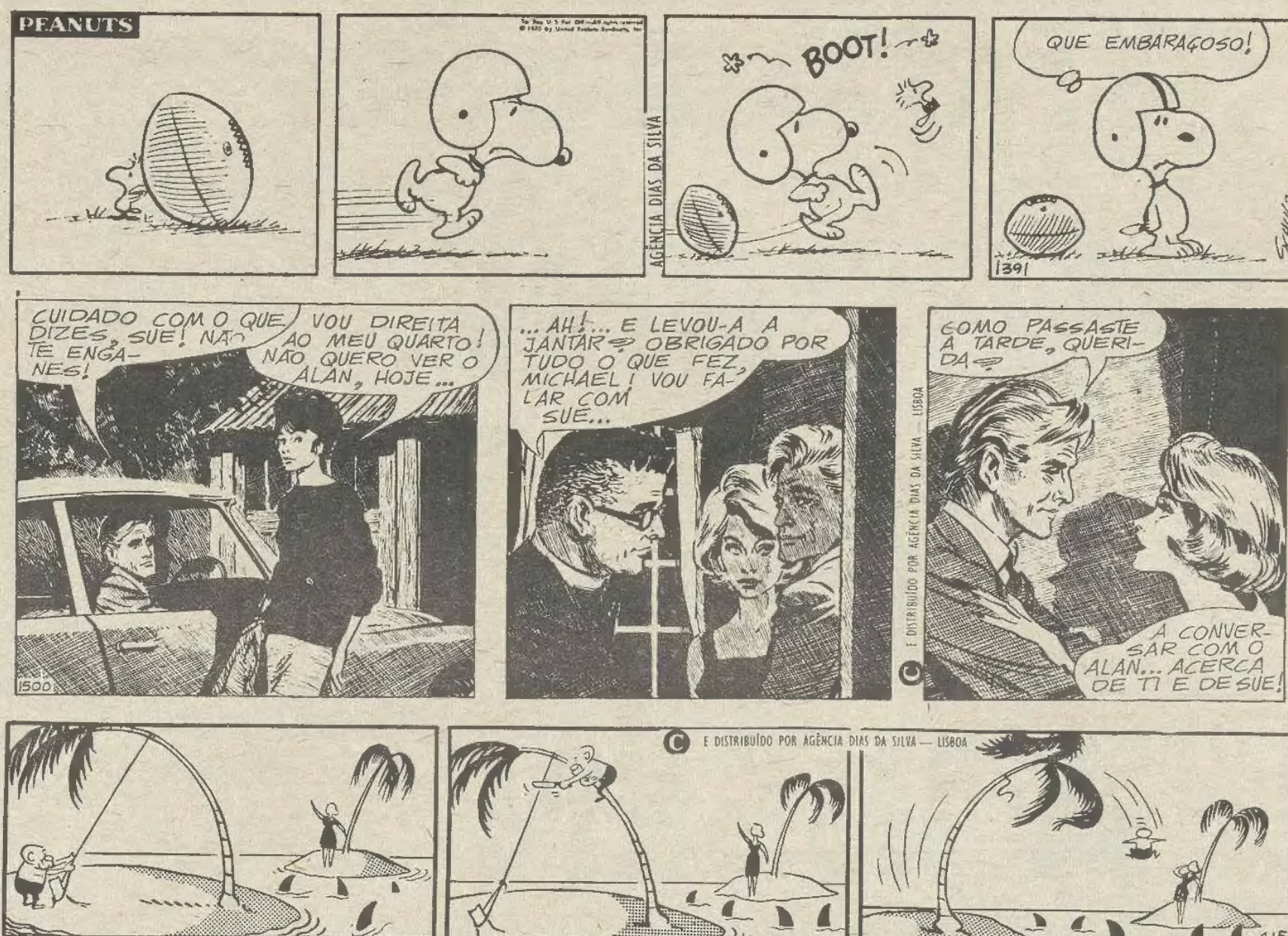
LONDRES — Rod Stewart, o superastro britânico de cabelos desgrenhados e que costuma bater com os pés quando canta, conseguiu outro êxito duplo notável nas tabelas de classificação de discos de Pop-Music. O seu novo álbum «Never a Dull Moment» ocupa o topo da classificação de álbuns, enquanto que uma faixa dele, «Your Wear it Well», se acha na posição cimeira entre os «Dez Mais» da Grã-Bretanha. Rod, que dirige o conjunto «Faces», tem tido um êxito considerável como solista. Teve antres vários discos e álbuns de grande venda. Entretanto, Derek e os «Dominoes» aparecem na tabela britânica em sétimo lugar, com um novo disco promissor, enquanto que «The Locomotion», de Little Eva, uma reedição de um clássico dos anos 60 que provocou uma nova loucura de dança, parece destinado a grande sucesso. Em Nova Iorque, Gilbert O'Sullivan foi destropado por um conjunto chamado «Class» e por uma canção intitulada «Brandy». Garry Glitter, da Grã-Bretanha, aparece nessa tabela com o seu «Rock And Roll Part Two», que tem estado incluído nos «Dez Mais» de todo o mundo no auge de um período de renascimento do «Rock».

James Brown



TENNESSEE WILLIAMS E VENEZA

Tennessee Williams está em Veneza para assistir ao Festival. Não foi só. Acompanhou-o a actriz inglesa Silvy Miles, por sinal «estrela» do filme «Star of Heat». Tennessee afirmou aos jornalistas que se vai retirar para uma quinta e dedicar-se à lavoura. Silvy, por seu lado, não diz o mesmo do seu futuro...



palavras cruzadas

COM PROVÉRBO
PROBLEMA N.º 10183

HORIZONTAIS:

- Governa. Nome de peixe.
- Agude. Artigo definido.
- Compositor e pianista espanhol divulgador da antiga música popular. Piedosa.
- O mesmo que alaga. Tragédia em cinco actos de Shakespeare.
- Letra grega. Pronome pessoal. Osmio (s.g.). Ba-tráquio.
- Campeão. Artigo definido.
- Basta.
- Brancas. Pesquisas.
- Tombar. Guarnição de armas.
- Gosta muito de. Cinquenta e seis em romano. Pronome relativo.
- Invulgar. Tempo do verbo ser. Transpirar.
- Guarnição de asas. Trilura-ra.

VERTICAIS:

- Derramar. Peixe de água doce (Bras.).
- Acirro. Sacerdotes budistas tibetanos.
- Red. de menina. Despachara.
- Preposição. Nome de homem. Viração.
- Cidade de França. Chiste.
- Nesse lugar. Lê.
- Ferro temperado. Chega.
- Alteza Real. Concordar. So-litário.
- Artérias. Assalto.
- Descascar. Causar amuo a.
- Dejeira. Costumara.

Resolva completamente este problema? Procure então como segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6339

HORIZONTAIS:

- Cidade da Alemanha. Fluido aeriforme. Célio (s.g.).
- Gamera (Bras.). Rio de Portugal.
- Assassinara. Prasiódimo (s.g.).
- Pedra de altar. Remara para trás.
- Oferece. Vida militar.
- Renque. Cidade da Jugoslávia. Bário (s.g.).
- Cidade. Cabelos brancos.
- Abacia. Cobre (s.g.).
- Mãe de Rômulo e Remo. Económico.
- Anual. Peixe de luz do sol.
- Adicionara. Camareiras.

VERTICAIS:

- Cidade da Pérsia. Leves.
- Acóla. Lago.
- Freguesia do concelho de Castelo Branco. Guarneciam de asas.
- Dera mios. Bebedeira.
- Livro de versos de António Nobre. O mesmo que penha (ant).
- Grande. Externo. Rádio (s.g.).
- Em partes iguais. Guarda segredo. Pata.
- Crisol. Prédio.
- Cidade Roménia. Calejei.
- Cento e cinco em romano. Cidade da África Ocidental, sobre o Níger. Rema para trás.
- Cadeira de braços (ant). Es-moncas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10182

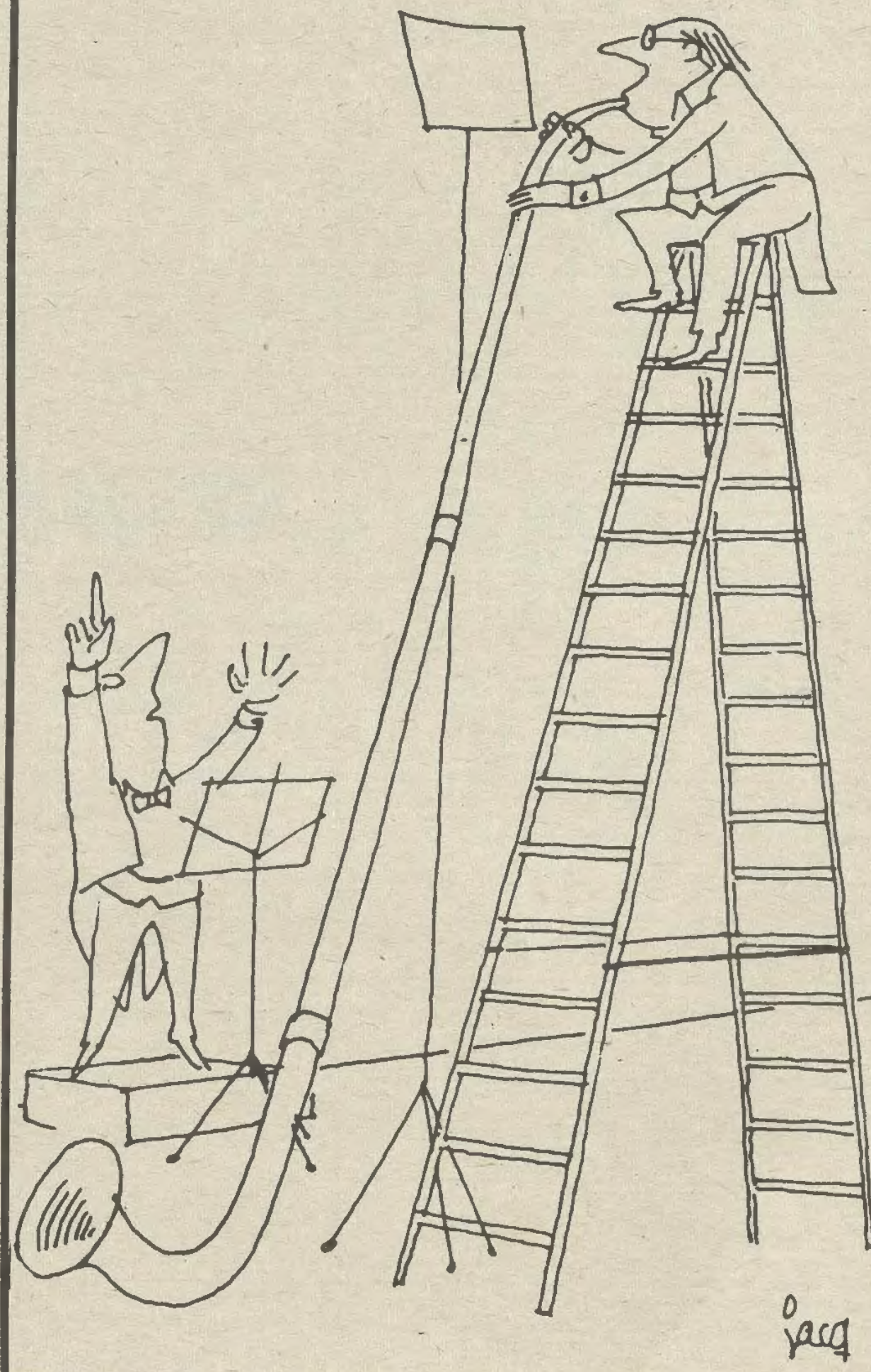
- HORIZONTAIS:
- CHAPA. GANHA.
 - Ho. Cal. Al.
 - Apá. Sic.
 - Cal. Má.
 - Passariam.
 - Alfar. Piara.
 - Aramariam.
 - Ta. ONU.
 - Alé. Ana.
 - Câmara. Ou.
 - Amais. CHAPA.
- VERTICAIS:
- Cão. Pastava.
 - Ho. Cal. Al.
 - GASTA. Eça.
 - Pa. Isara. Al.
 - Ama. Ara. Ama.
 - Opor. Mona.
 - Gr. Apl. Arc.
 - An. Paíro. Ah.
 - Nas. Maina.
 - Im. Rau. Op.
 - Algaram. Lua.

PROVÉRBO: Chapa ganha, chapa gasta.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6338

- HORIZONTAIS:
- Quinteiro.
 - Mão. Los.
 - As Ramal. Cr.
 - Crpa. Anão.
 - Uio. Ada. Era.
 - Alara.
 - Grata. Impós.
 - Me. Eu.
 - Si. Pio. Rei.
 - Talão. Vagir.
 - Amais. Aroa.
- VERTICAIS:
- Pacu. Gasta.
 - Solar. iam.
 - Um. Pó. Amola.
 - Iera. Até. Al.
 - Nos. Ais. Pos.
 - Muda. Fi.
 - Ela. Agi. Ova.
 - Tola. Ame. Ar.
 - Rá. Ne. Purgio.
 - Cardo. Eis.
 - Croa. Saira.

A TUBA



TEATRANDO EM LONDRES 2

OSBORNE

DA IRA

A IBSEN



«HEDDA GABLER» de Ibsen, Adaptação de John Osborne. Encenação de Anthony Page. Cenário de Alan Tagg. Figurinos de Deirdre Clancy. Luzes de Andy Phillips. Intérpretes: Ronald Hines, Jill Bennett, Mary Merrall, Barbara Ferris, Denholm Elliott, Brian Cox, Anne Dyson. Royal Court Theatre, Julho 1972.

«WHEN WE DEAD AWAKEN», de Ibsen; Tradução de Michael Meyer. Intérpretes: Mark Penfold, Diana Patrick, Pat Rossiter, Michael Harrigan, Nicholas Ball, Emma Williams. Produção e encenação de POTAWOCA. Oval House. Julho de 1972.

Desde o grito expresso em «Look Back in Anger» até esta adaptação de Ibsen muita água correu sob a ponte da revolta de John Osborne um dos mais combativos **Angry Young Men**, de cuja peça de estreia um outro «jovem irado» (o grande crítico Kenneth Tynan) disse: «Não posso admitir que alguém com menos de trinta anos não goste desta peça, que deu ao teatro inglês dos anos 50 uma vitalidade que agora, nestes anos 70, aparentemente não é mais do que uma recordação. John Osborne integrou-se já na galeria ilustre dos «grandes vultos do teatro inglês» — glória que decerto não estaria nos seus cálculos quando justamente vociferava contra o «establishment».

«Há muito tempo que me sinto fascinado por Hedda Gabler, não apenas pela personagem mas pela própria peça», escreveu Osborne na Introdução que fez para a edição do texto, acrescentando: «O ponto mais importante desta adaptação e deste espectáculo é muito simples: a complexidade do carácter de Hedda Gabler é tanto mais rica quanto mais ricas surgem as outras personagens da peça».

Seria, aliás, curioso analisar as razões que fazem de Ibsen talvez o dramaturgo estrangeiro mais representado em Inglaterra. Mesmo esta peça foi apresentada recentemente em Londres (creio que em 70/71) numa encenação de Ingmar Bergman com a notável actriz que é Maggie Smith no papel titular. Espectáculo muito discutido (Osborne chama-lhe lamentável) porque o realizador sueco deu uma óptica marcadamente psicanalítica à sua encenação: trata-se da «mera história de uma neurose sexual», na definição de John Mortimer, no «Observer».

Essa concepção freudiana não existe no trabalho de Osborne. E em que consistiu, afinal, esse trabalho? Não se julgue que a sua adaptação é uma recriação no sentido que habitualmente damos à palavra. Efectivamente, o texto de Osborne reproduz com fidelidade quase total o original (comparei o texto inglês com traduções em francês e em espanhol) limitando-se a algumas modernizações da linguagem (nada de escandaloso) e a tornar, por vezes, mais enfático, mais directo o texto de Ibsen. Vejamos um pequeno exemplo. No início do segundo acto, há um diálogo entre Hedda Gabler e o Juiz Brack em que aquela traça um retrato irónico mas de certo modo piedoso do marido. Segundo as traduções referidas, Hedda diz: «Quanto a Jorge, devo dizer que é uma pessoa correcta em todos os sentidos...» Eis o diálogo que se trava na adaptação de Osborne:

Brack — Não tenho a certeza de que a senhora tenha razão.

Hedda — Razão. As palavras que o senhor usa! Julgo que quer dizer que Jorge é isso em absoluto. Razoável, respeitável, circunspecto, impecavelmente bem comportado. Tudo isso.

O retrato de John Tesman, é, pois, mais cruel, mais directo, mais sarcástico. A intervenção de Osborne foi toda no sentido de tornar mais explícito o que era apenas implícito em Ibsen, de levantar ou iluminar o subtexto do original. No entanto, poderemos dizer que esta «Hedda Gabler» está inteira em Ibsen. Se os ingleses consideram esta versão como uma das melhores que lá foram feitas essa reacção deve-se primordialmente ao facto da personagem-chave ter assumido aqui o carácter de vítima que para eles a define com mais justeza do que o carácter diabólico que outros vêem nessa personagem. Com efeito, a Hedda Gabler de Jill Bennett (lembra-se dela no filme de Jack Clayton «Um

Lugar na Alta Roda»?) surge como uma mulher solitária e desamparada que luta e faz mal quase inconscientemente, sem saber porquê (talvez apenas porque se aborrece). A primeira vista não se pode tomar muito a sério o desejo de revolta que o seu comportamento exprime e que não é mais do que a reacção de uma ave presa numa gaiola demasiado estreita.

No entanto, quase subterraneamente, numa críspação, num sorriso forçado, numa carícia indiferente, aparece-nos o carácter complexo da personagem reflectido sobretudo nas suas manifestações doentamente possessivas. Essa linha muito tênue mas perceptível dá-nos o eco do diálogo que a personagem trava constantemente com as outras personagens — o marido, o ex-amante, a amante deste, o Juiz — e, principalmente com ela própria e com a criança que possivelmente traz no ventre. O filho de Hedda é, aliás, uma espécie de fantasma porque a sua possibilidade é apenas subentendida. O momento em que Hedda vê desfazer-se a sua visão romântica do mundo (o genial escritor não pusera fim à vida corado de rosas como ela imaginara) coincide com o momento em que sabe que vai ser mero objecto nas mãos de outro homem (um homem que nada tem de romântico; que não passa, na realidade, de um cínico explorador das coisas e dos seres). Hedda não pode resistir a esse duplo fracasso: mata-se. A sua morte representará a seus olhos uma última tentativa de dar uma forma (bela) à vida, destruindo-a, destruindo-se. Porque nesta peça, ou, pelo menos, nesta personagem trava-se fundamentalmente um conflito de forma e de conteúdo. A tragédia de Hedda Gabler consiste em não encontrar no meio em que vive as formas que possam

CRÓNICA DE CARLOS PORTO

valorizar ou merecer o seu próprio conteúdo. O seu sentido de posse tem aí origem: Hedda luta para que os outros compreendam a necessidade de dar um outro sentido à vida. Sob esse aspecto, Hedda é uma vítima embora comece por ser vítima de si própria.

A encenação de Anthony Page (que contou com um cenário muito bem concebido e solidamente construído) foi perspectivada de acordo com a linha da adaptação, sublinhando o equilíbrio entre as personagens, proposto pelo adaptador. Esse equilíbrio manifesta-se não apenas através da interpretação como da marcação e da própria iluminação (magistral). A cena possuía um carácter quase clássico em que tragédias como as de Ibsen só poderiam ser narradas ou vividas com grande serenidade, quase em surdina.

Não se procure aqui um teatro marcado pelo génio. Num espectáculo como este o que impressiona (em especial o espectador luso como é lógico) é o que nele há de transparente, de antiteatral, não obstante ser visivelmente teatro (observe-se o seguinte pormenor: embora o cenário fosse rigorosamente naturalista, a teia, em vez de tecto, estava ocupada pelo jogo de projectores).

Não observei ao longo do espectáculo uma discrepância, uma nota falsa, um erro. O texto ia sendo levantado com a naturalidade (e a força e o rigor) de quem constroi algo de sólido de concreto, de perfeito (como a própria peça nas suas estruturas teatrais).

A interpretação de Jill Bennett pareceu-me correctíssima embora gostasse de lhe encontrar um pouco mais de sal. Sal que encontrei na interpretação de Denholm Elliott (no Juiz Brack) em quem descobri um actor de grandes recursos.

O Oval House é um clube de teatro cujos espectáculos se situam naquilo a que chamamos teatro marginal. Vi lá um grupo independente representar um original de Ibsen praticamente desconhecido e supondo que nunca representado entre nós.

Não deixa de ser curioso e, até certo ponto, paradoxal, vir encontrar num teatro deste tipo um espectáculo como este que não contém nada de contestatário, nem de agressivo.

Nem o texto nem a encenação — que não era mais do que a sua leitura correcta — podem ser integrados num teatro de vanguarda, não obstante tudo à volta do espectáculo parecia pedir esse teatro, desde a sala (uma antiga garagem sem palco com cerca de 100 lugares) até à assistência, composta exclusivamente por jovens que seguiram todo o espectáculo com um respeito quase religioso.

Epílogo dramático chamou Ibsen à sua peça, de facto a última que escreveu. Trata-se de um drama em 3 actos (aqui representados sem intervalo), que constitui uma meditação sobre a arte e sobre a morte.

Numa estância de repouso, um escultor e sua mulher estão a passar algum tempo. Entre os hóspedes do hotel observa-se uma jovem sempre acompanhada, a curta distância, por uma freira. Diz-se no hotel que a jovem está louca e viera ali para repousar. Trata-se de Irene que fora o modelo de que o escultor se servira para criar a obra que o celebrizara e a que dera o título de «O Dia da Ressurreição». Representava a escultura uma jovem no momento de despertar da morte, integrada num conjunto de figuras que representavam a Humanidade na sua demência e no seu desespero.

O artista fala com Irene que o inectiva pelo facto de não ter compreendido que ao transportar o seu corpo para o mármore roubara a sua própria alma sem que, no entanto, o amor existisse entre eles.

Enquanto a mulher do escultor se interessa por um caçador com quem desaparece (homem que está nos antípodas do marido), o artista e Irene resolvem ir ao cimo da montanha para que de novo possam voltar à verdadeira vida. Uma tempestade mata-os.

Ibsen pôs nesta peça o problema do artista que tudo sacrifica à sua obra num movimento de autêntica antropofagia.

O escultor que a peça retrata (há quem veja nele traços autobiográficos) compreende que destruiu não só a vida da mulher que tudo lhe dera (ou estava pronta a dar) como a sua própria vida, em troca de uma obra que, apesar de aplaudida por todos, estava morta. Por isso resolve despertar dessa morte aparente dando de novo a vida à mulher a quem dera a morte ao criar arte. Pode considerar-se que a peça decorre numa espécie de purgatório, sendo o inferno constituído pelo mundo cá de baixo e o paraíso o cimo da montanha onde Irene e o escultor encontram a morte que seria afinal a autêntica vida. Enquanto, a mulher dele canta que encontrou a liberdade que seria na verdade a verdadeira morte.

É óbvio o que há de idealista na concepção da arte e da própria vida proposta por Ibsen. Por isso, se torna mais surpreendente que um grupo de gente jovem como este se tivesse disposto a criar esta peça.

Excelente nível de interpretação e belíssimas soluções na criação do espaço, sobretudo através do emprego, no solo, de elementos reflectores.

No entanto, o que mais me surpreendeu neste espectáculo foi a qualidade técnica do material utilizado, tanto no que diz respeito à luz, como ao som. Num teatro aparentemente pobre como este parecia, essa qualidade técnica exprime com eloquência a seriedade com que os ingleses encaram a prática do teatro.

Depois de um curto intervalo, um outro grupo (The Inebus Theatre Group) apresentou a teatralização de uma história do folclore medieval: «The Travels of Goodman, Jacques», texto de Paddy Fletcher. Durante meia hora assistimos a um espectáculo divertidíssimo tanto no que se refere à própria história como às propostas satíricas que os actores, a caracterização e a marcação lhe integravam. Uma das personagens ia ao ponto de roubar objectos de espectadores ao mesmo tempo que fingia degolá-los.

Espectáculo de cariz brechtiano: com personagens tão fortemente caracterizadas que se tornavam típicas, e notavelmente interpretado.